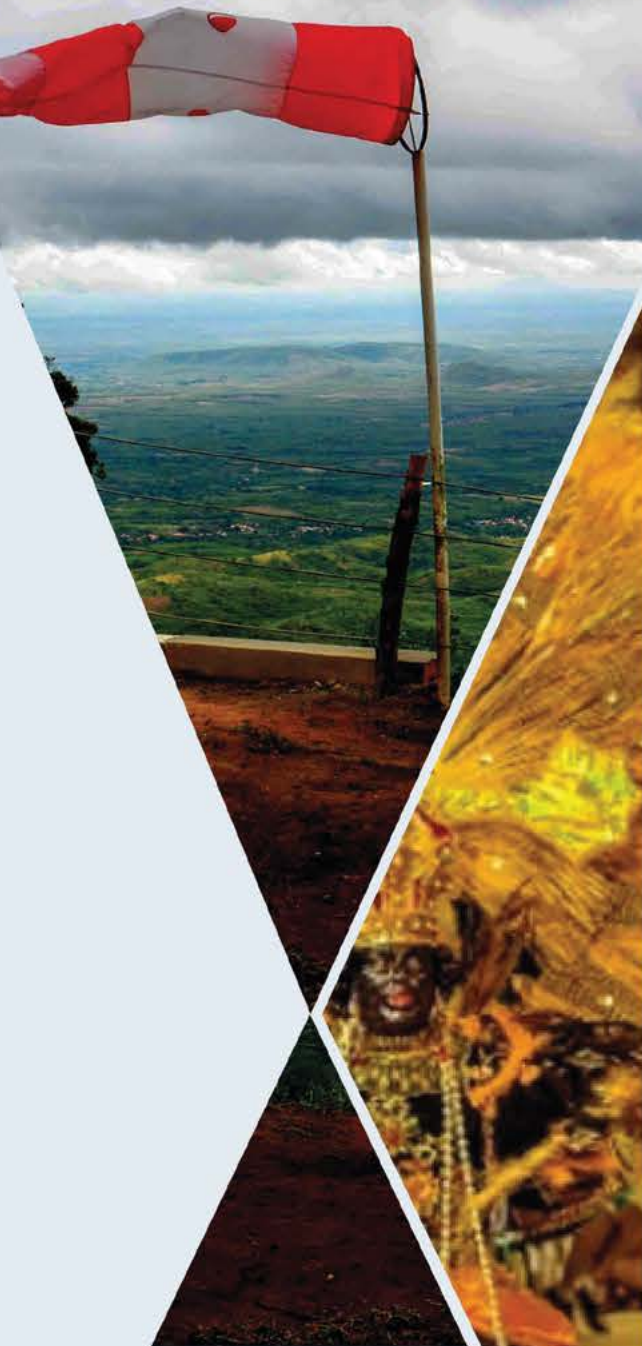




CRÔNICAS 2

TERRA CARNAVALESCA

Christian Dennys
Monteiro de Oliveira

Transiente
editora



**CHRISTIAN DENNYS MONTEIRO
DE OLIVEIRA**, 8 anos depois da pu-

blicação de suas primeiras crônicas
carnavalescas, mudou um pouco,
embora nem tanto. Mais rugas e ri-
sos lhe permitem brincar de Inti
Raymi, nas Festas do Sol Inca, neste
lado oriental do continente. Claro,
continua um carioca da cidade de
São Paulo e um cearense na leitura
de Brasil. E, por batalhas amorosas,
se mantém casado, pai de um par de
filhos e praticante de Yoga, quando
seu Cristianismo muito lhe desafia
mais e mais. Agora virou também
Professor Titular do Departamento
de Geografia da Universidade Fe-
deral do Ceará, para além de Geó-
grafo (licenciado, bacharel, mestre
e doutor) pela USP, Pós-doutor pela
Universidade de Sevilha (Espanha)
e bolsista Produtividade do CNPq,
estudando os Carnavais de 13 ci-
dades da Bacia do Atlântico, em

CRÔNICAS 2

TERRA CARNAVALESCA

Christian Dennis Monteiro de Oliveira



Fortaleza

2023

Fotografias

Raimundo Freitas Aragão

Design de Capa & Diagramação

Rebeca Gadelha

Diagramação ePUB

Bruno Rodrigues



www.editoratransiente.com

editoratransiente@gmail.com

 (85) 9 8127 - 5421

Dados para Catalogação na Fonte

Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

O48c

Oliveira, Christian Dennys Monteiro de

Crônicas 2: terra carnavalesca / Christian Dennys Monteiro de Oliveira; revisão Crislay Michaeli; fotografia Raimundo Freitas Aragão; capa, design e diagramação Rebeca Gadelha. - 1. ed. - Fortaleza: Transiente, 2023.

PDF (252 p): il. color.;

ISBN 978-65-85720-00-7

1. Crônica brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.4

APRESENTAÇÃO

Os textos presentes neste volume 2 de crônicas foram escritos ao longo de quase três anos, por meio de postagens pessoais e periódicas feitas pelo autor nas plataformas instagram e facebook. É importante frisar que esses textos mediaram a interação com seu grupo de amigos e amigas, alguns(mas) deles(as) saudosos(as) da versão inicial das “crônicas” produzidas em 2015.

Num semelhante movimento de experimentação literária, o livro **Crônicas 2: terra carnavalesca** segue a mesma dinâmica das postagens: coletar fatos predominantemente midiáticos, capazes de impactar nossos olhares, pensamentos e valores.

As fotografias presentes neste livro são de autoria de Raimundo Freitas Aragão, professor e doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará- UFC, que as cedeu gentilmente para dialogar com cada texto, em substituição às imagens utilizadas no rascunho original das redes sociais.

A ideia de associar imagens aos textos é permitir uma reflexão para além do que está escrito e, assim, articular um conjunto diverso de interpretações multimodais. As datas das postagens originais foram excluídas justamente para conferir novas possibilidades de leitura neste formato.

Uma excelente leitura!

SUMÁRIO

UM RETORNO “ETERNO”: 7 ANOS DEPOIS?	11	CARIOQUICE COMO O CUBO DE METATRON	33
VESTIDA DE BARCA DA MORTE	13	IGNORÂNCIA-MOR	35
ÍNDIAS OCIDENTAIS	15	EXTRATIVISMO KKK	37
BANANAS E REIS MAGOS	17	DOS CAMINHANTES	39
INSPIRAÇÃO DE RUA	19	MITO IMBROCHÁVEL	41
DEFORDIDAMENTE EMPACADA	21	ONDE TAMBÉM NASCE O AMOR	43
BIG BROTHER ANVISA SHOW	23	MORTE A JATO	45
ETERNO FURA-FILA	25	OSTENTAÇÃO	49
UM DEUS ETERNAMENTE ARREPENDIDO	27	COVARDIA IMPIEDOSA	51
BONECOS INFLÁVEIS	29	“BARRACOSHOOINGS”	55
DEMONARQUIA EXPERIMENTAL	31	NÚMEROS MÁGICOS DA SANTA MENTIRA	57
		BONDE CARONTE	61
		AS IGREJAS BANCÁRIAS	65

MIL NOMES PARA ESTILINGUES	69	PALHAÇO AUDITÁVEL	107
LIVROS PROIBIDOS	73	VOZ 8o	109
SEM CLIMA ALGUM	77	2 POR 1 VALOR NENHUM	111
HOMENAGENS VAZIAS	79	OPENBANKCLOSEHUMAN... TESTANDO!	113
EM DERRETIMENTO	81	BOI TÁTÁALI É BÃO FICÁ POR LÁ!	115
GEOFILOSOFIA INSULAR	83	FANFARRA SILENCIADA	117
DESAPARECIMENTO SUMÁRIO	87	CORREIO ELEGANTE	119
FUTURO DO PRETÉRITO SEMPRE IMPERFEITO	89	DANDO QUE SE DANA TUDO	121
CAPA PAU-BRASIL	91	DOCES ESTAMPAS	123
MOTO(NEGO)CIATA	93	PRATO MÍNIMO	125
ORQUESTRAL	95	VELA QUE NÃO SE AP(F)AGA	127
GHOST EDUCAÇÃO	97	FRACASSO	129
NARCOBELEZA FATAL	99	SECOS AFOGADOS	131
TOLERÂNCIA NEGATIVA	101	“ALOU-IN-SACI-AVEL”	133
BAGUNÇA DESEJADA	103	CÚPULA TEIMOSA	135
OLÍMPICA SEGUNDONA	105	SHEIKE SEM ALÁ	137

“CONSCIÊNCIA BLACK FRIDAY”	139	FOO MEC-PALOOZA	171
OMICRON ADVENTO	141	EXCELENTÍSSIMO LIBERTINO	173
SAUDOSO ENTRUDO	143	ESPETÁCULO DA PAIXÃO	175
OS DIREITOS UNIVERSAIS DE “SUPEROMIS”	145	ANUNCIAÇÃO	177
NATAL LETIVO	147	LABORATÓRIO CELESTIAL	179
NUKUALOFA	149	EXÚ MUSK	
OS FILHOS DA MÃE	151	AFRO-TRANCA-RUA	181
O MOMO ESQUARTEJADO	153	METAVÔMITO TOTAL	183
NIVER PESSOAL	155	IMPERADOR TAGARELA	185
A JUSTIÇA JUSTICEIRA	157	PLANTAR GEOPOÉTICA	187
SEMANA SECULAR	159	TERCEIRA VÍ(SCER)A	189
A CIDADE IMPERIAL	161	MUSCULATURA AMOROSA	191
O IN(F)VERNO (U)CRANIANO	163	EL JAVARI TÃO TÃO AQUI	193
NEGRO QUE VIROU OURO	165	A RAINHA QUE SÓ PONTUA PARA A MÍDIA	195
FORTALEZAS DA FÉ	167	PRESENTIMENTO GUIA	197
EDUCAÇÃO ARBÓREA	169	REI ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	199

CETÁCEO SECRETO	201	SÃO BITUCA DA FÊ EM FESTA	225
JÔ SOIS REI	203	O GOLAÇO NO GOLIAS	227
OSSO SACRO COM PROTEÇÃO CARNAL	205	PÊNALTIS EM CARA OU COROA	229
COMBATE “IVANGÉLICO”	207	PIERRÔ SILENCIADO	231
JOGO DE 4 PÊS	209	ÚLTIMO DIA!!!	233
DATAPODRE	211	PESSOAS QUE MONSTRUAM	235
TESTE INFANTICIDA	213	ROBÔ ENCANTADO	237
ETÍLICO DESEQUILIBRISTA	215	AMERICANIX BUDEGUIX	239
D'ONE PUNCH MAN	217	COM MAIS BLOCO E MENOS ESCOLA (1)	241
UM PLANETA SEMPRE ESTRANHO	219	COM MAIS BLOCO E MENOS ESCOLA (2)	243
RED AXI'SMO	221	COM MAIS BLOCO E MENOS ESCOLA (3)	245
UFAH, FOI POR POUCO	223		

UM RETORNO "ETERNO": 7 ANOS DEPOIS?

2020 transborda.

Promete ALARGAR seu 31 de dezembro em rios (de lágrimas):
em janeiro, fevereiro e março.

Como dizia o poeta: naquele abraço viral!

Mais de mil mortos por dia.

Mais de mil ladainhas vacinais por noites diversas.

Mais de mil mentiras *pandemônicas* incapazes de mudar comportamentos irresponsáveis.

Menos razão e nenhuma sensibilidade!

Resultado: uma campanha eleitoral demente de 4 anos. E este deprimente enredo da Escola de Çamba *Hacadêmicos* do Morro Bovid-17: *"Vamu Fudê esta Nassão até o Mito virá Deus-Momo-Sem-Perdão"*.

Nada pior que uma terra carnavalesca incapaz de parar sua folia robotizada.

Uma laranja (verde-amarela) mecânica.

Uma total incapacidade de chegar na Quarta-Feira de Cinzas.

Apertamos o botão vermelho. Lerdo... implodimos em câmera lenta.

Vale a pena "rever" o que não prevíamos há 7 anos atrás.

Não se trata de achar "saída". Mas perguntar: quando e como será a entrada no ano novo mais longe que o Brasil jamais viu?



Para pensar metaforicamente o estrago desse eterno retorno momesco, comecemos por um auxílio psicanalítico: “Ano que vem” cuidemos dos passos seguintes, ok! EVOÉ, BACO!

VESTIDA DE BARCA DA MORTE

Começamos o ano celebrando a morte coletivamente: a morte do ano velho.

Contudo, o velho, para ser reconhecido, precisa estar ali: mais vivo que nunca. Saltitante, perverso e ardentemente mortal. Pronto para mergulhar como uma víbora amaldiçoada na direção de suas presas passivamente devotas.

A vida do tempo novo tem sido, mais que nunca, deslumbrante! Seja nas telas, seja sem elas (diretamente), o desejo absoluto de um arrebatamento total pela barca da morte.

Assistimos ao esforço das mídias e das retóricas do poder de isolar os lugares do espetáculo de fogos: as *Copacabanas* e paulistas que anunciam o grito do pré-Carnaval. Mas sobraram praias grandes, *Tancrosos*, *Jericoacoaras*, Cabos Frios e inferninhos para viralizar (nos 2 sentidos) nossa tourada mortal.

E não demorou muito. Assim que o rei Sol raiou, o rei Caronte mergulhou no mar tenebroso dos povos canibais.

Um Zé do Caixão anfíbio: pronto para dar sua picada venenosa; e algumas centenas de manés sem caixão e sem razão afogando-se na bestialidade feliz.

Faz tempo, transformamos o Entrudo português em Carnaval patrimônio, diversificado e vital. Agora, anunciamos que o bacanal dionisíaco está de volta contagiado pelos ritos fúnebres.

Tudo o que aprendemos com Iemanjá e com as recomendações de segurança tornaram-se descartáveis. Mesmo assim, não custa lembrar que as praias reservam surpresas. E que entre a vida e a morte pode existir um sofrimento acidental de longo prazo.



ÍNDIAS OCIDENTAIS

A festa como lazer, diversão e gozo. Superficialidade.

A festa como tecer, obrigação e rito vital.

Toda profundidade. Das *máscaras dos deuses* demoramos, gerações de vírus globais, para compreender a mensagem, o papel do uso de máscaras preventivas ao contágio.

Isso se deve dizer do cumprimento com corpos em gestos distanciados ou da força mística das águas. Seja vestida de álcool em gel, seja a geleia geral das químicas fluviais.

Mesmo assim, com toda a resistência dos conhecimentos tradicionais/locais, queremos tirar da cartola um louvor pandemônico ao absolutismo de uma dita “ciência”. Mesmo que a tal cientificidade moral baixe a cabeça para a Medicina Epidemiológica e despreze quase todas as Humanidades (da Psicologia Social à Geografia e História Regional). À exceção da Economia, também porque nenhum devoto pós-moderno é de ferro?

Caso não sejamos tão devotos de um só modelo de ciência, talvez fôssemos capazes, ainda a contragosto ou negação do autocomodismo mental, de ver/avaliar o papel-teste dos rituais humanos diante da pandemia, mesmo que aqui (p. ex. bailes funks e suas gaiolas de pancadão) ou na Índia (p. ex. o gigantesco festival do *Kumbh Mela*) ofereçam suas faces mais absurdas. O que não vemos, em momento algum dos discursos condenatórios, é a democrática busca de negociação por “alternativas” socialmente viáveis aos festejos. Partindo do princípio da necessidade profunda; não dá superficialidade “imoral”. Sem fazer ciência nas festas, imoral de fato é condenar por presunção ignorante.



Na Índia, diriam que a miséria da casta estrutural impede a superação desse mela-mela de deuses e fantásticos. Talvez por isso a surpresa da potência atômico-militar, na civilização da yoga, tenha criado também a vacina COVAXIN da Barath Biotec.

Já aqui, onde estamos todos vivendo o delírio ocidental das navegações renascentistas, uma sociedade de “cascas” vai fazendo dos bailes funk o modelo de folia permanente. [Um pouco mais de saber indiano pode ajudar!](#)

BANANAS E REIS MAGOS

Capitólio invadido a pedido do Presidente Herodes. De novo? Já vimos a cena nos episódios mais explosivos da série “Designated Survivor”.

Também já vivemos suas variações em inúmeros episódios políticos de manipulação dos sonhos populares, transformados em conflitos institucionais. Especialmente no maior bananal democrático desse longínquo hemisfério sul.

Agora foi a vez de pôr a realidade jornalística para imitar a arte ficcional e as artimanhas da periferia latina. “Alguém” viu a oportunidade de melar o jogo, de tocar fogo extremista como “denúncia de fraude eleitoral” e abrir caminho para o vale-tudo.

Se um terrorista megalomaníaco do mundo business pode até isso... todo terror vale a pena para as pequenas almas desesperadas.

Para os que não se deixam levar, contudo, por esta folia de sujos, como tradução de interesses populares legítimos, convém lembrar que os protestos antirraciais (frente à morte de George Floyd e outras) não culminaram em um atentado contra a democracia. Lançaram o ritual cívico das cobranças na escala global e nas urnas de 03 de novembro. Portanto, precisamos estudar melhor os limites da legitimidade institucional e popular antes de “delirar”, fanáticos por “*mitos machões*”.

Enquanto buscamos aprender... nada melhor do que assistir à criatividade dos magos balonistas que sobrevoaram Sevilha na original cavalgada aérea de Santo Reis. Respeitando a quarentena, os magos pediram à criançada que aguardassem outros anos para os míticos presentes. Pois quem se apressar vai receber “bananas”. E no pior sentido do termo.



INSPIRAÇÃO DE RUA

O poeta Eugênio Ramos Gianetti ZOOBREVIVE nas ruas e abrigos da cracolândia paulistana.

E nós, não tão poetas nem tão conhecedores das ruas de nossas cidades, apenas sobrevivemos até aqui sem conhecê-lo.

Mesmo assim, ele perdeu bem mais que a maioria de nós. Mas só perdeu, porque teve, tem, e talvez Deus, Exu e os Encantados também queiram, INSPIRAÇÃO. E demonstra, tal qual Mestre Cartola, querer usar a oportunidade de reconquistar a juventude após os 60 anos. Mas Cartola não era cidadão em situação de rua.

Eugênio tornou-se um *nômade pendular*. Se é que a circularidade da miséria urbana pode assim ser nomeada. [E mesmo sendo projetado por essa brilhante reportagem do portal UOL](#), continua sem voz nem vez nos espaços culturais e/ou midiáticos.

Um vazio latente habita os *gênios múltiplos* de nossas angústias e incompletudes. Em alguns momentos, tal vazio converte-se em um buraco negro de capturas químicas e estreladas que ganham significação e sentido no convívio com os outros. Os astrônomos próximos que nos amam qualificam a densidade luminosa de nossos corpos *back hole*, e fazem-nos encontrar alguma expansão de universo nesse pedacinho de nada que somos.

Mas Eugênio não possui sequer um artrônomo mecenas, alguém que o ame e o adote. Sim, é possível afirmar: seus vícios, humores instáveis, hábitos de velhice já não permitem essa captura. Diante do improvável, só me resta desejar que uma estrela cadente, vestida de coelhinha ou sereia, parta de sua zootopia para seduzir e conquistar o autor do livro “Zoobrevivência”.



Que os bichos urbanos saibam trocar a revolução, da abstrata e desamparada coletividade, por um pouco mais de compaixão, de atenção para o clamor por vida impresso em cada poesia. Astrônomos do mundo inteiro: uni-vos pelo cosmo que há próximo.

DESFORDIDAMENTE EMPACADA

A notícia do adeus da família do velho Henry, chamada pela página da empresa pelo pomposo nome de “Reestruturação”, fez-me lembrar os dois exemplares da Ford que tive sob minha propriedade.

Uma Courier, nos idos de 2002, para deslocar-me entre Campo Grande e Aquidauana, quando trabalhava na UFMS. Depois um mondeo 95, importado e lacerado. Porém, convenci a família de que ele era confortavelmente “bom” para ir de São Paulo a Fortaleza em 60 horas, em 2005. Na divisa Minas/Bahia, o coitado fundiu o motor. E depois... Ford nunca mais.

Agora, a marca automobilística vai entrar na calçada da fama das indústrias desiludidas. Distantes desta parca ideia de que a fazenda Brasil consiga, após 500 anos, perder sua natureza agroexportadora de commodities. Com uma oligarquia sempre disposta a encher a cara de vinho, subir no *carrum naval* da mediocridade nacionalista e arrotar por todos os poros: E DAÍ, FORDDEMERDA!!! JÁ VAI TARDE! Preferimos ficar com os ciclos que são nossos: soja, frango e rapadura. Essas carruagens que adentram os sertões e pifam quando menos esperamos... só servem nos desfiles de corso.

Cursos são feitos das zonas idiotas e infantis que aprontamos quando queremos desperdiçar o melhor de nossos investimentos.

Falamos tanto em transferência de tecnologia e não fazemos a menor ideia do que isso significa na efetiva soberania de uma sociedade nacional. Por décadas assistimos aos lançamentos da Ford (e suas coirmãs de estradas e avenidas) e a única aprendizagem desse tempo foi desfilarmos como papagaio de pirata em carros navais. Agora, perdemos o Carnaval e o mondeo quebrado na divisa da história. Empacou papai... nos *fordemos*.



Que fazer além de discordar de tanta incompetência decisória, a não ser TORCER para que outras famílias Henry Ford tenham mais piedade de tanto folião do bloco/país de sujos? Gente essa que ainda acha que dá para ser celeiro do mundo, sem cocheiro nem carruagem industrial. [Afinal 4 dia em 4 anos... haja fantasia.](#)

BIG BROTHER ANVISA SHOW

Gritos e mais gritos ecoam sem Carnaval algum, além da miserável violência que reduz seres humanos a objetos de abate. Sua última mensagem... não consigo respirar. Não consigo respirar! Floyds e Betos. Cristos negros de um sacrifício paralelo muito antigo e muito eterno. Fixações atuais do modelo 2020 de abate, além da COVID-19, agora transbordando amazonicamente para o mais absurdo ato de matança laboratorial, depois dos campos de concentração.

Manaus: como tantas cidades desse fim de mundo virou o ano em “festa”? Agora, desmonta a folia no caos. Todas as nossas neuroses converteram-se em extermínio manauara. Floyds e Betos na Zona Franca! E os dados explodem em kits-covids, como a pipoca do cinema de terror, capazes de alimentar os ávidos desejos de sangue nos olhos de AGRO-BIBLO-COWBoys and Girls, empoderados, desde 2018.

Dados são dados, não é mesmo galera brother da ANVISA? Com tanta expectativa por cilindros de oxigênio, seringas de vacinação e surubas de politicagem, nada mais óbvio do que lançar o contra-grito de Carnaval em janeiro/21. O mês globeleza do BIG BROTHER FUTRICA! Agora socializado por todos os canais e redes sociais da fuxico, para nesse dia 17/01/2021 assistirmos aos 5 mega cientistas da ANVISA dizerem SSSSSIIIIIMMMM para a Fiocruz e o Butantan. Vamos comemorar como aqueles 2 gols do Brasil contra a Itália na Copa de 1982. Não preciso lembrar do resultado do jogo. A história não se repete... Confere, Çábios?

Deveríamos assistir a uma sessão de abertura do Impeachment do chefe do bando, tal qual outro domingo, dia 17 (abril/2016). Porém, como não se trata de um presidente mulher, nem negro, homoafetivo ou estrangeiro... Existirá oxigênio suficiente (com cloroquina no fi-o-fó e Anitta na boca de lodo) para abastecer outros espetáculos



de terror neste ano, pior (bem pior) que o ano passado. Então, vão ter que engolir “ISSO aí, Tá ok?” De cada 100 mortos por COVID-19, 10 são brasileiros. Só 10%, numa população de 2,7% do planeta? “Vamo melhorá isso daí?”

Então, assistam aos dias seguintes da estreia do *Anvisa BBB 2021!*
[Um mortal combate?](#)

ETERNO FURA-FILA

Faz 25 anos, aquele pioneiro Prefeito paulistano, com a genialidade da sobrevivência afrodescendente, disparou a ideia do FURA-FILA como BRT. Resultado: um Pitta de boas intenções no inferno das *Malufices* agudas; algumas obras ostentação-imitação espalhadas pelo país todo; e infinitas oportunidades de corromper, por gozo de poder.

Furar a fila do trânsito era responder pelo investimento no sistema coletivo aos privilégios individuais dos automóveis, congestionando mais e mais as megacidades. A resposta veio. Mas durou o tempo das descontinuidades políticas e administrativas. Outras coletividades vão requerer, sempre e mais, seu direito natural a uma furadinha para chamar de sua.

A coletividade hegemônica, mais forte e esperta, combate e vence “rapidinho” então as coletividades inocentes; geralmente confiantes na Ética. Tadinha dessas coitadas. Não percebem que o desejo, a ganância, e a vingança ditam: “Farinha pouca, meu pirão primeiro”. Seja no trânsito, seja nas políticas públicas, privatizáveis sempre. Incluindo o fura-fila da vacinação contra a COVID-19.

Completamos uma semana do Show ANVISA de 17/01, com 2 a o no placar: JOÃO X JAIR; e o início da vacinação à base de Funk BUM-BUM-TAN-TAN de nosso orquestral MC Fioti.

Voos de cá e de lá, distribuição de 6 milhões de doses para 70 milhões de prioritários que precisam só de 140 milhões de doses. Vixe, Nossa Senhora da unha encravada... Ninguém fez a conta antes? Mas é claro que fez. Todos sabemos. Mas queremos apenas saber: 1) Vamos ter a sorte de furar a fila também????? ou... 2) Vamos ter que pagar quanto mais para ter acesso ao que nos foi prometido por X, mas que



por corrupção de tantos (e tantas vezes) custará NX em desperdício exponencial?

Quando ouvimos dizer que um Prefeito, por ser médico-monstro vacinou a esposa e os seus pupilos, ou que um carregamento de doses “desapareceu” do posto de vacinação, “optamos” pela 1ª alternativa. Mas a 2ª é a mais comum. O custo da vacinação precisa ser o mais caro aqui. Ou a desigualdade social fica ameaçada. CORRUPÇÃO OU MORTE!

Agora, até o comércio quer fazer Carnaval. Pode, mestre Pitta?

UM DEUS ETERNAMENTE ARREPENDIDO

Interessante é navegar no pré-Carnaval da Rede Record de Televisão, ao som dos ensaios (tentativa e erro sucessivos) do Criador. Os primeiros capítulos da novela Gênesis vão mostrando os jogos seletivos das correções, sempre necessárias, na apressada arquitetura do Éden. Feita em 6 dias, com toda a complexidade natural, jamais poderia ser confiada a um pedaço de barro vivo e sua costela. Mas foi; e sobrou dor de cabeça ao Pai por toda a eternidade!

Além de interessante, Gênesis é provocante por seu lado bem infantil. Tudo do Poderoso é a aposta no risco da parceria com o melhor do “lado humano”. Todavia, alguns humanos filhos de Eva e suas curiosidades, perguntam: quantos “lados humanos” foram divinamente criados na humanidade?

Alguns poucos, alguns tantos, infinitos?

A resposta divina, de Gênesis e outros canônicos textos do Deus Único, é: Apenas 1 lado: o lado que restitui todo humano ao divino plano original. Em outras palavras... o retorno a Deus.

Simples assim? Pelo menos seria, caso não tivesse um lado divino escapado do próprio Divino Maior para bagunçar o coreto.

Ele mesmo, o Pazuzu-Belzebu. Nesta Gênesis, um superastro de todos os lugares e tempos. Inacreditável esse sujeito, tão genial!

Ele está no Éden atazanando e não é expulso. Perturba todo mundo, invade a Arca e segue impune. “Ô loco meu... brincadeira”, diria o Faustão das dominicais Divinas Comédias pós-modernas. E nada derruba o sucesso absoluto dessa *coisa ruim e boa d+*.

Aí vem os sujeitos, “nós”, minimamente atentos a este êxito demoníaco indiscutível. No mirante Ararat da reflexão, indagamos:



Pai Nosso Criador, por que não economizaste energia montando um experimento informativo - tipo aquele que decodifica o demônio de Maxwell na 2ª Lei da termodinâmica - para driblar essas artimanhas do anjo caído? Nova resposta magistral do Criador, tão ancestral quanto futurista: *sem o Diabo, a vossa história perderia toda Graça.*

BONECOS INFLÁVEIS

Um Presidente, quando delira em liras e liras de incompetência, infla seu governo de meias-tigelas, bichos preguiças e sente-se um Rei Arthur!

A Távola Redonda custa caro, mas sempre vale mais a pena do que governar repúblicas tão abstratas.

Já um ex-presidente, quando delira em sua febre nostálgica do “nunca na história desse país” houve um governante tão perfeito... escolhe um Duque Haddad das arábias paulistanas para lhe servir de poste reserva. Afinal, como a perfeição de sua Majestade Dom Silva de Olinda é eterna, uma hora ou outra a justiça há de voltar a contaminar seu reino.

Ambas as bestas bonecais esperam seus dias de glória enquanto brincam com a massa miserável, de bandido-mocinho. Brinquedo forjado na sexagenária fábrica de Brasília; e rebatizado de Triângulo das Bermudas de Chuck: Modelo Soft “Governo-Centrão-Oposição”.

Desde que trocamos os bonecos de nossas geniais folias pela lambança do poder a qualquer custo, ampliamos os meios de retorno do sistema monárquico, após 130 anos!!!

As redes digitais, de ação, reação e indigestão, garantiram o funcionamento desse retorno triunfante. Enquanto isso, a idolatria aos “mitos”, “ideias” e a outros super-heróis (Moros, Ciros, Dorias, Hulks + Patati-Patatá) vão fazendo parte da micareta reinante, dentro e fora de época, deixando a pergunta: que reino infeliz é esse?

A resposta será tão religiosa quanto hilariante. Basta imaginar um boneco de posto de gasolina dançando no alto do Corcovado de nossas vandalizadas cidades. Pronto: a imagem será mais dantesca que nossos piores pesadelos. Então, escolha seu boneco Redentor



para a próxima etapa do pesadelo. Na pior das hipóteses, [ele esperará você no Vodou do mundo melhor!](#)

DEMONARQUIA EXPERIMENTAL

Fazer crônicas, ouçam meninas, meninos e meninxs, também é estimular hipóteses rasantes. Daquelas que não dariam meia hora de conversa sadia e pitoresca em um botequim de beira de estrada. Porém, é o que alimenta os pedidos de registros de partidos políticos. Algo que, nesses e em outros trópicos parecidos mentalmente com os nossos, vira lauda de solicitação de registro no TSE. Para quem gosta de ficção anticientífica, temos mais 77 crônicas no cardápio. ATENÇÃO: todas com efeito colateral de deixar a ficção contagiar você.

Mas voltemos às crônicas que levam a assinatura desse folião-autor que vos escreve quando algo lhe cativa o fígado.

Neste cibernético canal, elas são desenhadas pela sagrada inspiração das agremiações da Festa de Momo, antes “aprisionadas” por quatro dias próximos do tempo da Quaresma. Hoje, “esparramadas” para além das bandeiras de ranchos, blocos e escolas. Pois todo projeto mais sério de qualquer área de sucesso precisa disponibilizar o nome do manda-chuva, o dono da cocada, daquele (em geral meninão machão) que manda na grande família.

Por isso, serei um tanto repetitivo em vários outros momentos, insistindo na hipótese de que estamos nos convertendo em “Demonarcas”, por conjunção patológica de humanismos convictos da luta maior contra as impessoalidades dos sistemas. A DEMONARQUIA é experimental e inconsciente. E já digo isso de cara, tanto para alertar quem não gosta desse tipo de conversa quanto quem precisa de rápida explicação didática.

Voltaremos muitas vezes ao tema.

Por hora, basta lembrar do valor da amizade. Um juízo afetivo em nosso critério absolutista de discernir, na experiência cotidiana,



a cidadania política (“nociva” por impessoalidade) versus minha máfia parental preferida (sempre um porto seguro da mesmice). Claro, sabemos que estes polos se mesclam 90% das vezes. Mas o Brasil quer mirar as monarquias absolutistas como um modelo democrático. [Se vai dar merda? Óbvio. Eis a hipótese!](#)

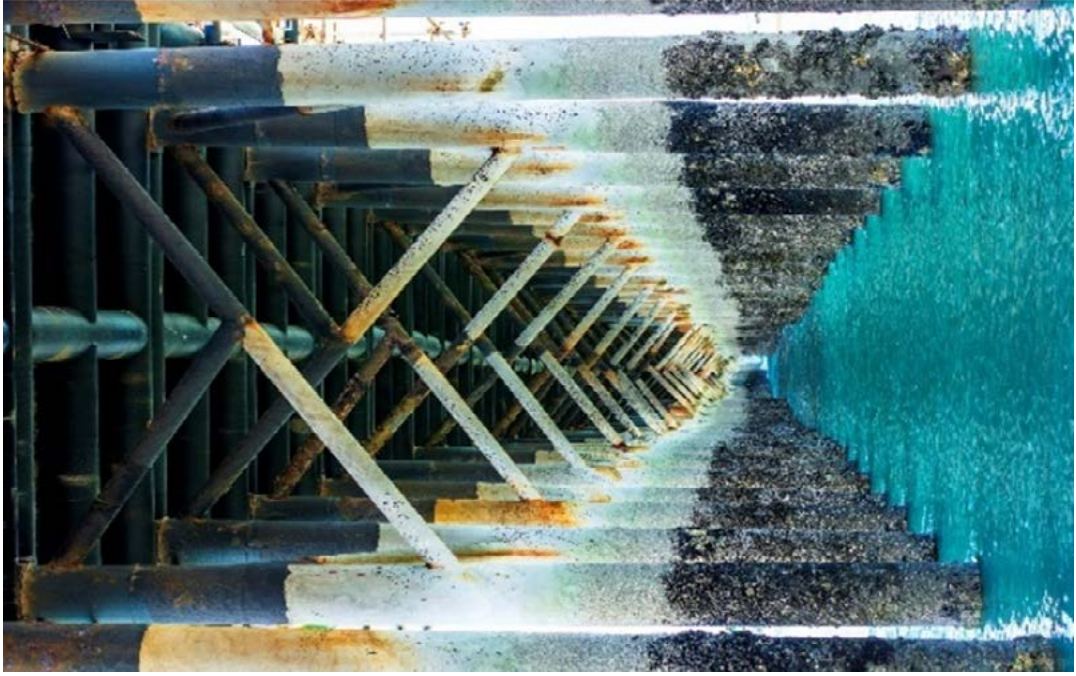
CARIOQUICE COMO O CUBO DE METATRON

Parti de minha terra natal em 1976. Mas o subúrbio da Guanabara nunca foi propriamente o Rio de Janeiro. Megalópole que só pude reconhecer em fragmentos, mais midiáticos e turísticos, como um jogo de cubos perfeitos que jamais se encaixam. Tem algo errado demais ali!

A decantada “Cidade Maravilhosa” é uma zona centro-sul que anexou meu subúrbio Norte-Oeste. O Rio 40° dos infernos urbanos da violência, do desperdício, das desigualdades e seus *apartheids* impermeáveis a todos os discursos continuam se perpetuando em truques perfeitos. Na pandemia da COVID-19, a alta letalidade no Rio fez a doença ultrapassar [o número absoluto de mortos da capital paulista](#). Quase 2 vezes mais! Terá a COVID-19 carioca um perfil destruidor mais “naturalmente” aguerrido? Seria isso uma harmonia cósmica de proporções cristalinas, capaz de revelar profeticamente o abismo-síntese para onde o país caminha, com certo atraso?

Neste raciocínio quase místico - que junta em uma só cidade uma infinidade de pragas do Egito, com o piramidal Cristo Redentor — abrimos caminho para pensar no belo cubo de Metatron. Esse anjo magno da perfeição de formas. Essa revelação gnóstica da geometria sagrada, que inunda a Geografia profanada da capital fluminense.

Do plano simétrico de um complexo de círculos e projeções de seus centros chegamos nos sólidos platônicos. E nessa magia, a cidade maravilha derrama-se no oceano Brasil das idealizações. O maior Carnaval (cancelado por silêncio de política cultural); o melhor futebol (produzindo muitos botafogos falidos para um ou outro flamengo sempre potencial); a cordialidade sem igual (da bala, corrupção ou miséria perdida que sempre te acha).



Enfim, um belo modelo de anúncio. Tipo aquela voz do anjo que sussurra em seu ouvido: “Cai fora daí, Otário!” Mas você, como se estivesse na perfeição de um cubo de Metatron, inspira, pira e encanta-se. Estou no coração do meu Brasil!” [Eis a Carioquice corrompendo o Rio de Heráclito, pois ali se banha na mesma água, sempre!](#)

IGNORÂNCIA-MOR

Perguntar não ofende. Desde que respostas desenhem “complexidades”! Aí o bicho pega, mesmo que seja no ano novo do boi de metal. Mesmo assim, vamos às questões que teimam em não calar;

O Carnaval é uma festa? SIM. O Carnaval é uma data, com feriados, pontos facultativos em alguns lugares e nem isso, na maioria? SIM. O Carnaval nasce da demarcação cristã da Páscoa, antecedendo a Quaresma? SIM.

O Carnaval pode ocorrer fora de época, conforme suas inúmeras ancestralidades? SIM. O Carnaval virou um evento comercial, de marketing, entretenimento e esporte? SIM. O Carnaval é tão religioso quanto artístico em seus rituais e valores? SIM. O Carnaval importa e exporta tradições na modernidade? SIM. O Carnaval expressa, nas contradições humanas, choques de valores éticos e estéticos? SIM. (Será asSIM até o fim da prova?)

O Carnaval é bagunça, pedagogia e criatividade ao mesmo tempo? SIM.

O Carnaval pode acabar por excesso de ordenamento e falta de diversidade? SIM.

O Carnaval é um patrimônio latino-americano? SIM.

O Carnaval é a polivalente comunicação de deuses, povos, em sonhos e pesadelos? SIM.

Tudo SIM? Afinal... o que não é Carnaval, então?

Aceitando todas as respostas anteriores (e muitas outras no jogo aberto da complexidade), tem uma coisa, sim, que o Carnaval NÃO É: perda de tempo; muito menos, perda de espaço! Enquanto cultura inclusiva - mesmo nas desiguais e inconvenientes limitações - o



Carnaval é a conquista tecnológica de espaço-tempo civilizacional. Perdemos, sim, muito tempo e espaço quando louvamos a ignorância pela simplificação banal: “Tal coisa é só isso é ponto”! Ignorância que desconecta tudo para uma só definição, serve para o bicho-homem sobreviver; mas não nos serve de sentido e dignidade social. Por isso, vamos aprender a fazer as perguntas que qualifiquem nossa existência, na Terra e nos céus. As escolas ajudam, mesmo sem serem de frevo, maracatu, cumbia, mambo, tango ou samba. Ajudam a projetar mil sins em uma vida de tantos não. [Sim ao Carnaval, hoje e sempre!](#)

EXTRATIVISMO KKK

Com mais de 240.000 mortos por COVID-19 e um número mínimo de vacinados, que mais esperar de uma triste terça-magra de Carnaval do que um paredão de mediocridades?

Karol, nossa musa gloBBBeleza, responde: “Karnaval é com Ka, idiota!” E a única diversão para nossa sociedade de extrativistas pós-modernos é desprezar os fatos para que aprendamos a realizar o poder do mundo fake.

Que musa! Sinceramente, ninguém melhor do que essa diva da *hinversão karnavalesca* para substituir - seja em 2023 ou 2027 - o Momo mais longo do Brasil. Karol Presidente ConKá.

Enquanto o centrinho e o centrão não conduzem esta candidatura, falemos das castas extrativistas, agora recém-agitadas pelos 4 decretos armamentistas do [Rei Momo](#). Finalmente cumprindo sua mais cristalina promessa de campanha: garantir poder máximo à casta dos Kaçadores. Explico: *Kaçadores, Kontadores e Koletores*, formam as 3 castas extrativistas da selva BBBrasil.

Os Kaçadores estão ampliando sua liderança superior. Segundo o Momo, podem ter agora 60 fuzis, por cabeça, além do arsenal financeiro e clânico para abater bichos de outras castas. Os Kontadores formam a mediana casta intelectual (Oi Nós) dos que se veem como pescadores de ideias, almas e até peixes. Quando angustiados, descansam. E na base, sem entender os medianos e admirando os superiores, vem a casta Koletora. Coletam problemas, misérias, orações e balas, nunca perdidas pelos Kaçadores, que os veem como o alvo preferido de decretos e discursos vazios. Os Koletores retribuem com mortes massivas e milhões de votos.



As castas KKK, portanto, formam uma sociedade viva, mas sem alternativa, apesar de tanto cantar Raul Seixas. Por isso, há espaço para Karóis e Caracóis de infinitas enrolações. Ou eliminamos as castas no Paredão, ou nos tornamos todos Kaçadores, com 60 chances de suicídio. [Eis o alerta... e votem.](#)

DOS CAMINHANTES

Um exercício caminhante, lento e saudável, é capturado nestes trópicos violentos como uma expressão de vagabundagem. Cidadania errante? Quem sabe. Ou apenas um modo de radicalizar as prerrogativas da errância nômade, que Michel Maffesoli tratou como fuga permanente nos caminhos pós-modernos da trama contemporânea.

A caminhada das massas de não-cidadãos, daqueles destituídos de uma propriedade imobiliária fixadora, distantes da brasilidade superior, da Lei de Terras (1850) ao Estatuto da Terra (1964), expande-se. *Sem terras-casas = Sem plena cidadania*. É a fórmula que impulsiona essa peregrinação nas propriedades de um poderoso inimigo: o latifúndio sem fim.

Dá, assim, para compreender porque identificamos a crise econômica com a eliminação da Reforma Agrária. Déficit de indenizações do INCRA nos últimos 7 anos, até zerar a conta em 2020. “Já estamos dando saúde pífia e educação sofrível para essa gentilha cigana faz anos. E eles ainda querem se apropriar de terras para fazer do Agronegócio *Fazenda Brasil* um infinito *favelão roçado*?... Que povo vagabundo!!!”, diz a nobreza quatrocentona das nossas cidades. Todas desesperadas pela ameaça explosiva de periferias ao quadrado, cubo, ou enésima potência dos mórbidos acampamentos de peregrinos.

Uma xenofobia estrutural estabelece-se quando identificamos o caminhante com o mais perigoso dos invasores estrangeiros. Algo que começa na violência da destituição da identidade regional dos que partiram sem volta (agora duplamente inferiorizados na origem e no destino), e termina nos carimbos do preconceito light sobre os imigrantes. As mãos que registram as propriedades imobiliárias condenam os pés a provarem uma saúde seletiva. Só quem tiver chão próprio para voltar pode ter cidadania sustentável. Não está escrito



isto na Carta de 1988. Mas quem caminha feito Carlitos pelo Brasil afora sabe muito bem a dor de sentir-se invasor de um [lar amargo lar!](#)

MITO IMBROCHÁVEL

Finalmente chegamos neste ponto clímax: a desgraça como puro gozo ritual.

Falácia existencial de uma sociedade *descarnavalizada* pela pureza em brochura, que trocou o velho ditado - em terra de cego, quem tem olho é rei - por uma versão mais, digamos, “picante”. Diretamente do Ceará... “Na terra dos glúteos flácidos de uma democracia flatulenta, quem canta de falo bucal torna-se imbrochável!”. Sei, sei, pessoal. Tenham calma!

O Imbrochável que nos “lidera” não vai entender o recado; e muito menos seus devotos seguidores, filhos e filhas de um sêmen imaginário, que jamais fecundaria uma pedra, uma lesma, um quadrúpede ou uma erva daninha. Esse dom de desentendimento soberbo é exclusividade de uma cepa “viral” da espécie humana, emergente já nos desertos africanos. Embora a identidade de sua proliferação exponencial esteja bem mais relacionada com a Modernidade e [o baixo clero vingativo das elites pós-coloniais](#).

O que importa são os resultados da reforma pandêmica! Tudo que um projeto de catástrofe ampliada pode legar ao Mr. Pau-Brasil, nesta longa Campanha *Erecional* (2019-2022). Dado o equilíbrio perfeito entre a riqueza de seu gozo múltiplo e a miséria de nossos traumas constitucionais. Nem Freud, nem Lacan, nem Marquês de Sade ou Kid Bengala explicam tanto temor em decepar a *pica-reta* do Poder Executivo.

Resultado 1: o Congresso aprova o auxílio emergencial permanentemente e o Imbrochável agradece;



Resultado 2: duplicamos os mortos de 2020 em 2021 e 22, mesmo com vacina, para reduzir o custo Brasil; e o Imbrochável delira de prazer;

Resultado 3: as oposições institucionais e sociais ampliam os protestos e turbulências no ano do bicentenário da Independência. E finalmente o Imbrochável vibra em gozo esplêndido com o estupro vingativo de seus apoiadores.

Nem precisa lembrar que nessa síndrome fálica, o Carnaval de 2023 - comemorando esse tesão do macho alfa - será feito de grandes desfiles, com armas eretas e louvores ao Senhor do gozo. ALELUIA, IRMÃOS! Já que cresceis... então, multipliqueis!

ONDE TAMBÉM NASCE O AMOR

Símbolos, penso eu, são dons divinos no humano. Simbolizamos, sinto eu, sempre que buscamos uma oração na forma e no conteúdo que nos harmonizam com o mundo.

O ato de simbolizar, porém, pode representar uma rivalidade em disputa, uma dança de forças complementares.

Assim como o coração do Boi Garantido e a estrela do Boi Caprichoso transformam a pequena Parintins na gigantesca gea-amazônica. Corações e estrelas simbolizam nossa pulsão por nascer e amar. E viver essa e todas as vidas possíveis de nascimento e amor tem sido sempre nossa jornada de plenitude.

Seja pela baqueta no tambor ou pelo ritmo místico das explosões, estelares e cardíacas, os enredos da Acadêmicos do Salgueiro - agremiação carnavalesca que completa 68 anos neste dia 05 de março de 2021 - ensinou-me a compreender os labirintos do valor simbólico. Nunca convivi, morei ou estabeleci relações de amizade com os integrantes da comunidade salgueirense. Tudo de lá nasce do amor platônico. Seria também ancestral? Não sei. E de fato, pouco interessa aqui. Bom perguntar aos [investigadores da escola](#).

Sei que aos 6 anos de idade, no Carnaval carioca de 1971, acompanhei a “Festa para um Rei Negro”, o samba empolgação de Zuzuca e o nascimento de um amor capaz de favorecer outros tantos nascimentos e amores. Todos indispensáveis ao enfrentamento da insanidade destes tempos de morte e ódio viral.

Podemos ignorar tudo, no entorno, ao traduzirmos nossos símbolos em vaidade e paixão. Se o lema *nem melhor, nem pior, apenas uma escola diferente*, evitava tais presunções, todos os valores da estrela-corção conectam estrelas e corações do conviver, por e para



as diferenças. Nascer é driblar a morte, respeitando-a; Amar é distanciar-se do ódio, respeitando-o.

E será por amor que meu renascimento diário - como esposo, pai, irmão, professor, cidadão em luto, telúrico e em luta pela vida - poderá apreciar o aniversário da Acadêmicos, em silêncio. Seus tambores também renascerão.

MORTE A JATO

Moro, justiceiro... Lula, seu miserável!!! Lula, justiceiro... Moro, seu miserável!!! Brasil, povo justiceiro... Brasil, que povo miserável! Tudo que nasce a jato parece, no calor da putrefação tropical, destinado a morrer a jato.

Portanto, *jatocá-jatolá*; estamos naquela máxima constitucional: 30 anos de Carta Cidadão, com 300 anos de regressão. Proporcionalmente, a jato.

Pouco importa discutir existencialmente a tipicidade do devido processo legal no Direito Penal de punir criminosos. A desigualdade social transforma brechas legais em abismos. Risco só para quem normalmente não possui asas. O que não é o caso para voos seguros de uma nobreza, que só será presa para escrever livros e viver a trajetória do herói no exílio. Também não se trata de ler na volta de Lula aos holofotes do business político; nem na ida de Moro ao seu sacrificial exílio por hediondo crime de estado, uma espécie de fim da História. Francis Fukuyama teria transformado seu filme romântico da democracia liberal em seriado de terror, se vivesse no Brasil. Nem todos os grandes pensadores tem a nossa sorte de saúva, fazer o quê!

O que importa mesmo é essa ilimitada capacidade diária de enterrar 1500 pessoas (em média) diariamente, e não perder a esportiva de contar piadas sobre Bem-Amados e Zeca-Diabos, enquanto o cemitério da Fazenda Brasil é inaugurado por nossos conhecidos, amigos e parentes. Sem falar de nós mesmos, pois alguns podem não terminar a leitura; ou nem mesmo começar. [Caronte a jato já vem vindo.](#)

Diante da politização personalizada do Judiciário - que particularmente penso ser alguns metros de sarrafo mais terrível do que a judicialização radical da Política - espero que as eleições gerais de



2022 celebrem nosso Bicentenário com um BBB de 9 meses, tipo a corrida do espermatozoide ao óvulo da cidadania, já que regredimos tanto! Assim, será divertido fazer paredões de justiceiros: Lula...LÁ, Moro...RÓ e o Escolhido da Semana. O miserável do Supremo sere-mos Eu e Você.

OSTENTAÇÃO

Meu pai costumava justificar os caros presentes das festas de Natal na família, especialmente diante dos desconfiados olhos de minha mãe, dizendo: *são as carências do meu passado, d'OrLanda; também não tenho nenhum apego a dinheiro... então, bora gastar!*

Cresci observando outras variáveis desse aparente desapego. Os olhos de mamãe foram estratégicos para constatar que os valores de papai eram tão representativos de uma ascensão social quanto do desperdício de potencialidades. O pai sempre imitou a boa e velha tradição da ostentação-Brasil. Um existencialismo grandioso, continental, tipo natureza farta, “*em tudo que se planta, dá*”. O jeitinho de quem nada quer além da vida boa, aristotélica ou do “*buen vivir*” de *nuestra latinidad caliente*. Quando os recursos chegam para ajudar... ok: vamos festejar, agregar amigos, usar tudo o que temos, pois a vida é curta, meu amor!!!

Entretanto, na escala coletiva - e o comportamento individual já se torna coletivo, dependendo do seu poder de liderança - a ostentação representa o inverso de tudo que a ciência econômica nos ensina. Aprendemos que diante de recursos limitados e escassos, investir na sustentabilidade e na expansão tecnológica torna-se uma obrigação de sobrevivência. Mas o marketing pessoal dos que estão na ponta do iceberg midiático diz o contrário. Tentando responder - como pai para mãe: bobagem, sejamos felizes agora querida; guardar dinheiro para quê, para quem?

Entendo, sim, que algumas vezes este marketing deve ultrapassar o império racional da economia política (e doméstica). Nosso problema nacional e educacional é testemunho passivo do vício do marketing show de soluções. “Algunas vezes” vira “muitas”, que vira



“todas”. Resultado: desperdiçar recursos é um continental padrão de normalidade. O mau-caratismo que contamina os espaços públicos e privados, serviços, escolas... lança as novas gerações no apelo fácil da desobediência antiética. Uma ostentação egocêntrica. [Tomara olhos desconfiados multipliquem-se para contê-lo antes do fim.](#)

FAMÍLIA BOVID

Faz 2.500 anos que se registra uma doença congênita entre família e poder; ao menos nessa banda de cá do mundo, chamada de Ocidental, desde que os europeus do sol poente padronizaram tudo! Famílias sustentam todas as formas de comunidade. Poderes legitimam tal sustentação, após os conflitos de substituição de famílias envelhecidas por famílias dispostas a envelhecer. Nada há de novo sob o sol da política. Mas naquele apogeu da civilização helênica, criaram uma vacina chamada de democracia, que vem sendo testada, há séculos, no tal vírus existencial da grande família (dinástica ou mecenas, sempre mafiosa), responsável, em todos os cantos, por mais de 7 bilhões de cabeças no rebanho dos sapiens.

Bem menos tempo, todavia... há uns 30 aninhos, nossas lindas famílias (neo)tupiniquins, cheias de problemas, mas sempre divinas e amorosas (que temos para essa vida) resolveu aplicar massivamente o medicamento secular da democracia, na versão iluminista das revoluções modernas. E ainda adicionou experimentos contemporâneos de seguridade social ao protocolo de vacinação chamado de Constituição Cidadã de 1988. Seguindo esse caminho, nós, os (neo)tupiniquins, estaríamos definitivamente imunizados da irracionalidade dinástica, de uma família mafiosa para idolatrar. Afinal, toda vez que isso aconteceu... O pau suicida comeu feio; e a turma do “*deixa disso*” tinha que começar tudo de novo.

Mas... vieram as intrigas, as fraturas, as crises econômicas. E a nova cepa da mutação familiar que estava por ali há 7 mandatos parlamentares, deu um salto de transmissão viral em 2017, contaminando 53 milhões de eleitores. A variante BOVID-17 está hoje em seu 4º ano pandêmico. E não dá qualquer sinal, além do otimismo dos democratas, de que vai deixar de fazer vítimas. A família BOVID-17 é



uma máfia super-neo-tupiniquim, quase perfeita. Contagia e mata. 18 meses serão suficientes para honrar 2500 anos dessa vacinação? Resposta não há, além da repetição de variantes tão familiares como o [paradoxo da vida de gado!](#)

COVARDIA IMPIEDOSA

O álbum *Ideologia* do mestre Agenor de Miranda Araújo Neto, para uma legião de fãs apenas “Cazuza”, marca, junto à Constituição de 1988, o fim de nossa adolescência geracional. Claro que a faixa magna retumba cada vez mais atual: meus heróis morreram de overdose/meus inimigos estão no poder/ideologia, eu quero uma pra viver”. Porém, a mobilização que nos faz reverenciar nestas linhas a genialidade de Cazuza, vem da 9ª faixa do álbum, intitulada “*Blues da Piedade*”. Diz o poeta em parceria com o [grande Frejat](#):

*Agora eu vou cantar pros miseráveis/Que vagam pelo
mundo derrotados/Pra essas sementes mal plantadas/
Que já nascem com cara de abortadas/Pras pessoas de
alma bem pequena/Remoendo pequenos problemas/
Querendo sempre aquilo que não têm Pra quem vê a
luz/Mas não ilumina suas minicertezas/Vive contando
dinheiro/E não muda quando é lua cheia/Pra quem
não sabe amar/Fica esperando alguém que caiba no
seu sonho/Como varizes que vão aumentando/Como
insetos em volta da lâmpada/Vamos pedir piedade/
Senhor, piedade!/Pra essa gente careta e covarde/Va-
mos pedir piedade/Senhor, piedade!/Lhes dê grandeza
e um pouco de coragem.*

No fundo, estamos ouvindo e relendo uma poesia-oração de natureza eminentemente cristã. Cazuza e Frejat anteciparam em 30 anos o que precisamos fazer agora, quando a covardia impiedosa e cruel tomou o poder. Assentou uma tirania triunfante de servidão voluntária, conforme La Boétie ([vide Conferência da filósofa Marilena Chauí](#)).



E por essa covardia cruel, aos não tiranetes, só nos resta, por hora, pedir piedade.

Não se trata de resignar-se à passividade de ver a maior parte da nação tombar em uma guerra viral, sem reagir. A hora de “pedir piedade” é a mesma de conter a ira da vingança, que absorve todos os que não se acovardaram. Sem Cazuza, e uma infinidade de artistas, cientistas e pacifistas que nos iluminam, seríamos recrutados pela natureza do olho por olho; dente por dente. Não poderíamos, cegos e banguelas de ódio, recolocar o tecido institucional do país no equilíbrio perdido, desde o negacionismo frente à crise internacional de 2008. Da Marolinha à Gripezinha desenhamos essa covardia impiedosa. Quem diria: do Barão Vermelho surgiria um Lama tupiniquim-tibetano, tão sabiamente multicolorido pela mensagem de paz, em momentos de pesadelo como este que vivemos. Senhor, Piedade!

"BARRACOSHOO LINGS"

Mais para VER do que LER. Mais para CANTAR do que CONTAR. Sempre mais ACHAR e TER do que BUSCAR, CRIAR E PROVER. Desde a Escola Básica, grande parte de nossos conterrâneos vivem a síndrome do tesão viciante pelas coisas fáceis.

Uma superfície de acessibilidades imediatas. A música é melhor do que a Matemática porque se canta sem ter de fazer conta por isso. O cinema é melhor do que o Português porque vendo não se precisa demorar tanto na leitura de toda a trama. E feiras livres são melhores do que fluxos mercantis de produção e consumo porque nessa histórica geografia das trocas se tenho, compro e vendo; se não... divirto-me no desejo. E só!

Um roteiro de gostos nada duvidosos (posto que banais) e aparências simplórias, garantem nossa superficialidade no mundo dos vazios existenciais. Embora exista sim toda uma narrativa de que a sabedoria vem do matuto, da gente simples que cultivava uma harmonia com o visível da natureza.

Acontece que, nesta natureza que mergulhamos em diversas dimensões e escalas, nada x tudo é complexidade. Não tem um naco de natureza sem o emaranhado nó da tecelagem de Deus (aos crentes de suas versões singulares e plurais); ou sem a nervura dinâmica e infinita do acaso, buscando um padrão momentâneo de estabilidade. Que as linguagens dos currículos escolares sejam incompletas para proteger o mergulhador na vastidão dessas profundezas, estou de pleno acordo.

Mas querer inventar a roda de superficialidades do gosto pessoal, ao bel-prazer de uma pedagogia da família, só para justificar o



direito natural ao ensino domiciliar... “ROMISCULING” DA PQP À ENÉZIMA POTÊNCIA... vão SIFULING!!!

Ao bom leitor da ética atual, um pedaço de vírus desativado já basta para vacinar a nossa razão contra [tamanha desonestidade](#).

Todo “ensino domiciliar”, enquanto Política Pública, é um derame de superficialidade e escárnio, tudo para voltar a ser “gentil” com os debilitados. É o mesmo que defender terapia ou empresa “domiciliar” na precariedade das habitações, como “alternativa” à corrupção governamental.

As iniciativas populares de sobrevivência são sempre bem-vindas; mas, Política só é Pública quando nivelada no padrão de dignidade das conquistas sociais. E não faltam indicadores multilaterais para informar-nos, por anos e anos, que estamos aquém dos padrões. Não é à toa que a 11ª economia corresponde a 84ª sociedade. Daqui a 20 anos, em que posição essa moribunda sociedade estará com seus “barracoschoolings”?

Certamente atestando o orgulho da elitização demente. Uma inversão assassina contra tudo que a modernidade da civilização nos

legou, pois o “domicílio” nunca e jamais se circunscreveu aos metros-quadrados-dejetos que nos cercam.

Domicílio é o país em que vivemos. País de pestes metidos a líderes, querendo imitar os barracões do samba em barraquinhas da sacanagem. Não queremos barracos, pedagogos do esculacho. Queremos um país de escolas, e muito, muitíssimo além do samba!

NÚMEROS MÁGICOS DA SANTA MENTIRA

A Dinastia Flecha assumiu o poder no final do ano do cão da terra. Assumiu de forma certa e inflexível para dar voz e vez a um povo ressentido de tudo; especialmente de memória, dados e argumentos que não satisfizesse diretamente seus sonhos de uma infância dourada. Desde a ascensão do grande “dinasta”, seu povo gritava alucinadamente “Minto, Minto, Minto”.

Mas os ouvidos eletrônicos das bocas malditas, multiplicadas na monumental Ilha da Santa Mentira, retirava a letra N da palavra. Como se aquele “N” fosse um número ou um nexo de Verdade diante das (IN)verdades tão confortantes das narrativas do (N)ovo tempo alcançado.

Nada na família flecha era consistente. Nenhuma natureza seguiria o curso normal da história insular. Afinal, a maior conquista institucional dos últimos 521 anos de achamento da ilha, revelava-se na estagnação dos poderes constituídos.

Todos tão “democráticos” para disfarçar tamanha burocracia em ritos jurídicos infundáveis, que a única fala capaz de gerar confiança passou a ser aquela advinda da magia messiânica.

Um MM açucarado na boca faminta dos fracos, fortalecidos agora pela arrogância do imaginário insular: patriótico! Verde imaturo com amarelo vômito... um fruto selvagem de caroço-praga: plantation de fanatismo em solo miliciano. A magia sem imaginação criativa. Bem distanciada perspectiva antropológica estudada por Antonio Carlos Diegues em seu clássico livro *[Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário](#)*.

A Ilha de Santa Mentira é de fato uma bolha perfeita de ignorância nacional. Nem por isso menos carente de compreensão intestinal. Pois as 3 espécies de seres mentígenos que passaram a ser identifi-



cados como cidadãos nativos, adquiriram um status de dar inveja a qualquer estatístico versado nas artes gerenciais da comédia S/A. Aliás, com cancelamentos sucessivos do Censo do Instituto Mentígeno de Geografia e Estatística (IMGE), os números transformam-se em instrumentos “óbvios” dos 3 grupos insulares.

O grupo majoritário, mentígenos, é formado por cerca de 60% da população. Entende muito de tudo e quase nada do funcionamento da máquina dinástica. A maioria deles sequer compareceu às urnas da sacrossanta eleição do ano do cão. Medo das mordidas ou decepção com velhas incompetências políticas transformou a numerologia dos mentígenos Massa em migalhas de um “não tô nem aí”.

Os números do auxílio emergencial, da loteria e do jogo do bicho, das muambas são sempre mais importantes do que os milhões e bilhões de qualquer coisa arrotada da boca dos estudados (os demais mentígenos). Portanto, são os não estudados que conhecem os números mágicos via berrante do pastor. A família Flecha conseguiu afinar seu grito no tom que os agradou. E a música Minto, Minto, Minto,

virou hino nacional no lugar do rebuscado “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas”.

Quanto palavrão lusitano, não?! Já grupos minoritários – comunas e anauês – se dizem cada um dono de 30% da população escolarizada e esclarecida, com dados e números N vezes demonstrativos de que o outro lado está para ser esmagado pelos fatos, apesar dos fakes que proclamam a seu favor.

Como a Dinastia Flecha só reconhece legitimidade cidadã na dilatação quantitativa dos anauês - massa não conta e comunas só estão vivos para fazer o papel de oposição na nova demonarquia emergente — o que importa é a sua contabilidade estatística oficial.

Exemplos: a) a Santa Mentira perdeu 310.000 cidadãos, mortos pela COVID-19, mas morre muito mais gente na poderosa ilha. O desemprego, advindo dos anos pré-dinastia, ainda mata muito mais; b) A vacinação é tão rápida que já atingiu 15 milhões de mentígenos.

Como comparar com Israel se a população deles equivale ao Ceará (um paraíso argumentativo do Nordeste da Santa Mentira)? E por aí vão as estórias de magia e delírio numérico insular. Tenhamos paciência: não faltaram dados para provar que o único jeito da Santa Mentira não desaparecer está na devoção absoluta à família flecha! “Anauê, Minto, anauê, Minto! Acerta Meu Baculelê que eu me Pinto Toda Pra Ocê”!

BONDE CARONTE

Vocês já conhecem os mentígenos anauês (devotos da família flecha), seus oponentes diretos, os mentígenos Comunas (todo e qualquer indignado com os rumos da Ilha da Santa Mentira, que adotara a demonarquia como forma de poder e sobrevivência vingativa) e os mentígenos massa, que escolarizados ou não, habitam a ilha como bichos escrotos e são chamados de “povão” pelas duas minorias.

Desculpem, contudo, vocês que não os conhecem. Podem recorrer à primeira menção que fiz a essas 3 castas na crônica anterior “**números mágicos da santa mentira**”; ou ir, aos pouquinhos, percebendo do que estamos falando. Tem muita historinha para contar ainda e ninguém precisa ter pressa. Pelo menos se algum desses for promovido a agregado da família (I)real. Justamente para sair ileso da exterminadora Política Pública Pandêmica.

Uma PPP de supervalorização da ilha, por intermédio de um plano econômico comprometido na evacuação geral da ilha. Vamos explicar a PPP, com calma. Mas sempre lembrando: anauês, comunas e massas não são castas escolhidas. É preciso ser familiarmente flecha para tomar o novo “Bonde do Caronte”.

Acontece que Projetos de Poder precisam ser economicamente viáveis e eticamente capazes de vingar as perdas psíquicas mal resolvidas. Não se trata de uma opinião. Trata-se de uma parceria. Nesse sentido, um duplo fato: a ilha da Dinastia Flecha só é governável com os avanços tecnológicos da antiga Barca de Caronte (o mitológico transportador de mortos para o Reino de Hades).

Na atualidade astronômica, Caronte virou satélite natural de Plutão (o planeta-anão) em 1978. Contudo, o velho imaginário do “fim do mundo”, negocia vantagens com a alta cúpula dinástica, considerando



os investimentos adquiridos por sua Nau, nada misericordiosa, agora chamada de Bonde do Caronte. Um bonde supersônico, com porte de transoceânico e capacidade de carga flexível ([vide dissertação de Priscila do Pires do Santos](#)).

O milenar Mister Caronte chegou para o psicopata Capitão Flecha e propôs um negócio da China Intergaláctica. “Minto Flecha, Vossa Majestade como está? Sempre mal é sempre melhor, não é mesmo. Deixe que eu lhe mostre dados de um investimento que temos para o senhor conseguir, em apenas 145 anos, limpar completamente essa ilha dos Massas estúpidas, dos Comunas podres e dos anauês traidores ou de devoção duvidosa. Tenho um plano chamado PPP que deixaria a Santa Mentira, pura e ecologicamente valorizada, sob o absoluto controle da família Flecha”. O Capitão arregalou os olhos, em desejo e sedução por aquele canto de boto cósmico. “Que conversa é essa aí, no tocante a nossa querida pátria santa?”

Caronte mostrou as contas: é o seguinte, Majestade: continue pondo os Massa para desrespeitar as prevenções contra a COVID-19 e as outras castas para matarem-se pela BOVID-17. Teremos 4000

mortos por dia, no mínimo, certo? Com essa média, em 145 anos ou 52.938 dias (digamos até a data de 11 de março de 2166), já que possui um total de 211.755.692 de mentígenos, a ilha estará toda despovoada e livre para a Família Flecha vender, alugar, traficar como bem entender. Que tal, Capi?

Aquele bonde de boas notícias, era como uma rede social da Dinastia. Uma oração messiânica! A melhor notícia do mundo insular. Deus acima de tudo e Caronte acima de Deus.

Mas os assessores escutaram a conversa. E quando algum tipo de raciocínio humano volta aos corredores do palácio, chega a perigosa pergunta: “escuta aqui Caronte, que vantagem você e o mundo infernal hão de levar com esse extermínio de mais de 210 milhões de almas em menos de 150 anos?”

A resposta não veio como se esperava, mas veio: “meu bonde não levará alma nenhuma; apenas corpos tombados que não acordaram a tempo de ver o sofrimento dos Flechas, esses sim, eternizados nas profundezas da Santa Mentira.” Como não entenderam a piada, riram de Caronte, crentes de que fizeram um negócio monumental.

AS IGREJAS BANCÁRIAS

Os sistemas de crédito e débito existem na relação de confiança entre grupos sociais mais diversos. Banco, no sentido de lugar específico para gerir confiança aos bens materiais, corresponde à casa de riquezas. Bancos são como templos de segurança, virtualizados pelas cifras, números, projeções de um mundo moderno e melhor. Mas, alto lá!

Melhor eu parar por aqui, porque nessa toada vou acabar escrevendo que um Ministro da Economia, na função de pastor de rebanhos nacionais ao Mercado Financeiro Internacional, representa o Pajé de nossa tribal capacidade de eleger Caciques Psicopatas. Afinal, só é possível testar o poder da fé quando tudo fede mais do que a diarreia de nossos resíduos existenciais.

A questão das “Igrejas bancárias” não está exatamente na capacidade dos agentes financeiros imitarem, desde a Baixa Idade Média, seus mestres eclesiais. O problema está no sentido inverso. E só não consideramos “problema” porque ainda nos recusamos a reconhecer a ética da maldade em sua performance destrutiva do mundo-terra. E qual é esse sentido inverso?

Hoje, agiotas do Senhor *Deusão*, montam as mais pitorescas e legais estruturas de defesa de suas finanças bíblicas. Criam delirantes associações de “bons” carneiros cristãos, com nomes aloprados, tipo “juristas evangélicos”. E convencem “sacerdotes constitucionais” (mais aloprados ainda) a fazer da putaria sanitária vigente — lembre-se do “mar de diarreia” que nos inunda — um exercício natural de liberdade de expressão.

Aqui, não falo da Ilha da Santa Mentira porque a verdade do inferno que inspira os mentígenos existe e ameaça frontalmente outros



cantos da terra. É um país de Igrejas bancárias financiando na lata o genocídio diário do quanto pior, melhor. Como lembra a sabedoria do fotógrafo André Liohn, ([Vide entrevista dele no Provoca da TV Cultura](#)) igrejas e políticas são montadas para gerar instabilidade máxima e soluções frágeis.

Sob a batuta do Capitão Messias, nada pode conter seu extremismo, a não ser nossa recusa coletiva de polarização. Pois trata-se de um fundamentalismo midiático e paranoico. Orgulhosamente machista, racista, homo e xenofóbico; só comprometido com a aceleração do temor servil ou da morte do outro. Um ideário de pestes que considera Cristo aquele que não sendo deste mundo, mandou esmagá-lo como cabeça de serpente. Até porque as serpentes são selvagens, invasoras do Éden!

Essas igrejas investem na circulação do dinheiro fácil e na captura definitiva da fé financiada, com rentabilidade impraticável nos bancos, frios e sem a benção do Senhor. Para quem nunca teve onde cair morto e foi desprezado pelos bancos convencionais, as Igrejas bancárias são absolutamente perfeitas; feudos para a morte feliz.

Além do mais, ateus ou agnósticos jamais provaram a incongruência de suas operações em paraísos celestiais. O que o século XXI está mostrando – até no STF, quem diria – é que o pessoal da elite econômica nacional também está disposto a transformar seu dízimo em potência.

Torná-lo um *nonagentézimo* — 90% para tais Igrejas e quase 10% para manipular o Estado. Um aritmético rasante faz as contas e pergunta: “Ué? Você quer dizer que a burguesia agora financia 9 vezes mais Igrejas que o Poder Público?” Resposta: É um pouco pior.

A extrema direita cristã quer recolonizar o Jardim do Éden e entende que árabes e judeus, como ancestrais da burguesia raiz, podem comprar títulos “Jesus-capitalização”, aplicar no mercado futuro sem aquela confusão toda fantasiosa do Apocalipse. Só precisam ajudar a varrer o lixo autoritário estatista das políticas públicas dos Comunas. Aí o resto da história... é cantar para subir mais cedo: *covidão* neles!

MIL NOMES PARA ESTILINGUES

Badoque, presente! Setra, presente! Atiradeira, presente! Garrote, presente! Caça-passarinho, presente! Baladeira, presente! Arpão... Opa, você é dessa classe? Funda... Afinal, é uma invasão de estranhos? Armas de fogo e extermínio! Mas que doidice é essa? Estava tão boa a brincadeira do estilingue de mil nomes! E agora, chegam os aloprados mortais para zoar com a nossa cara?

Quando aceitamos buscar a diversidade dos povos, nossas mais criativas raízes culturais e linguísticas, fazemos como a pesquisadoras Beatriz Aparecida Alencar ao rastrear os nomes regionalizados do estilingue, conforme os dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) ([vide trabalho publicado na Revista de Estudos Linguísticos](#)). Um trabalho rico no desenho das variações possíveis sobre o mundo da fala, como uma brincadeira de recriar significados para a densidade da vida. Já que o repertório de nossa língua, viva e socialmente versátil, pode ser infinito. Melhor dizendo, infinito enquanto dure, seja no teatro da vida seja nas armadilhas que desenham gigantes Golias; apenas para ver triunfar uma fome de poder disfarçada de pastorzinho-rei-Davi. Os tempos presentes multiplicam figuras assim, capazes de transformar estilingues em decretos ou xingamentos bomba.

Aí temos que rezar para aparecer uma Ministra Rosa Weber, no outro lado da Esplanada, quebrando bодоques de bala-veneno, daquele *Davício* que promovemos a Rei por 4 anos ([vide decisão da ministra do STF](#)).

Não haveria problema imediato algum em ter acesso às armas, como tínhamos e temos aos nossos estilingues, feitos de múltiplos brinquedos. Arremesso elástico de ataque e defesa, ainda que numa guerra de papel, caroços ou mamonas. O perigo da traquinagem exagerada é uma estilingada certa no alvo; e o alvo, dolorido, saindo



da brincadeira, lembrando a voz do mais velho: bodoque... não; isso machuca p'ra diabo! Vão brincar de outra coisa!

O tempo passou e boa parte de nós crescemos. Mas teve quem, machucado e cansado de ser machucado, traduziu o alerta em trauma ou doentia vingança.

Neste caso, o tempo não passa. Congela-se um mundo binário. Mocinhos desse meu lado; bandidos (quem pensar/agir diferente) do outro. E do badoque de galhos tortos ao estoque de seis armas de fogo para precisão do cidadão de bem, não há um único intervalo de maturidade humana. A brincadeira continua livre, leve e leviana.

O coleguinha do Planalto convence meia dúzia de coleguinhas no Senado a passar 2 meses “analizando” (ou seria alisando o duto anal?) para saber se deixa (ou não) atiradeiras automáticas fazerem parte do meu investimento em seguridade familiar. Teve de ser a Tia Rosa, com sua capa preta e seu coração mulher — porque os machos são “naturalmente” mais retardados em distinguir realidade de ficção

— nossa única esperança de não traduzir “estilingue” por extinção coletiva.

Como sou também um “macho”, mais estúpido que estupefato, por aceitar conviver com esse estado de violência e transformar minhas ideias em estilingues brincalhões, convido outros estúpidos que leram até aqui a enviar um Projeto de Lei para os coleguinhas do Capitão Davício: Pela seguridade da família, uma proposta de auxílio emergencial para estilingue com mira lazer. Por 99 reais (ou menos) você adquire um na Amazon.

Temos direito a 6 como cidadãos machos, dementes e inseguros. Em uma população de 102 milhões de homens, um investimento de pouco mais de 66 bilhões de reais. Uma bagatela para a política de estilingues que vivemos, não acham? Aí, com tanto palhaço defendendo a abstração de “Família, Pátria e Propriedade”, duvido que Tia Rosa vai querer peitar nossas mil formas de fazer do país uma eterna estilingada geral!

LIVROS PROIBIDOS

O 1º mandamento da Ilha de Santa Mentira é: “acredite na imagem”. E o segundo... “Libertem-se definitivamente dos livros”. Razões não faltam para esse salto visual absoluto que forjou a parceria entre anauês, povão e até comunas de mentígenos. A chegada da Dinastia Flecha ao poder tornou a leitura uma das maiores perdas de tempo da ilha. Não sei se dá para entender o peso daquela ojeriza desconhecida de potências modernas e países miseráveis ao redor.

Mas ali, naquela ilha — grande como um continente e apequenada como um neurônio de besta — os livros fixaram uma incômoda semelhança com algo inoperante. Cultura livresca virou blábláblá. Ou falava uma verdade estranha (ciência, arte, filosofia ou sabedoria de sobrevivência ética) ou contava algo até interessante, como se fosse um rascunho; um script de uma cena carente de audição e visualidade.

Por isso, os livros foram sucateados. E mesmo digitais – como esse texto que, para a maioria, tem o tamanho insuportável de um livro – os livros simplesmente cansam!

E o que cansa, faz adoecer, vicia, gera angústias e indignações, coisas perversas de mais para uma vida feliz e banal na fantasia da ilha. O livro é a Bíblia dos comunistas. E estes coitados devotos dos livros – pasmem, senhores – justamente na hora de fazer aquela adoração necessária à Bíblia, são capazes de profanar a palavra de Deus com a estúpida ideia de “interpretação”.

Veja se pode isto: os mentígenos Comunas querem “interpretar”. Como a maioria dos apoiadores dos Flechas não fazem a menor ideia do que seja interpretar, projetaram uma alternativa original: colocar “entre” dois “pretos” a indagação: “que diabos Deus quer dizer com aquele monte de ideias?”.



Quem (inter)preta precisa morrer! Assim, os 2 mandamentos – o pró-audiovisual e o anti escrituras — prosperam maravilhosamente. E os dados da indústria editorial estão sempre prontos a revelar otimismo, pois também “a Vida é Bela” no mundo literário ([Sobre o mercado de livros](#)).

Aí fica uma dúvida cruel sobre o que fazer com tantos espaços livrescos que insistem em estar “no meio de nós”? Espaços físicos (acadêmicos, bibliotecários, escolares) e espaços da web, ampliados no acesso global aos veículos digitalizados, todos incentivando a resistência de uma vida “precisada” de saberes elaborados?

Fernando Pessoa — que como outras poéticas pessoas insistem em manter-se no meio de nós — responde dia e noite que: navegar é sempre mais preciso que viver ([vide reflexão sobre o poema de Pessoa no blog de Rafael Arrais](#)).

Especialmente quando navegar-ler-escrever e estudar para criar, forjam sinônimos de uma rebelião permanente, que boa parte das 3 castas mentígenas (mesmo os Comunas) simplesmente não com-

preendem. Seja porque esqueceram os avanços da Escola de Sagres na conquista oceânica lusitana que forjou essa ilha; seja por apagarem a relação entre a abolição da escravidão e a construção de universidades.

A ilha da bola nunca se viu convertida na terra do livro. O que nos resta é imaginar tais pessoas emergindo das profundezas minerais da ilha.

Quem sabe... uma quarta casta, redentora e emergente — meio gente, meio vegetal enraizado, meio mineral precioso — vingue tal proibição. Que ela venha como uma lavra de gemas, do tipo elitista, no [desenho de Guita e José Mindlin na Biblioteca Brasileira](#).

Ou [chegue pela teimosia plebeia das centenas de garimpos, como as bibliotecas comunitárias](#). Só o encontro desses dois modelos, revoltos das entranhas e preciso pela navegação das galeras criadoras de Fernando Pessoa, será capaz de converter tanta proibição em pascal ressurreição de um grande espírito literário.

SEM CLIMA ALGUM

Em dez anos, deixamos a liderança das questões climáticas pela certeza de que não há clima nenhum para duvidar das verdades divinas. Não se trata de ironizar um evolucionismo espiritual. Muito menos aceitar que certos problemas gigantescos do planeta não nos cabem porque temos outros desafios mais sérios (quais mesmos, heim?).

O salto mortífero anticlimático não se fundamenta em lógica alguma. Tem mais a ver com lassidão e preguiça foliã. Tipo querer discutir em inglês tudo e mais um pouco. *“Que merda, mano, nós num sabe nada de “crima”, nem em português!... “Num dá prá gente só fazê um meetizao de xingamento no Planalto, tipo a babaquice ministerial do ano passado?”*

Biden disse que não... Então, temos que falar que está tudo bem, ok Baby?

Segundo os especialistas — essa gente não bronzada que anuncia acelerada o fim dos tempos — já estamos fritando o ovo quebrado da Terra, aniversariante do dia. Será? Todos sabemos que sim; e, ao mesmo tempo, que estamos ainda nas melhores condições para reverter isso. Traduzindo: podemos continuar comendo ovos e toda uma infinidade de produtos cultivados na terra, sem precisar ampliar um milímetro de devastação. Porém, quem se faz de bobo da corte brasiliense (a sexagenária morada imperial, aniversariante de ontem) não precisa estar nem aí com o que todos já sabem. A corte precisa de atenção dos súditos para suas piadas sem graça, como forma de inclusão da idiotice.

Por isso, resolveram fazer mais uma daquelas exposições *trash*. Não dizer nada, não propor nada, não justificar nada que não seja sacanear. Mostrar para os seres deformados (SSidadãos Heleitores



Phiéis) que a deformação da Terra é a vontade de Deuz. Um Deuzão Fudidão que impede crianças de votarem, mas garante aos idiotas, adultos adulterados, um poder descomunal.

Estão tentando convencer você, povo idiota, do contrário. Veja o que diz o Comunismo midiático ambiental alemão...

[“Cúpula do Clima começa com o Brasil no Banco dos réus”.](#)

Enfim, sempre será mais fácil fugir da realidade sem reconhecer a força dos estudos e análises globais. Não há clima para o Brasil. A tropicália congelou.

HOMENAGENS VAZIAS

O momento é mais um momento insuportável. E o que fazemos quando não temos suporte? Poluímos o momento terrível. Por isso, 1000 mortes por COVID-19, número alcançado dia 10 de abril de 2020, choca mais coletivamente do que 400.000 mortes em 29 de abril de 2021. A poluição das quantidades é nossa melhor maneira de criar qualidade adaptativa.

As homenagens tendem a contrariar esse dom miserável para a adaptação. Mas graças a poluição de interesses, também criam fatos como stories! Ficam 24 horas no ar e conseguem ser menos eficientes que o desfile de um folião na passarela do samba: mais ou menos 24 minutos de êxtase!

Dia 23 de abril, já tínhamos esquecido os indígenas do 19, os inconfidentes do 21 e os terráqueos do 22. Alguns decantavam a força de São Jorge sem pensar no Chorinho de Pixinguinha ou no Livro de Cervantes. E vice-versa. Fora tantas outras homenagens desconectadas das micro redes comunitárias elogiadas como “sociais”. Somos uma vastidão de boas intenções convertidas em ideias poluentes. E o resultado é um vazio cheio de resíduos inaproveitáveis.

Por exemplo: o que fazer com o Dia Mundial da Educação? Sorrir para os professores dizendo, retoricamente, que lembraram de sua importância? Para depois confirmar que essa data não consegue ser mais importante que o Dia da Dança, 29/04, o Dia Nacional da Mulher, 30/04 ou o Dia do Trabalhador, 01/05? São desfiles de homenagens vazias que não exigem quaisquer ritos de continuidade. Nem mesmo com aquela vida querida perdida no front humilhante desta fumaça de valores.



A verdadeira Educação Pública só caberia em um Dia Mundial de 24 anos; e precisaria ser capaz de desenhar uma transformação coletiva para 24 décadas (no mínimo). Teria de estar no centro experimental dos enfrentamentos globais da COVID-19, [liderando testes internacionais como o que a Europa vem fazendo com eventos de massa](#).

Não sendo possível tal vanguarda, resta esse saudosismo alucinante de que a escola possa evitar que nossa ignorância nos salve de atingir 500 mil mortos. Como isso não será possível em tão poucos dias, vamos cuidar das compras do Dia das Mães. E fazer de conta que elas nos ensinaram algo que ainda preste.

EM DERRETIMENTO

Um princípio milenar das festas rebatizadas como “Carnaval” era a sua capacidade de derreter as geleiras de nosso envelhecimento. O ano velho derrete no novo ciclo de esperanças. O inverno liquida-se em primavera, na banda Norte do mundo. E neste nosso lado Sul, o verão condensa-se nas enxurradas de uma geleira mística; tão distante e tão presente! Tanto que deu aos carnavais da atualidade uma ideia aparentemente infernal: um “adeus à carne” (*carne vale*) convertido em desejo carnal absoluto. Uma espécie de luxúria ritual que derrete éticas e valores, de dentro para fora. Comunidades di-onisíacas, regadas em aguardente e açai.

O que ainda resiste nessas metáforas do derretimento vital?

Uma saudade, terrível e grotesca, da delirante Era do Gelo da Modernidade! Aquele tempo bom em que a vida rural, bucólica, comunitária, que não volta mais... pode voltar, no aqui e agora, desde que você programe a máquina do tempo ao bel-prazer de lideranças retardadas. Retardamento hoje é a entidade máxima do governante com seu povo. E uma multidão adoecida pelo congelamento daquele ideal aclama esse líder do atraso como adorável homem de gelo. Conservador=congelador. E segue o resto da vida como uma profecia congelante e banal: tudo que bloqueia o presente-futuro assegura a perpetuação da vida eterna, da forma que aprendemos (miseravelmente) que a vida deva continuar sendo.

Yuval Harari, em o *‘Homo Deus: uma breve história do amanhã’*, desenvolve um ataque cirúrgico às ilusões liberais e conservadores do pensamento moderno, lembrando que a morte, enquanto limite humano, caminha para seus últimos dias¹. Eis o congelamento da vida

¹ Diz o historiador: “durante a História, religiões e ideologias não santifica-



eterna como paralisia de um passado devorador. Paradoxalmente, eis a necessidade de derretermos, em primaveras e outonos de sensatez carnavalesca, toda merda congelante que nos aprisiona.

ram a vida em si. Santificaram sempre algo que está acima ou além da existência terrena, e consequentemente foram bem tolerantes com a morte...para pessoas modernas é um problema técnico que pode e deve ser resolvido. (HARARI, Y. **Homo Deus: uma Breve história do amanhã**. São Paulo : Cia das Letras, 2016, p. 31)

GEOFILOSOFIA INSULAR

“Eu Sou o que Sou” está divinamente dito no livro do Êxodo 3:14. Matematicamente, temos uma frase do infinito número Pi dizendo a ti e a todos que Ser é Estar em conexão verbal e existencial com Tudo. A frase seguinte é: “diga isso aos israelitas” (leia-se *Os Outros tornados meu povo*), que pode ser entendida como uma ordem, uma profecia ou um recado teste. Tipo: *vamos ver o que esses ignorantes compreenderão!*

Se “Eu Sou” do Todo Poderoso, não se diverte conosco. Ele já teria morrido de tédio, pois sem consciência, o “maravilhoso” universo viraria uma mecânica sem graça alguma.

Por isso, entendo que ironizando, rindo e gargalhando com e como o Criador, podemos entender a armadilha insular que nos aprisiona na ideia de indivíduo. Indivíduo como unidade plena, como ilha autônoma, como um “Eu Sou” sem o mar das alteridades para reconhecê-lo. A individualidade é uma produção contextual, moderna e advinda do sistema social. O inverso rigorosamente não é verdadeiro. Uma pré-galinha primitiva nasceu antes desse ovo metafórico. Nenhuma sociedade é ou foi uma “somatória de indivíduos”, pois o bicho-treco humanoide que dá origem à sociedade, sempre o faz no sentido do coletivo (de 2 a bilhões) para individualidades futuras. Claro que admitimos o peso coletivo dos símbolos individuais de grandes lideranças ou bodes expiatórios. Porém, todos nascemos de um coletivo Nós Somos/ Seremos.

Geograficamente, tal filosofia nos ajudaria a pensar as ilhas existenciais que somos, como um global arquipélago de relações conectadas acima e abaixo do nível do mar. No caso da alegórica Ilha da Santa Mentira (delirante invencionice destas crônicas, com base no terror de 2018), o ponto de altitude zero é o nível do Mal. Os países-ilhas,



no mapa-múndi, são micro coletividades altamente conectadas às dinâmicas globais. Reino Unido, Cuba, Japão etc. formam exemplos diversos e centrais. Nem o tropicalismo de Madagascar foge ao sistema mundo. Então, diga-me Moisés: porque os falsos israelitas, vestidos de verde-amarelo, passaram a confrontar toda e qualquer sabedoria da Terra. Ignorância e/ou presunção. Apostem!

DESAPARECIMENTO SUMÁRIO

Lucas, Alexandre e Fernando são os nomes da reencarnação dos Reis Magos de Belford Roxo-RJ. Crianças punidas por existirem entre o Brasil-narco e o Brasil-miliciano. Ainda que tenham, na primeira infância, respirado a boa-nova da estrela de Belém, não conseguiram mais despistar os Herodes multiplicados no Reinado de Momo. Aquele que transformou 4 dias em 4 anos. Dia 27 de dezembro de 2020 não tinha sequer terminado o tempo da longa e amaldiçoada folia. Sumiço. A sentença aos 3 foi a mesma de infinitas crianças julgadas pelo Tribunal do Desaparecimento Sumário: culpadas por nascer na Faixa de Gaza que demarca 90% das fronteiras urbanas nacionais.

Carlinhos, nos anos de 1970, era o nome do Menino Jesus, que em minha infância servia de alerta à molecada para não sair sem avisar aonde ia. Cresci - e muitos depois de mim - cresceram cercados do medo de não virar refugiado no “Egito”. O desaparecimento de pessoas e crianças, em particular demonstra em 5 décadas depois, que a máquina de descaso social, como política de extermínios do futuro não precisa tanto da tortura explícita. Basta manter o sofrimento de milhares de famílias reais que testemunham o falso “arrebato” de seus entes queridos. Basta a fantasia corsária, verde-amarela, na marcha dominical da “família patriótica” modelo, agradecendo ao Deus militar de Israel a proteção aos bem-aventurados filhos seus. A ressurreição das múmias egípcias tinha que se dá nos bairros nobres do nosso deserto moral!

Muito além da ironia, a mais absoluta tristeza derrama os dados do observatório do terceiro setor: (23/11/2020) “Perigo ignorado: todos os dias, 217 pessoas desaparecem no Brasil”. [O texto de Maria Fernanda Garcia](#) reporta 79.275 desaparecimentos em 2019. A música “Desapariciones”, da banda mexicana Maná, sintetiza a desgraça destes



dados e das famílias dos meninos citados. Antes era apenas poesia de casos isolados. Porém, é arte de sucata humana. Sentença sumária de nosso ódio da cidadania, demonstrado no sacrifício dos inocentes.

FUTURO DO PRETÉRITO SEMPRE IMPERFEITO

O que você faria se soubesse que seu passado não corresponde ao que imaginou?

Se a resposta fosse simplesmente... “DARIA risada e APRENDERIA a viver melhor”, teríamos sim uma justificativa utilitária para investir na coleta de mapas de ancestralidade genética.

E não precisaríamos ler o especial “Origens” ([vide matéria do portal UOL](#)) como uma profecia da eterna perdição. A coisa da busca das “raízes ancestrais”, porém, parece voltar aos tempos da pureza racial, em que o nível de “africanidade” vira um sinônimo de eugenia positiva! E alguns afrodescendentes alucinados pelas revelações de laboratórios, como o [GENERA](#), perguntam-se: “Como eu poderia eliminar o DNA do colonizador de minhas entranhas de negritude?”

A resposta, no passado sempre imperfeito, desenha um futuro sombrio de inconformidade. E não é preciso lembrar que tais testes de origens, agora badalados como “retratos de onde vim” só recuam uma ancestralidade rasa de 200 a 300 anos. Umas 8 gerações reunindo até 512 avós, cujas respectivas vidas, majoritariamente, pautavam-se pelo tempo presente da sobrevivência, com pequenas doses de futuros hilários. Como controlar o que estaria por vir?

Agora, nos tempos das neuroses pós-modernas, estamos jogando num largo futuro maldições escavadas nos búzios cibernéticos do passado. É muito triste imaginar que depois de tanto valorizarmos o encontro de culturas e práticas interétnicas na construção da cidadania nacional, pessoas engajadas e instituições democráticas lutem por liberar gratuitamente testes eugenistas de mapeamento ancestral. O



Senado Federal, [segundo projetos em tramitação em Câmaras dos Vereadores da Grande São Paulo, faz consulta a respeito](#). Felizmente, sei que meu DNA é TÃO africano (de 1 a 99%) quanto NÃO africano. Desejaria 100% dessa sabedoria a todos os meus contemporâneos. Mas sei que há sonhos de Carnaval que só duram um verdadeiro Carnaval. Então... sua bênção, meus ancestrais.

FUTEBOLA MURCHA

Sabemos que o samba (e suas variantes sonoras no forró, fandang, funk, frevo e outras folias) é nossa forma de oração. Em tempos pandêmicos, porém, foi preciso suspender os cultos coletivos, ainda que a clandestinidade violenta do Entrudo esteja, a cada dia, *endemoniando* nossas mentes. Não houve Carnaval em 2021 e Nelson Sargento, com tantos outros bambas, teve que buscar um terreiro cósmico onde sambar. O mesmo não ocorre com outro nicho da folia, o “Futebol”. Na Ilha da Santa Mentira - banhada de Atlântico abismo ao leste, e *hermanos hablantes* ao Oeste - só existe verdade no vomitado manto verde-amarelo.

É proibido proibir a festa do futebol, o poder dos Cartolas e a vontade da família Flecha. Afinal, nesta ilha, a Terra não é redonda nem plana. É que nem uma bola condicionada pela violência da falta de samba no pé. Amassado e vomitado, o modelo de mundo insular é a bola murcha. Uma deformidade dos pés à cabeça que nos gera a seguinte sentença: “Se o samba deve calar, o futebol não pode parar”. Para bom entendedor... a explicação é simples. Não cabe tanta gente na Ilha da Santa Mentira. E torneios de apologia ao mata-mata facilitam a eliminação infernal do Povão e Comunas. Sem desconsiderar eventuais subidas aos céus de anauês, felizes pelo desempenho de seus ídolos canarinhos.

Enfim... A CEPA VIRAL AMÉRICA DE FUTEBOLA MURCHA nos estádios Coliseus desta Roma Pós-Moderna, traduz um projeto de poder inigualável. A ilha imperial do século XIX alcança, a partir da contrarrevolução milicianiana de 2018, seu nível superior de espetáculo. No fundo, a CEPA AMÉRICA prepara os caminhos dos desfiles milicianianos de 2022. Um terror “justo e necessário” aos testes de superação que a bola murcha DEMONARQUIA precisa instaurar para acertar o que resta de democracia. O povo já tem os melhores delírios do



esporte bretão para chamar de seu. Já tem um salvador da corte para chamar de seu. Já tem um cruzeiro na caveira da pirataria palaciana para chamar de seu... Nossa santa família governante é abençoada e hilariante... Querem mais o quê, filhos ingratos? Sambar no 29M?

Não, carniça... só queremos voltar ao mundo!!!

CAPA PAU-BRASIL

[Iain Woodhouse](#) é um professor da Universidade de Edimburgo cuja existência só descobri na oportunidade de escrever essas linhas e pensar na direção de suas propostas. O desmatamento florestal é seu campo temático de investigações. Especialmente porque seu registro está nas ausências, no invisível do que perdemos. [E suas estratégias de representação permitem deturpar a arte de Van Gogh, por exemplo](#), para nos fazer “ver” (compreender) o que se foi. Outros artistas tem voltado sua poética de beleza e indignação para registrar essa destruição florestal contínua e acelerada. O pintor José Antonio da Silva marca presença aqui para tratar da mesma “ausência” pervertida de “agromoral” ([vide matéria sobre o José Antonio no Sesc](#)).

Iain, José e um grupo seleto de ambientalistas perguntam-nos nestes 3% de terras emersas, rebatizados aqui como Ilha da Santa Mentira: POR QUE O AGRONEGÓCIO SE TORNOU UM DISPOSITIVO MORAL??? Traduzindo em tupiniquim de boteco... porque todo pau-brasil, para ser Brasil, tem de ser capado, cortado, queimado, traficado e vendido a um bando de coronéis? Pelo Dia do Meio Ambiente, em tempo de ambiente sem meios de proteção, respondemos com dados assassinos de destruição dos biomas nacionais. Debochados, os agromoralistas replicam: Se a Amazônia, o Cerrado, a Caatinga, o Pantanal e as Matas Atlânticas estão realmente devastadas, cadê sua fé no país? Porque “tu”, professor, não vai lá plantar soja e criar boi como nossos bentos colonizadores nos ensinaram? É isso que fazemos para ajudar a proteger o que nos resta.

Eis a cultura moral dos que captam as matas com serra, fogo, lixo ou envenenamento. A colonização agroexportadora ainda é um projeto de vanguarda no séc. XXI. Caso esse projeto tecnocrático e ético-imoral não caminhe para o extermínio, reduzindo-se a algo se-



melhante ao canibalismo, o Dia do Meio Ambiente vai precisar incluir a palavra “saúde” neste termo: a saúde ambiental.

MOTO(NEGO)CIATA

Capitão Flecha tornou-se uma representação moderna da fé na Ilha da Santa Mentira. Uma lenda viva! Um ícone da Divina Comédia, capaz de construir dinastia medieval com e contra todos os poderes cibernéticos do século XXI.

Estava na hora de mostrarmos toda nossa devoção canônica ao mito-mor do povo mentígeno. Esse ser indigesto, cercado de auras e aromas intestinais que nos faz amanhecer, almoçar, ruminar, anoitecer, namorar e desmaiar no vazio dos grandes místicos da humanidade. 7 Dias no Tibet não valem 17 minutos de fala visceral do Capitão. Mas para quem não pode subir o Himalaia, melhor ouvir o Pajé Malafaia apresentando o escolhido de Deus para o comando da ilha. Sempre lembrando que Deus tornou-se brazuca desde o desfile do primeiro bloco de sujos por essas bandas tropicais. Agora, o Criador - segundo o Pajé Malafaia, claro - resolveu fazer um Carnaval junino, com sons guturais do big-bang-bang. Em cada cidade da mentira insular, vai realizar uma MOTOCIATA DO FLECHA. Com apoio “gratuito” e “espontâneo” dos moto-boi-magia, [ciclo-anauês do Capitão!](#)

Existem momentos em que devemos admitir nossa resiliência para suportar dor e sofrimento, mesmo diante dos horrores da vida. Porém, estender esse momento por dias, meses, anos, e ainda conseguir ler religiosidade popular num cortejo de moto-negociata, é chegar em outro nível existencial. Santa Mentira tornou-se o maior templo bufão da espiritualidade terrestre. Arco e alvo dessa Flecha Humana que reinventou nossa capacidade de suportar as mazelas do planeta azul. Por isso, ao contrário do que gostaria de gritar, escrever e apelar, prefiro rezar com os pés (caminhando ou dançando) no ronco ensurdecedor desta moto romaria; só para agradecer ao narco-chefe flecheiro, Senhor das Armadilhas. Ele só nos atinge os valores midiáticos



todos os dias; mas por competência foliona ou incompetência militar, permanecemos “vestidos e armados com as armas de São Jorge”. Os comunistas diante do ronco das motos saúdam OGUN IEÊ! E seguem a vida aguardando o dia da retomada da ilha. Afinal... a brincadeira é longa, mas não é eterna.

ORQUESTRAL

O silêncio visível, tátil e imaginário dos instrumentos musicais remete-nos ao poder de nos levar ao êxtase! Um silêncio inspirado em seu aparente oposto. A melodia, o ritmo e a harmonia musical. Tudo que está na linguagem dessa arte magna, que nasce em nosso choro mais primitivo, transmutado pelos seios fartos da via láctea que nos acalenta e chamamos de Mãe. Ave Mamãe, Madre de Dios, são as formas intuitivas de personificarmos a musa maior, a música, corpórea e instrumental; essa orquestra de existência cósmica na qual queremos emitir um canto, uma dança ou uma expressão qualquer de harmonia para o mundo seguir. Seguir sinfônico.

As cordas, todavia, rompem-se. Tombam vozes e bailarinos quando poderes e intempéries corrompem o silêncio mágico em uma barulheira infernal. Nascem, crescem e eternizam-se nos espaços orquestrais os zumbidos do fim dos tempos. Estampidos caóticos de um tempo sem início nem fim. Daí o momento/recorte especial daquele lugar mítico entre palco e plateia, [concebido como coro orquestral](#). Justamente onde criamos a maior riqueza sustentável de um país perdido em 521 anos de desencontros: a MPB. A Música Popular Brasileira, em linguagem universal, convive com todas essas rupturas. Mas diante do terror de atores e espectadores, majoritariamente famintos de barulho e zoadas, ela permanece emitindo sonatas para ouvidos seletos. O “popular” da MPB só pode ser associado ao sentido patrimonial. Do local ao planetário, a Música Patrimonial Brasileira é riqueza orquestral, emergente da realidade reciclada pela inspiração poética. E quando interpretada, por sopro, cordas, percussão, vocais e acordes cibernéticos, desmancha barulho e silêncio em ondas de vida plena. Algo que, se o Reino dos céus não imitar, perdão, meu Deus, mas a vida eterna não valerá sem MPB.



Talvez por isso, nenhuma passeata consiga ter sentido sem bandas; nenhuma festa conserva-se sem a caixa de som; nenhuma paixão deixa saudade sem musicalidades comuns aos amantes. Mesmo um show musical, para ser “A Celebração”, há de demandar uma memória orquestral a visitar nos ventos noturnos. Sempre!

GHOST EDUCAÇÃO

Quando nos anos 1990 o filme “Ghost, o Outro lado da vida” dava continuidade às nossas visões de amor eterno, não imaginávamos (ao menos com a clareza de hoje) esse boom da realidade fantasmagórica. Muitas águas de verão e secas de inverno sacudiram a vida climática da Ilha de Santa Mentira; até naturalizamos os fantasmas como tipos ideais do novo milênio. O mundo on-line avançou como indicador de vida segura. Nos preparamos para isso rapidamente na década de 2010. E na virada dos anos 2020, em meio às revoltas PELA Vacinação, modelando a nova cidadania imunizada, um salto para o futuro passa a determinar o funcionamento escolar da ilha. Os mentígenos mais felizes são, pedagogicamente, *School Ghost*. Tudo para confirmar que aquelas críticas sobre matrículas de alunos fantasmas ([vide matéria na Folha de S. Paulo](#)) sempre foram uma maldição da mídia comunista e medieval, só interessada em showzinhos da fake-realidade.

Temos agora uma estrutura escolar de alta complexidade espírita. Professores vloggers, com sala de aula remotas, lotadas de fantasmainhas legais. São seres de bolinha ou retângulos, como sempre, tão planos como a ciência oficial da Santa Mentira. Porém, o que importa é o registro do êxito. Ninguém tira menos de 5, 6 ou 7, dependendo da nota mínima da escola. Ninguém é cortado ou excluído. Tudo nesse sistema de aprendizagem é ghost educação. Se o aluno for “desconectado”, a fé sistêmica remove as montanhas da velharia presencial. E o *Ghost Student*, 1, 2, 3, 6, 12 meses depois reaparece, manda um trabalhinho, um atestado COVID-19, uma foto da facção que o ameaça ou um print de sua última entrega de pizza. E já está tudo bem. Frequência justificada 100% com nota 5,0 LD: louvor e distinção).

Vejam os dados do E-Censo (*Ghost* ou *No-Ghost*) 2021: 1) Com metade do orçamento é possível manter semelhante contingente de



alunos matriculados no Ensino Básico; 2) Com o triplo de uso das redes sociais a doutrinação docente despenca 90%; 3) Com escolas milicianas on-line mantemos as crianças nos braços da *phamília kristan*... eternamente. Alguém ainda duvida de um mundo melhor?

NARCOBELEZA FATAL

Aquela velha sabichona do cesto de maçãs que abriu os caminhos de Branca de Neve, continua manipulando todos os nossos sonhos de final feliz. No mundo político, quando a velha renasce no encantamento filosófico do “*espelho, espelho meu...*”, sua sabedoria internaliza-se em nossas decisões cotidianas. E o custo é sempre o mesmo: a decisão tomada está guiada pela vontade divina. O mais chato disso é que o “banco de Deus”, mesmo com a mais elevada das taxas de juros, continua promovendo à condição de “bruxa má”, aquela ambígua vovó do pó.

Com a pandemia da COVID-19, esse *GodBank* subiu sua taxa de crédito aumentando o valor narcótico do voto no Grande Líder. Não basta torcer para que o “mito”, o ungido do Senhor pelo voto dos cidadãos anãozinhos, continue guiando a Gigante de Neve adormecida em berço esplêndido. É preciso aceitar, às cegas, sua conveniente capacidade de identificar bandidos e malfeitores. “Tudo bandido nessa CPI, nesse STF, nessa gente de esquerda... afinal, só Deus pode me tirar daqui”. Ao ouvir isso, qualquer narciso brasileiro poderia dispensar o sabor de maçã podre. Não o faz porque se limita a acreditar que o conselho de um dos bandoleiros atacados - [“saia da frente do espelho e pare de falar com ele”](#) - não tem credibilidade alguma. A Constituição virou circo sem pão. Ou se reelege um Presidente por narcobezeza fatal, ou busca-se no baú do passado, um narciso equivalente. Ex-esperança e Ex-presidente, tanto faz. Nós só não podemos deixar de nos ver como um povo lindo e inebriado pelo lago de seu egocentrismo!

Entre o banco de Deus e o cesto de maçãs da velha, a maturidade de ação política só cabe a quem, não desprezando o banco, utiliza o cesto da velha para fazer insumos: um caldo de investimentos estratégicos. [Tipo Calvados da Normandia](#): um sabor de risco que a



maioria de nós desconhece. Mas que não pode ser mais perigoso do que a dor de apostar na política viciante de narcisos.

TOLERÂNCIA NEGATIVA

Os jogos de linguagem entre substantivos, adjetivos e verbos parecem tratar sempre de equivalências. Como se amor, amante e amar fossem ideias iguais. Tipo casa, caseiro e casar... uma semelhança no código para ideias que detalham sentidos bem distintos.

Assim, tais jogos atraem para a superficialidade das coisas. Fazendo-nos confundir um conceito substantivo com a mesma natureza de seu verbo. Tolerância e tolerar forçam esse equívoco naquele famoso paradoxo atribuído a um pensador da envergadura de Karl Popper. Em sua obra “A sociedade aberta e seus inimigos”, o filósofo denuncia os problemas estruturais das ideologias da intolerância, formulando a seguinte concepção: “devemos, portanto, em nome da tolerância, reivindicar o direito de não tolerar os intolerantes”. Popper convida-nos a jogar com o verbo tolerar no sentido de “tolher”, o que em princípio é o oposto do “aceitar”, dos tolos. A tolerância não pode ser um sinônimo de tolice, desviando-se da justiça e da responsabilidade coletiva.

Infelizmente, por ignorar que todo tolerante justo sabe a hora de tolher, temos deixado a tolerância negativa dar as cartas do cotidiano. Especialmente nas instâncias do Judiciário. A balança da justiça seletiva fixou um padrão de intolerância como direito à libertinagem de expressão. E só a intolerância pode tolerar (aceitar) tudo para manter a sociedade refém dos abusos e violências. Se fosse para fazer justiça efetiva, o Judiciário precisaria antecipar-se na defesa Constitucional, tolhendo preventivamente ameaças à tolerância republicana.

Estamos, ao contrário desse clamor pelo tolhimento pacífico, banalizando os jogos conceituais. Escolas, mídias, partidos, associações, órgãos internacionais, universidades, aos intolerantes nada presta; tudo virou panaceia da negação de poder do Grande Pai. Portanto, perda de tempo.



A tolerância negativa é como um amor obsessivo ou uma casa mal-assombrada. Tortura tanto quanto tolera tudo que vê pela frente. A tolerância por Lázaro Batista. Cria o mito, solta no mato e mata, para o mito multiplicar-se.

BAGUNÇA DESEJADA

Criança bagunceira é um sinal de saúde.

A zona e a zorra total permitem a esses pequeninos girar e girar tal carrocél da vida, mais e mais! Dure enquanto dure. A bagunça - que habita seus corpos, mentes, quartos, casas, ruas, terras e cosmos - continua sendo o êxtase de nossos mais profundos desejos de felicidade. Até aqui, tudo perfeito na paz esperada, entre o caos que chega no mundo e a ordem que oferece seu “melhor” dos mundos.

Mas o mundo é uma adolescência eterna. As crianças crescem e tudo aquilo que tentamos manter em ordem vira um *bella caos, bella caos, bella caos-caos-caos*. E a música que fora momentânea harmonia retorna a seu estado de vento-ventania. Cântico de um Deus que troveja ou sussurra, clamando algo estranho no deserto de nossas vidas.

Quem se dedica a observar o Carnaval, como um embaralhar de cartas para a próxima rodada do jogo, além de divertir-se um pouco, aprecia trabalhar com essa linguagem caótica momentaneamente ordenada. Nesse sentido, sabe (mesmo sendo difícil explicar) que a norma do universo é o movimento explosivo. Alguns cosmólogos e antropólogos - talvez não tão raros quanto os geógrafos - não estranham lidar com a realidade adolescente do mundo. Eu também não estranharia se não desse tanto valor aos delírios de “*mundo melhor*” feitos por historiadores, economistas, ambientalistas e pedagogos. Gente boa, sem dúvida; mas hoje, naturalmente, ouvidos em demasia, em nome de reverências servis. A vida de ovelha no campo, observando o cajado do pastor, é tão caótica como a do sambista que chegou para desfilar quando sua escola já estava na dispersão. Perdeu, brincante! Ovelha desgarrada é adolescência perdida. Esparrama seus traumas pelo resto da vida e ajuda a explicar porque tanto sonho de



ordem, planejamento e eficiência gerou essa bagunça... zona/zorra tão distante do bem desejado!

Naquele momento do crepúsculo de vida, acessível a todos nós depois de segundos ou décadas de existência, seríamos mais honestos se pensássemos na adolescência bagunçada; ambiguidade perfeita do húmus que nos fertilizou nesse trajeto. O adolescente Matusalém 969 que o diga!

OLÍMPICA SEGUNDONA

Não podia imaginar minha tese sobre o valor da vitória de prata. A segundona posição alcança tanto brilho a partir de uma prancha de skate. Aquele surfista de asfalto, Kelvin Hoefler, de quem eu (e a maioria de vocês) nunca ouviu falar, presenteou-nos com a primeira medalha olímpica da Ilha Brasil/Santa Mentira, nos Jogos de Tóquio 2020. Um ano de atraso pandêmico e de preparação para tamanha conquista.

A revolta dos “webtribalistas” nas redes do conforto social, não demorou. Berros e denúncias de injustiça, como sempre *racistoides* e *xenofoboides* afirmando maquinações nipo-americanas, só “[para nos prejudicar](#)”. Temos de tudo... menos paciência para decodificar as vantagens estruturais de uma segunda colocação. Até mesmo quando amparada pela preguiçosa ideia de que se trata de um “título perdido”. Todos os que não disputaram ou chegaram até ao 3º lugar parecem ter ficado orgulhosos pelo direito de competir e rir do segundão. Algo como um bullying natural do mundo esportivo. Uma imbecilidade sem nenhuma base ética ou estética, mas reeditável nesses momentos em que poderíamos lembrar: a prata do Brasil na Copa América foi um “investimento” nacional. E como tantas outras tentativas que pararam ali, na segundona, uma posição honrosa, seja na cara feia de Neymar ou no silêncio do governo e CBF. Eu e outros/as inconformados/as pela teimosia de sediar aquele torneio na Pandemia da COVID-19, agradecemos ao prateado argentino converter em ouro “nossos descréditos”!

Agora, por caminhos tortos e certos (portanto, divinais), Kelvin agradece a sua mulher e a seus adversários nas redes e no palco de seu *streetódromo* japonês. E na segundona olímpica, atrasada e esvaziada da maior cidade do planeta - 1964 no Japão, simboliza algo



verdadeiramente glorioso - Kelvin escreveu seu nome na história do skate mundial. Parabéns & bênçãos de Compostela - 25/07, Kelvin. Se tudo nessa ilha de ouros de tolo prepara seu esquecimento, plantamos palavras de apoio. E só pra contrariar!

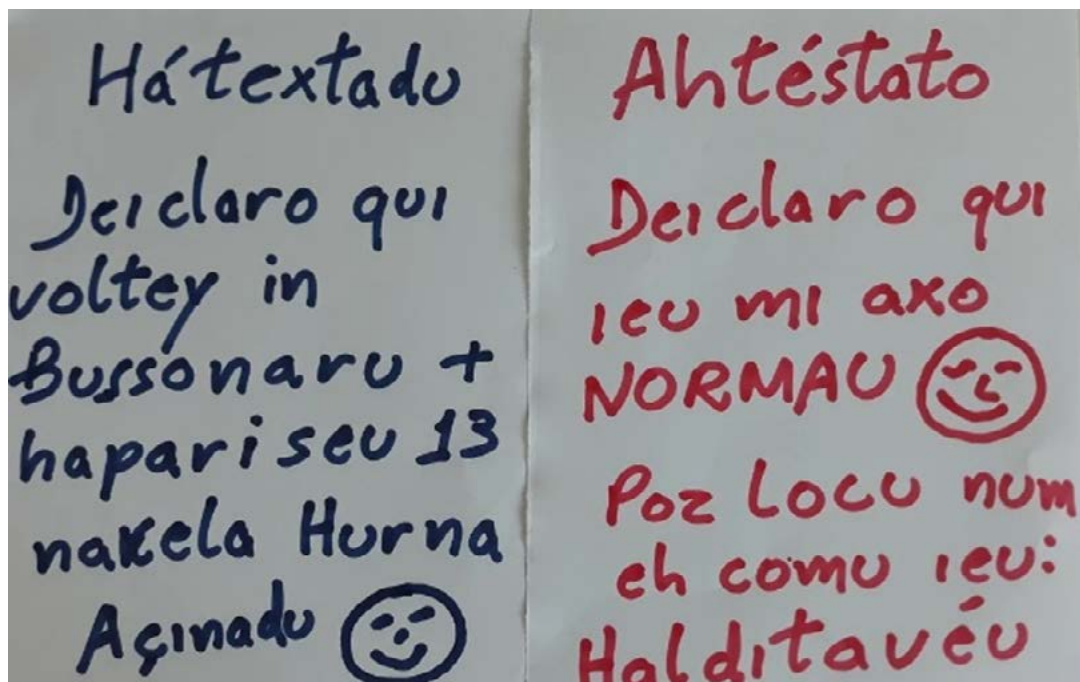
PALHAÇO AUDITÁVEL

Acalme-se leitor/a! Por favor, não se apresse em desistir da leitura por suspeitar de minha agressividade. O palhaço auditável do título é este frustrado artesão de ladainhas semanais que vos escreve. Euzinho de Oliveira, tá bom. Queria aproveitar os garranchos criativos daqueles cartazes de “volta às aulas”, para refletir de forma solidária - tipo paz e amor - com um grupo de brasileiros olímpicos. Gente de bom coração e ganas de vencer a qualquer preço, no momento tão dedicada à luta pelo voto “impresso/auditável e democrático”.

Pois bem. Gostaria de conselhos capazes de demonstrar, na vida cotidiana, por que razão quem não imprime esse texto não pode ter segurança de que ele existe? O que nos leva a desconfiar que tudo não impresso é falso?

Explico melhor. Eu me considero um palhaço, profissional das artes cênicas, que vez ou outra precisa armar suas piruetas em um circo de sobrevivência profissional ou cidadã. Seja para “esquecer” as dores da vida, seja para lembrar de proteger o entretenimento sadio, que amo. O problema é que eu não tenho qualquer atestado que comprove esse dom existencial para brincadeiras com cara pintada. Minhas palhaçadas não são aceitáveis, neste sentido restrito do papel impressor, comprovante. E o que é pior... meu único comprovante existencial de que ainda sou um cidadão não foi solicitado nos últimos 40 anos em nenhuma instância séria da sociedade brasileira. Falo da minha Certidão de Nascimento. Vocês lembram onde está a de vocês? É bom verificar para saber se são aceitáveis todos os leitores aqui.

Sim, compreendo que outros documentos, fotos, filmes e até o mapa do DNA podem *reauditar* aquela cartinha que seus pais atestaram em cartório. Portanto, herdamos uma confiança antepassada no risco de acreditar que o cartório confiou demais em uma declaração



hospitalar. Será mesmo que nascemos daquela coligação óvulo-espermatozoide, atestado 9 meses depois, sem qualquer auditoria fiscal?

Aprendemos, há 25 anos, com votação eletrônica, a coerência da palhaça democrática com o resto dos sistemas desse circo. Desaprender é fechar o circo. E o papel... é só madeira morta!

VOZ 80

O menino N de Bela Vista completou 80 anos de bela voz nesse agosto leonino de festas tão discretas e tão trágicas na escala nacional. O filho “vira-lata de raça” de Dona Beita e Seu Matogrosso, cismou de vestir a farda do pai militar pelo avesso. O que resultou nesta reinvenção sonora da obra-prima de Michelangelo na Capela Sistina de nossos ouvidos e sonhos de paternidade. Hei de ser Matogrosso ou N’hei de Ser??? Eis a questão de Hamlet: em cada canção entoada por N de 1972 a 2021. Sempre nova, sempre eternar!

Claro, assim como o Antonio Matogrosso, o pai encarnado de N, muitos entendem sua voz como um falsete feminino demais; uma contravenção moral. Quem seria louco de autorizar a imagem paterna associada a um corpo tão seco quanto molhado? A resposta é pura e simples complexidade madura: qualquer sujeito capaz de entender o humano como indissociabilidade no Ser *Pai-Mãe*. Ainda que uma das faces revele-se melhor.

Na mensagem teatral da música de Ney Matogrosso, podemos ouvir mil formas de harmonias e rupturas performáticas. Contudo, devemos mesmo ignorar que a milésima primeira mensagem possa ser a convencional herança ancestral de um pai conectado aos filhos. O que há de melhor e mais belo na sensibilidade da vida? Para quem permanecer no conforto das convenções contraculturais, a resposta é SIM; podemos ficar nas mil maravilhas artísticas do oitentão mais charmoso da MPB. Afinal, “menina, eu sou é homi”. Portanto, limitado.

Optar pela resposta NÃO, é considerar a natureza humana de nossas ascendências plurais, culturais e espirituais. O consanguíneo importa sim, mas não explica tudo. Buscar o ilimitado é ver e ouvir Ney sem as barreiras de 20, 40, 80 anos, como o pai camaleão que nos acolhe, com ou sem maquiagens.



Na entrevista do Fantástico de 01/08/21, o aniversariante estava elegantemente nu. Logo, era ali um pai perfeito de nossas fantasias de criança.

Isto é, quando a criança interior imita os versos de um outro oitentão Divino, o M das Gerais: “toda vez que o adulto fraqueja, o menino me dá a mão”!

Seja Ney, Seja Milton, Seja Criador/Criatura... Sejam todos pais assim.

2 POR 1 VALOR NENHUM

A ideia-chave dos tempos pandêmicos na Ilha da Santa Mentira, onde brincamos o mais longo “Carnaval” do planeta, chama-se HIBRIDISMO. E o que seria esse bicho de 2 cabeças em uma, meia ou nenhuma?

Duas são também as possibilidades de resposta. Porém, um jeitinho de não responder e ficar fazendo aquela hibridação no modo “*enroleichon*”, encontra-se no deprimente setor da Educação Nacional. Hoje, conquistado pela Santa Inquisição do Pastor Milton, da tribo exorcista presbiteriana que tenta devolver o Ensino Público a um deus maníaco; forjado à imagem e semelhança dos ressentidos. [Vale a pena saber como o Pastor tenta travestir-se de doutor para pregar suas bobagens aos mentígenos.](#)

Deixemos o abre-alas da comédia do MEC em direção à tragédia que dirige o restante do espetáculo da ilha. Aí sim, vamos reconhecer as duas colunas de Hércules no Mediterrâneo de nosso maior teste de maldição híbrida. Algo bem pior do que estão propondo aos docentes na educação emergencial: “vocês devem voltar com um sistema híbrido!” Verdade, diretora! Mas que *PORRA PEDAGÓGICA É ESSA???* Um diretor normal e sensível responderia: “Não faço a menor ideia, querido! Vá enrolando aí que tamo junto. Faça assim. Tente 2 e garanta 1, que nenhum é o lucro”. Na capital da ilha, porém, as colunas têm nomes e barram tudo pelo Rei: Ave Augusto & Sir Artur! Híbridos de antiguidade e medievalismo, garantindo o desfile do Império da pós-verdade. Ninguém derruba a família Flecha do poder enquanto essas 2 esfinges devorarem qualquer razão constitucional.

Talvez, a reconquista democrática da ilha requeira o desgaste moral dessas 2 colunas. Artur&Augusto, bonecos gigantes hibridados pelas falhas do sistema, não são indestrutíveis. Nem eternos, nem



imunes. Uma queixa-crime, corrosiva e eficaz, parte qualquer boneco ao meio! Pena estarmos tanto tempo inebriados pelo excesso de ética idealista. Uma ética etílica, confundindo fígado e bexiga com coração. E dizendo, por hibridação demente: jamais será vermelho! Corrigindo, Brasil em cor: se não for vermelho, jamais será coisa alguma!!!

OPENBANKCLOSEHUMAN... TESTANDO!

Depois do rolezinho espacial do Jeff Bezos, com seu new super pênis shephard e do anúncio da robô prostituta Tesla Bot, feito por outro estagiário divino, Elon Musk... resta-nos só esperar... O momento de nosso TESTE! Aquele minuto êxtase de sermos testados “pra valer”. O salto triunfal de resistência e superação que assistimos aqui, ali, acolá; especialmente quando esquecemos que os terremotos do Tiburon/Haiti e as revoluções de Cabul/Afeganistão estão mais no aqui da Santa Mentira do que no acolá das delirantes verdades de São Bezos e São Musk. Esses anjos do capital distribuem modelos de vida e felicidade como doces, feito brindes de Cosme e Damião.

E a Mídia *Nossa de Cada Dia nos Dá Hoje* o dever de agradecê-los. Afinal, a nossa espera é a concretização da esperança de passarmos no teste. Viver é testar as próximas etapas; perder é melhorar a condição de teste do coleguinha! Portanto, leitores queridos, a crônica aula de hoje é um teste de aptidão para juntar esperança devocional, ceticismo tecnológico e cinismo empresarial. Tanto nós, os consumidores de velhos mitos quanto os Talibãs, produtores ancestrais dessa mesma velhice mitológica (com bombas e bestas tudo se resolve!), formamos a Irmandade da Esperança. Mas nos faltam cinismo e ceticismo. Do preço dessa falta vem o custo da ignorância que não entendeu o palavrão do sistema financeiro em 2021. Uma Odisseia no Espaço + 20. Chama-se *OPENBANKCLOSEHUMAN*. Literalmente... “abra seu banco e feche seu humano”. Está difícil passar nesse teste, não é mesmo? Vou baixar o nível para imitar Bezos&Musk. Responda então essa perguntinha ingênua: se você pode ser banco, por que ainda sonha em ser humano?

Alternativa: a) quanta bobagem!; b) como “ser banco” se não tenho cidadania?; c) não me iludo com magnatas; só os assisto por



entretenimento); e se... *openhumanclosebanks?* e) P.Q. “Tô me guardando pra quando o Carnaval chegar!”

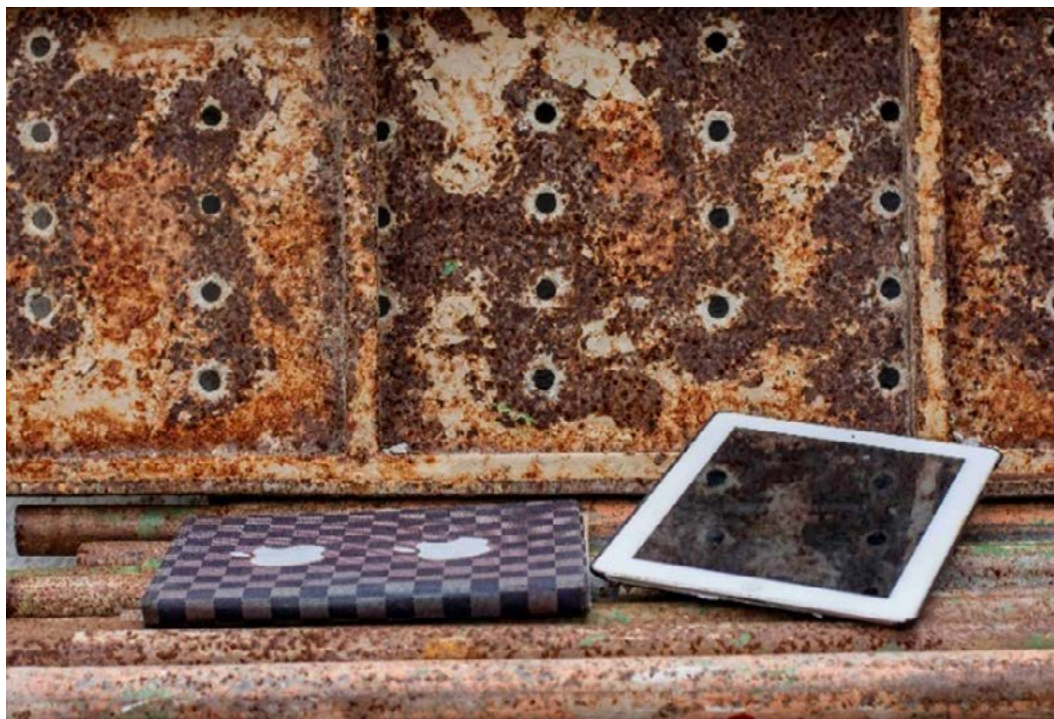
Um teste reflexivo, mesmo com outras opções, não significa quase nada diante de 24 horas de teste mortal que atinge milhões neste momento. Mas há uma “quase”! humanidade na indignação. Minha opção é e), e a sua, NoBank?

BOI TÁTÁALI É BÃO FICÁ POR LÁ!

Dias e noites passam pela tela. A nova janela da alma de quem sonha um futuro tão quadrado quanto o memorialista do cárcere.

Dias e noites agora imitam aquela velha pandemia que já deixou 4.5 milhões de mortos no planeta, como um holocausto semita de 2ª categoria. Quem ainda dá bola para a gritaria da OMS falando “bobagens” que não animam a pauta dos telejornais? O Plano Real foi-se na calada da noite. Azar semelhante teve o Fome Zero, a Lava Jato e outras badalações do #AGORAVAIIDARCERTO. Por que a pandemia resistiria à força do Sart War com os Jedis do Talibã, lá e cá?

Por isso, nada melhor do que fechar o mês do folclore falando um pouquinho de uma coisa tão caduca quanto o sistema educacional afegão. Um treco deprimente chamado ESCOLA. Já ouviram falar dessa Arca de Noé enalhada no Ararat da saudade? Pois é! Segundo o Poder Público da maior cidade da Santa Mentira, [os tablets resolveriam nossos traumas na falta dessa Arca](#). Porém, o mundo também é desenhado pelas festas bombadas, de Impérios e contraimpérios. Todos machos; todos brutos; todos dispostos a esmagar essa história de alternativas do “humanismo sensível” criado, certamente, por mulheres! “Oh Grande Senhor dos Exércitos? As escolas são como casas primais. Se não existissem, seríamos todos tão másculos e tão felizes! Por que Vossa Santidade insiste em reeditar este mundano e feminino espaço de perdas de tempo?” Deus, é claro, continua caladão, fugindo das bombas e confiando nas noites e dias que nunca passam. Ele sabe que as escolas forjam, no mundo sutil (nem macho, nem extremista, nem puritano), nossa única esperança de vida com sabedoria. E seus infinitos nomes, aprendidos e exercitados nesta velha arca, existem para desencalhar as nossas piores e melhores certezas.



Não sabemos o que será dos dias e noites seguintes aos tablets encantados e as Sharias deturpadas; sabemos que não prestarão nem para a Farra do Boi. A escola pode mais hoje do que qualquer passado que um dia já foi. Os deuses sabem, mas estão sem diploma!

FANFARRA SILENCIADA

Ninguém sabe ao certo quando a Ilha da Santa Mentira tornou-se independente de seus colonizadores. Há quem diga (certamente os da turma comunista) que esse monte de terras perdidas no tempo-espaço nunca gozou de soberania efetiva.

Porém, o que ficou valendo desde o berro do Pedrão na paradinha do Ipiranga, em 1800 e lá vai pedrinha... é: em 7 de Setembro a fanfarra cívico-militar deve sair às ruas para ensaiar as procissões marianas, os cortejos de Natal e as folias de Momo. O Imperador mandou cair no samba, desde então. São muitas escolas, agremiações e clubes dos antigos mentígenos. Agradeceram pela ordem e progrediram, conforme suas bandeiras, chamando novas associações de Coroados, Imperatriz, Império, Academia. E os reinados locais para honrarem os mitos fundadores.

Tudo vinha mais ou menos bem... até que a BOVID-17 corroeu a sabedoria e a alegria daquele frágil povo. Não é que a doença evoluiu a ponto de esperar uma pandemia real (de um coronavírus) para cancelar os bumbos da fanfarra cívico-militar, em nome de arruaceiras manifestações? Imagine, você, uma leitora saudosa de nossos ensaios escolares. Era aquela vontade de ver e fazer bonito nos desfiles oficiais dos bons tempos pré-Bovid. Tudo aquilo passou? Se chegasse uma notícia de que a besta-Flecha presidencial tinha cancelado todas as paradas para fazer arruaça em verde-amarelo, qual seria sua reação, querida patriota? Hoje sabemos serem duas: o povão e os comunistas não “bovidados” vão assistir e pagar para ver o vazio humilhante desse vandalismo moral. Mas os mutantes anauês - que já nem lembram o significado institucional do 7 de setembro - vão para a tal catarse à convite da besta-Guia. Lembrarão da fachada fake de 6/09/2021 e acharão que podem esfaquear as instituições republicanas seguindo



a Dinastia Flecha. Que se afoguem no Ipiranga da idiotice! Pena que nós, assustados com essa enfermidade sem vacina, aceitamos demais a micareta despirocada. Calamos o bumbo no depósito das escolas trancadas. Que em 2022 restauremos nosso direito às fanfarras. Para a farra da maldita boiada não acabar com todo pasto natural da ilha. Amém!

CORREIO ELEGANTE

O Apocalipse (que na alegoria do samba sempre foi apoteose) estava ali adiante. E a penúltima ala bíblica, conhecida como Epístola de Judá, dizia assim em seu versículo 4: *“Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e SENHOR, Jesus Cristo”*. A Carta Apostólica de Judá ameaça os inimigos. Porém, com aquela elegância dos escribas inspirados a dizer tudo com a devida vênia de não ofender ninguém, diretamente. Afinal, hebreus e gentios, sem exceção de povo algum (até para sobreviver como “povo escolhido”) precisam nascer de cartas fundadoras capazes de ocultar a matança e o horror de sua origem.

As cartas, entretanto, fazem mais que narrar convenientemente as origens. São as verdadeiras destinações do ideal humano de Modernidade. Você pode viver o arrebatamento carnavalesco, pascal, junino, natalino ou de qualquer festejo. Mas se isso não virar um testamento oficial, um contrato social, enredo no papel-bit, ainda que chamado de Constituição... esqueça: seu êxtase não passou de delírio! No mundo pós-Gutenberg, só os códigos em epístolas têm valor existencial.

Não vou prolongar a camada de glacê nesta crônica, feito um bolo com sabor de papel carta. Nosso Judá, Michel Temer, emergiu das cinzas da semana da pátria para lembrar ao verme do Planalto que todo crime hediondo resolve-se com uma carta. O armistício é um crime de renúncia aos crimes acumulados. Enquanto durar a Modernidade, a elegância das cartas sustentará o direito de pedir perdão, e o dever dos vitimados, perdoar. Quantas vezes xingamos um professor considerado “arbitrário” ou “injusto”; e em nosso cangote apareceu um Judá-Temer com uma “cartinha da por-caralho” dizendo: assina aqui



e toda a escola vai acreditar que você aprendeu a lição? A experiência deste poder do texto - e não existe bíblia falada - necessita urgente do amparo dos estudiosos. Todas as lutas, prós e contras clamam por redação epistolar. Fora=Volta, Temer! Ave Magistral.

DANDO QUE SE DANA TUDO

Nos 15 últimos segundos, você, alguém com você ou uma sombra/avatar de você deve ter sido convidado a investir “o melhor de você” em um Reino dos Bytes, muito mais celestial que os códices religiosos ancestrais. E nos próximos 15 segundos, você que não quer perder nada (além de tempo) já está convidado a visitar as inúmeras plataformas de aposta em sua “segurança financeira”. Aquele banco, naquela praça tão iluminada pela certeza de que a vida nos agraciou, definitivamente! Um dia eu fui consumidor, cliente, freguês; um buscador de produtos. Tempos idos. Hoje, somos buscadores de investimentos em experiências. “Eita, preula!!! Tamu Ricu” só de trocá o velho banco da praça, por NU, XP, C6, ION, GUIDE, e essa sopa de letrinha”?

Existem muitas coisas para fazer depois de convites tão cativantes, embora pouco convincentes. A chata maioria delas exige sim um esforço contínuo de extrair o máximo do nosso ambiente, devolvendo o melhor com parcimônia, em regime de cooperação. Mas a tal “sopa de letrinhas” que nos fez trocar o velho cofrinho de moedas por um novo porta-PIX, cheio de aplicativos mágicos, não quer ver eu e você em nenhuma ação extrativista. Extrair virou pecado capital. O negócio top agora se restringe em dar + doar + conceder. Todas essas entidades do álbum de figurinhas da Forbes, lá estão por seu máximo nível de doação. Esse é o jogo; e por ele deve-se mais acumular para dignidade dos bytes que nos guiam, do que para o egocentrismo de salvação do corpo ou da alma. Estranho, não! Será mesmo que o modelo de “dar para zerar” está regendo nossos sapiens mais exitosos?

A hipótese foliã não ignora que, além das telas digitais, o mundo continua entupido de paisagens carcomidas e cotidianos mal-humorados. Vez ou outra, um rosa floresce neste espinhal. Porém, por



ser foliã, a ideia de “dar para se danar”, restaura a idiotice dos investimentos sem projetos. A riqueza do mundo nunca foi tão grande. E o banco vazio, nos desertos da praça, me/nos questiona: grande para quê e para quem, Senhor??? (Vide matéria [“A era digital e o trabalho bancário”](#)).

DOCES ESTAMPAS

Há muita poesia para os olhos, porém, pouca para as pálpebras, cílios e óculos. Que pena tanto desequilíbrio crônico. Por isso, nada melhor do que uma singela crônica, a de número 50 (sempre desvalorizada em relação à mística do 100), para inspirar essa conversa de hoje.

Começamos pelo sol de primavera, lá fora. Denso de luz e impossível de ser visto a olho nu. Esse nosso órgão ocular, triunfante de modernidade, diferente do auditivo, exige muita proteção e mediação para funcionar bem. Em geral, nascemos com ele duplamente fechado. E carecemos de um seio humano, provedor de via láctea, para nos convencer que a luz do mundo externo não nos destruirá. Daí em diante, mesmo com todo sofrimento de dias, anos ou décadas, tudo o que precisamos para viver são cortinas, persianas, corta-luz sob nosso controle. O estampido dos sustos da vida depende de doces estampas. Demanda estética na ética, decoração em coração.

Visitamos todas as formas de simulação ao longo da vida para religiosamente (com ou sem divindades) darmos sentido às escolhas. Da mesma forma que queremos “ver” o sol com filtros e pálpebras. Talvez por essa razão, o luar e as estrelas sempre guiaram melhor nossas realidades e sonhos de superação. Mesmo assim, as lágrimas surgem do interior dos sentimentos como chuva-placenta. Herança dos meses em que fomos gestados; humanos embrionários na inocência de desenvolver-se para tornar-se mais uma cortina (de revelação ou deturpação) aos olhos dos outros.

Neste Dia Santo, 26-27/09, dedicado aos irmãos Cosme e Damião, lembro o tempo em que descortinava as casas da vizinhança em busca de doces estampas da convivência social. Eram dias de 48 horas. Como são o sábado-domingo da Ressurreição e o Natal. Sempre foram minhas maiores celebrações de infância. Isso, no auge da Ditadura. Hoje, graças



à heresia evangélica que reinventou um Cristo medíocre, de luz sem mediação, a cegueira social impede a distribuição dos saquinhos de doces e mesas farta dos Ibejis em nosso ritual de sincretismo. Que infância saudável é possível sem sincretismos? Nenhuma. Cortinas santas são nossas melhores formas de capturar a luz no mundo.

PRATO MÍNIMO

Chegamos ao dia 03 de outubro de 2021 já empanturrados de arroz com feijão e saladinha. Na vida política da Ilha da Santa Mentira, tudo virou ciclo eleitoral no compasso 2/4 anos, sendo pares os anos de urna e ímpares os de contra-ataque dos eleitos, em permanente judicialização. Nesse sentido, todo o sistema democrático, em seus 33 aninhos de juventude transviada, gera um prato cheio para a mídia e suas formas de “renovação” (as chamadas redes sociais). Contudo... “prato cheio” de quê, meu chapa?

Cheio do mesmo: arroz de Bozo, feijão de Lula e saladinha de alface-tomate da ridícula 3ª via. Esse prato “tradicional” que alimenta nosso direito à ilusão de que elegendo um novo Momo (em votação absoluta) para os 4 anos seguintes de comilança, fará com que esqueçamos a bebedeira dos outros “novos” 540 “bobos”, eleitos por votação proporcional e regional. O prato mínimo, “arroz x feijão x saladinha”, sempre será entendido como aquele que governa a pobre alimentação. Mas é a bebida - o caldo, o suco, a cerva nossa de cada dia que garante efetiva governabilidade, ou a sociedade democrática. A democracia funciona porque escolhemos, mesmo neste reino disfarçado de República da Santa Mentira, um colegiado de representantes. E é bom lembrar que 54 bobos eleitos em 2018 permanecerão sentadinhos, lá no Senado, prontos para virar a bebedeira que vai acompanhar este velho prato mínimo chamado Presidência da República. A bebedeira pode ser de água ou de pinga; mas trará pura embriaguez toda vez que dermos mais importância à comida do que à bebida do jantar. E quanto mais o tempo passa, mais indigesta e bêbada fica nossa paciência com essa refeição repetitiva. Tem gente já vomitando antes de comer e beber. Fazendo de tudo por uma sobremesa de açúcar ditatorial. E infantilmente perguntando à Dona Mídia: “Quero só sorvetão e pudim! Pode não, mãezinha?”



Ano que vem, umas 50 crônicas depois dessa, vamos ver se já estamos ruminando risoto, feijoada ou baião de dois. Certamente, vai alimentar-se melhor quem puder, na prática e nas ideias, degustar uma refeição bem mais balanceada. 90% de nós ainda nem sonha com outro prato!

VELA QUE NÃO SE AP(F)AGA

Ali, no cantinho das manchetes, está o número 600.000. Nunca sozinho, claro. Tem corpos e mais corpos para velar; porém, junto deles, um sentimento resignado de que aceitamos a plenitude da desgraça. Porque concordando ou não com a matança viral — e todas as polarizadas formas de enfrentá-la, incluindo as mais covardes — desenhamos o espaço das manchetes. “Deixem que os mortos enterrem seus mortos”. Futebol, festivais, procissões, prevent senior, OffShore, QuirogaLiraBozo, mascarados, absorvente e preservativos, enfim, tudo vale a deturpação conveniente de um Cristianismo também viral. Um jeitinho todo verde-podre e esperançoso de não apagar e nem afagar a chama que vela nossos entes falecidos.

A cifra continental de mortes já seria terrível se encontrássemos um país naquele estado triunfante do Pós-Guerra. Mas os dias ou meses seguintes ao auge da Pandemia escancaram o motor exponencial de pobreza e terra arrasada. Com o agravante de que esse palco tropical do holocausto não motiva qualquer risco dos investimentos de reconstrução. Exemplos não faltam. Oferecer 92 áreas petrolíferas em leilão e negociar com valores irrisórios apenas 5 é prometer churrasco e bebidas à vontade, [mas festejar com pão duro e água barrenta!](#). Qualquer velório pode ocorrer no dia do aniversário do defunto. Deixaria de ser velório por conta disso? Apenas no Reino Bestial da Santa Mentira é possível juntar inflação, desemprego, seca e demência reformista como estratégia de silenciamento da matança. Velas derretidas ritualmente simbolizavam a dor que conecta o sofrimento à potência de superação. Entretanto, estamos assistindo ao derretimento do próprio símbolo, no vazio dessa infantilidade plena e virulenta. Abandonamos o modo avião pelo modo combustão: queimamos tudo e não afagamos qualquer projeto coletivo. A não ser as



ladainhas de um saudosismo estúpido-cúpido. O apagão chegou: só as velas nos unem! E os fantasmas da caverna de Platão assumiram de vez um poder velado. Maria, guardai-nos!

FRACASSO

Fui, em família, visitar um equipamento de lazer, chamado Parque Engenhoca, no Centro da cidade de Aquiraz (Grande Fortaleza). Tinha conhecido o empreendimento em uma aula de campo, há uns 8 anos. Aproveitando um domingo tranquilo, fomos então (eu, esposa e sobrinha) conhecer o uso do parque, em um fim de semana sem feriado. Brinquedos de arvorismo e tirolesa eram tão concorridos como o restaurante e espaços fotogênicos para grupos de formandos. Porém, ninguém se incomodava com os 3 espaços vazios da Engenhoca: o museu, o engenho e o mercado do “sítio colégio”, onde a cachaça colonial e outros derivados da cana-de-açúcar pudessem potencializar os preços cobrados por poucas horas de visita. Enfim, chegamos a uma avaliação nota 6 do que poderia atingir 10, na simples articulação de interesses públicos e privados. Mas como o privado do ganho rápido e monopolista salta até as vísceras, o fracasso vem, mesmo com a elegância de um espetáculo tipo: tudo ok, o lugar é um show!

O fracassado projeto da Beija-flor de Nilópolis no Carnaval de 1989, também foi um show. Ficou na memória gloriosa dos desfiles monumentais, transformando um arremedo de alegoria naquele real Carnaval de protesto. Claro que não se pode confundir as limitações de uma prestação de serviços com a censura imposta pela apropriação católica de um monumento público. O que me leva a digressão comparativa aqui é a imposição de monopólios. E a necessidade de pôr estas práticas de caminho único torna-nos motores fáceis e frágeis de contrapontos estúpidos. Um engenho fracassado, convertido em parquinho infantil; um desfile fracassado, convertido em manifesto cívico-cultural. Ou mesmo uma jovem cultura democrática colecionando fracassos na esquerda e multiplicando-os em miséria criativa na extrema direita. Porque afinal a terra do educador Paulo Freire fez criar a moral do rap policial de um Papa Mike em sua “Teoria do



Fracasso”? Em tantas distopias possíveis, humanisticamente, fracassamos! Em templos, praças, escolas... criamos espaços de diversão. Mas os inimigos vêm rindo por último e muito melhor. A Engenhoca deles é um sucesso à custa de nossos estúpidos fracassos.

SECOS AFOGADOS

Quando pensamos viver no berço esplêndido da Santa Mentira, pensamos em “off”, desligados de qualquer senso de humanidade. Se uma ilha depende do seu entorno aquático, aqui inventou-se uma forma de negar toda a natureza hídrica pela simples fartura do H₂O que nos envolve, de corpo e alma. Coisa de animais monorracionais: um só Deus, uma só pátria, uma só língua, uma infinita natureza solitária entupida de verdades ignorantes.

No que diz respeito à malfadada “crise hídrica”, capaz de demonizar os ciclos das secas só para proteger a má gestão das águas, temos um desfile alienante de blocos. Todos secos e afogados. O nome parece a vanguardista banda dos anos de 1970, liderada por Ney Matogrosso. Porém, a facilidade de mergulhar os ricos períodos de estiagem em uma violenta matança de lógica, com leviandades do tipo: “está chovendo pouco”, “os rios secaram”, “o clima ficou louco e já anuncia o fim dos tempos”, faz transparecer o flagelo da razão solitária. E como é que esse monismo animalesco funciona?

A resposta é tão seca e afogada quanto a trama do hidronegócio agroexportador: o monismo funciona por “a-commodities”. O neologismo, porém, é tão velho quanto a eficiência colonial das capitânicas hereditárias na produção da seca por afogamento (de gente), desperdício e pilhagem. Ao observar a gula hídrica e energética de nossos afogados — agroindustriais — percebemos a inutilidade das campanhas para restringir o uso da água no cotidiano. 50% da crise, afinal é para abastecer o sucesso da monocultura de a-commodities. [Por que então cobrar parcimônia de cidadãos em geral?](#) Para tentar desafogar a sensatez e vencer a escassez de gerenciamento, teríamos de chegar ao ano de 2022 exigindo a recuperação dos mananciais, com financiamento pleno da agroindústria. A volta do latifúndio dos biomas



é a única chance desta dilapidada ilha voltar a prosperar em profana verdade. Em florestas e campos úmidos, somos mais que animais; somos pensamento estratégico. Secos e definitivamente molhados, seremos uma humanidade digna.

"ALOU-IN-SACI-AVEL"

Recebi de meu filho a digitalização de minha foto de infância ao lado de um burrinho vermelho e preto. Imaginei a gargalhada dele perguntando no WhatsApp: “Pai, você teria uma explicação para esse burro fazer parte dessa foto?” Claro que eu poderia tentar explicar com o óbvio: crianças, animais e brinquedos povoam o imaginário de felicidade de qualquer pai/mãe coruja com uma máquina fotográfica na mão. Porém, é difícil deixar passar a oportunidade do 31 de outubro com disputas de ocasião entre imagens de sacis x bruxas. Afinal, nem o Matita Perê nem as místicas abóboras foram produzidas para uma folia nesta véspera do Dia dos Santos. Contudo, sem mais nem menos, o final de outubro virou uma passarela de desfile de fantasias monstruosas e inusitadas. Pedacos de medo, brinquedo e delírio de morte. Tipo o cinquentenário burrinho de pelúcia lá de casa, agora descoberto por meu filho. Um vulto sem nome, aqui rebatizado de Alou-In-Saci-Avel, muito semelhante ao sincretismo dos enredos que povoam o imaginário dos nossos carnavais.

O interessante é perceber os modismos aflorando com rivalidades completamente artificiais. O Dia do Saci não possui 20 anos de existência. Sua lenda talvez ficasse no baú do esquecimento se o gênio criativo de uma Chiquinha Gonzaga ou um Monteiro Lobato não tivesse transformado aquele brinquedo vermelho e preto em um abre-alas das molecagens nossas de cada dia. O Exú das nossas florestas sulinas saltitou 100 anos, cheio de poderes mágicos. O nosso bruxo encapuzado de uma perna só deu uma rasteira até no Negrinho do Pastoreio; e insuflado pelo empoderamento nacionalista, quer chamar as bruxinhas globalizantes do Halloween para a roda de capoeira. Sinceramente, acredito no efeito vitaminado das misturas infinitas



desses personagens. Uma grande perda de tempo e conhecimento dá-se quando se tenta garimpar a tal “verdadeira origem” das coisas.

Imagens folclóricas são e serão sempre reinvenções de ideais coletivos. A mão visível e certa do artista é sim indispensável. Mas o cachimbo do Saci ainda precisa da fibra da abóbora da bruxa. Do contrário, vira “burrinho”: mera foto do baú da saudade.

CÚPULA TEIMOSA

Estamos agora reunidos em Glasgow. Tomando aquela dose santa de um delicioso Scott, em degelo avançado e rezando para que tudo que ouvimos com alguma seriedade global, não passe de mera gritaria de candidatos a profetas profissionais! Quem dera a batucada alucinante dos cultos dominicais — ainda mais em fim de semana de despedida de rainha do gospel sertanejo — concedesse-nos a plenitude de uma bebedeira redentora. Teimamos por 26 edições na *sofrência climática*, como se Marília Mendonça, na sua jornada de 26 anos, traduzisse as perdas femininas do planeta em frases como: “Tá desesperado, falando de mim, tá me queimando por aí”.

Continuamos, portanto, sofrendo pela força emocional que criamos para nos proteger — de bar em bar, de COP em COP — das nossas piores intrigas na relação animal: humanidade x meio ambiente. O jogo anual das “Conferências das Partes”, incapaz de convencer qualquer um, é o jogo repetitivo de teimosas certezas. Sejam elas abertas à malandragem das metas de longo prazo; sejam também movimentos fechados no caça níquel do ganho imediato. Todos sabem que tragédias são permanentes oportunidades de negócio. Quando uma Londres (ou qualquer outra urbe mundial) anuncia zerar em décadas a emissão de carbono, faz a aposta de manutenção de sua liderança global. A Economia Política e Cultural é e será sempre a capacidade de incluir protocolos ambientais como vanguarda ética.

Ninguém duvida: teimosias estão tanto no negar quanto no alertar sobre as mudanças climáticas em seus fatores irreversíveis. Vale achar o maior culpado pela loucura do clima (Deus ou o acaso); só para livrar-se dos juros deste boleto. E as COPs 27, 28, 29... vão ampliar o senso de urgência desta busca, lembrando o romantismo incompetente dos debates até aqui.



Para além da teimosia, a libertinagem reina como direito absoluto dos Estados, conforme as vaidades de seus líderes. Já o direito à vida na Terra sucumbe à ensurdecadora sofrência das multidões. Aqui, na Ilha da Fantasia Tropical, garantida está a cidadania do boi e da soja; já a multidão de mestiços, sem pedigree... que virem adubo!

SHEIKE SEM ALÁ

Mohamed Bin Rashid al Maktoun foi o primeiro Rei Mago de Dubai (Emirados Árabes Unidos) a receber nosso poderoso candidato a Sheike tupiniquim. Entre os demais Donatários do Golfo Pérsico, Maktoun completa 15 anos de governança inabalável, mantendo as tradições autoritárias e monárquicas da região. Khalifa al Thani (do Catar) e Hamadi in Isa al-Khalifa (do Bahein) são os nomes dos outros Magos que completarão o Minicurso de Controle Imperial para a comitiva da Santa Mentira, acompanhando o Sheike Flecha. Um verde islâmico com deserto amarelo recebe, na suntuosidade do haren da EXPO 2020, o nosso jeitinho de dar 1,2,3 bananas para aquela República nascida em 15/11. Muito melhor passar o feriadão agradecendo Aláaaa, meu bom Alá! Mas que calô ô ô ô ô ô ô. Enquanto isso, as bestas feras mais esclarecidas que negociam soluções para o aquecimento global na COP26, tentam encerrar a era de ouro dos combustíveis fósseis e seus espetáculos financeiros. Entretanto, tudo o que for possível (e impossível) fazer para desertificar o planeta, mantendo esse poder do terror, os Sheikes - daqui e de Alá - o farão.

As Dinastias do Oriente modelam nossa simplória crença em uma só divindade infantil. Costumamos associar ao velho Abraão toda graça e culpa por tal herança banalizada. Típico de quem precisa traduzir, como “milagre”, a obsessão pelo poder longo, em meio a tanta truculência e ignorância. Sabemos que Dubai, AbuDhabi, Manama, Doha e outras Santas Mentiras urbanas são celeiros da superexploração de trabalhadores asiáticos e africanos. Todos os países da Península Arábica são condenados como [“inferno dos direitos humanos”](#). Ainda assim, atacamos o comunismo chinês para chamar o absolutismo árabe de exótico. Afinal, a Copa do Catar vem aí e queremos ser hexa-idiotas no futebol, justo no ano do bicentenário: 2022! Independentemente do resultado, os Reis das Arábias devem visitar-nos, retribuindo, em



crescentes negociatas, o que mais interessa às Dinastias arcaicas: vestir-se de tecno-ilusionismos para encobrir o pavor da democracia. Que os Magos fósseis um dia partam!

"CONSCIÊNCIA BLACK FRIDAY"

Não sei se por falta de melanina visual ou excesso de terceiro mundismo midiático, as celebrações do ano de assassinato de João Alberto (??), na passarela do Carrefour, ficaram restritas aos seus familiares. Naquela “quinta-negra”, um de nossos George Flyods foi-se para a cova rasa do esquecimento. Afinal, *black* tem de ser *beatiful*, no *friday* nosso de cada dia de novembro. E não interessa ficar mostrando a morte de maiorias pardas (*browns is ugly!!!*) se podemos empretecer a negritude em 7 dos 12 enredos da elite carioca do Carnaval da Sapucaí. Ou transformar o pavilhão do Anhembi, nas margens plácidas do Tietê, em EXPO CONSCIÊNCIA NEGRA! Negra, preta ou black? Pouco importa. A questão é deixar João Alberto Silveira Freitas no rol do desconhecimento e chamar para a Economia Show os belos e vivos modelos de empoderamento afro. Zumbi precisou de 300 anos para transformar seu Quilombo em feira do afro-negócio! Não estou reclamando, nem tirando a legitimidade da condição negra para acesar meu direito ao mercado moderno. Quisera as feiras e os eventos fossem tão negros quanto plurais e antirracistas.

Entretanto, o que constatamos no [jogo da black/big/sale “friday” das origens estadunidenses](#), até o bombardeio dos últimos novembros (preto e azul), é uma narrativa de cotas e seletividades convenientes. A consciência negra de fato é ampla, aberta, inclusiva demais. Lida com associações complexas de cor, valores, imagens e memórias. Permite releituras da quinta-negra do crack da bolsa, do sábado-negro das saturnais do descanso, do domingo-negro do terror. Desconectar o conceito de “negritude” da ausência de luz e espaço aberto ao mal é ignorar o funcionamento sensorial de nossas experiências humanas. Por isso, mesmo negro é valor, e preto é cor. E as vestes “brancas” da baiana traduzem seu valor iluminado. Nunca um débito de negritude.



Já o modismo black, infelizmente, não consegue capturar isso. O resultado está na subcultura preta, de liquidação e reducionismo. Gritos de resistência de preto, ação de graças de brancos e gente mestiça, endividada de tudo.

OMICRON ADVENTO

Eswatini é um reino poderoso da África meridional, encravado entre Moçambique e África do Sul. Com 1.3 milhões de habitantes e 2 capitais para equilibrar essa resistência cívica (Mbabane e Lobamba), a antiga Suazilândia deve ter recebido, incrédula, a notícia transatlântica de que a Ilha da Santa Mentira havia fechado as fronteiras para todos os povos do reino. Afinal, com 20% de imunizados contra a COVID-19 e 80% ainda na era da Aids e outras patologias africanas, Eswatini tem mais motivos para preocupar-se do que o velho alfabeto grego, renovado pela neocolonização europeia. As variantes da hipocrisia humana não variam. Seguem o modelo “mentígeno” do extremo ocidente tupiniquim: *Black Friday*, pode; Natal e Reveillon, idem; turismo de verão, ok; Carnaval, epa! Cancela, já! Estamos no advento da Omicron, essa variante natalina cheia de luz e capacidade afrodescendente de proibir a folia engaiolada pelo catolicismo decadente; e espalhar carnavais fora de época por todo canto. Coincidindo com a chamada 4ª onda europeia, a Omicron adventista atíça nosso imaginário apocalíptico como nunca! Não é à toa que um país com 3/4 do território de Sergipe, 1/4 de sua população precisa entrar na lista negra das proibições governamentais, enquanto balsas de extração de ouro sobem e descem o rio Madeira.

“*E o que tem a ver o cú com as calças, garoto?*”, perguntaria mamãe Orlanda na hora em que eu tentasse ligar os fios sem sentido. Em princípio nada; a não ser o velho desenredo de politicagens exploratórias, que na terra de papagaios faz questão de tratar a África do Sul (e vizinhança) como jamais trataria UE e EUA. E destratar municípios amazônicos como terra de ninguém. Ou seja, o entrudo maldito de investimento na desigualdade, incapaz de protocolar soluções. A questão é cultivar problemas, reduzindo a economia cultural das festas à variante de bagunça estrutural.



Lamento informar a Mswati III, rei de Eswatini desde 1986, que ele não será recebido pelo nosso Rei Momo no Carnaval da Independência. A tal Omicron não facilita a vida de ninguém, mas garante o escárnio como política pública: nacional e ambiental.

SAUDOSO ENTRUDO

Aglomeração pelo desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental. Amores, amizades, comunidades e conflitos, tudo o que for humano (com ou sem motivos divinais) tende a ser gerador de aglomerações. Uma aglomeração de cientistas, em velocidade exponencial nunca vista antes, permitiu a decodificação genética do Sars-CoV-2, suas variações e a química vacinal que nos protege globalmente do vírus. Sem aglomerar conhecimentos e gestão sanitária, não há como lidar com essa e nem com outras infinitas crises que se aglomeram na esquina de nosso direito democrático à ignorância; seja na polaridade das redes ou na vitimização dos individualismos.

E aqui chegamos no coração da lógica individualista, que faz tudo quanto é gestor, preguiçoso; cientista, presunçoso; e jornalista, preconceituoso: o que já dá um bom trio de forró! Trata-se da lógica do menor esforço, de condenar uma aglomeração espetacular ao cancelamento (um Réveillon aqui, uma Folia de Momo acolá) só para dizer: [Façam o Entrudo vocês, bando de otários!](#). “Nós, os gestores da razão, suspendemos os grandes eventos por preferirmos perpetuar-nos na pequenez de gente como você: Zé Pereira no Bloco de Sujo, que vai aglomerar, adoecer e louvar no momento da eleição”. Tal paradoxo indica que a política Big Brother das decisões, por likes e conveniências, não se compromete mais com a gestão operacional da cultura pop. Ninguém fala em cancelar o Natal. Ele é eclesial, privado e familiar. Já o Réveillon é tão arruaceiro e anárquico quanto o mundo dos encantados e orixás. Tentar controlar essa folia dá um trabalho danado! Melhor deixar o entrudo dos conselhos vazios - “não se aglomerem” — rolar solto, do que assumir os riscos de administrar esse grande teatro.



As árvores de natal tem sido uma alegoria enraizada desse individualismo decisório. Todas as grandes celebrações são coletivas, demandando milhares, milhões de árvores em uma mata. A floresta de natal, aglomerada em nossas cabeças pensantes e agentes. E hoje, mais que nunca, resposta ao deserto humano.

OS DIREITOS UNIVERSAIS DE "SUPEROMIS"

Faz 73 anos que construímos um sonho avassalador da nova humanidade terrestre. Embora, na Ilha da Santa Mentira, tal sonho tenha sido promovido a “globalismo fuleragem”, o sonho emergiu da grande tentativa de pacificação do Pós-Guerra, no contrato de 10 de dezembro de 1948. Os direitos universais do homem deram à democracia a condição de principal referência de organização das Nações (unidas?). Uma conquista e uma profusão de agonias. A conquista fez despertar o processo de independência de novos países, especialmente na África e na Ásia. Gerando, por exemplo, a organização da maior democracia mundial na Índia de M. Gandhi e da maior demo-ditadura socialista e planetária, na China de Mao Tse-tung. Um processo também paradoxal, com parentesco franco-britânico e bênçãos da Guerra Fria de yanques & soviéticos. O resultado sabemos: o número de nações multiplicou-se 3 vezes; de reivindicações, 3 mil vezes; e de decepções, pós-queda do muro de Berlin... infinitamente.

Por isso, as imagens do Superman, herdeiro do homem vitruviano, entram em colapso: nunca produzimos tantos bens (reais e virtuais) para atender às nossas demandas ilimitadas. E jamais deixamos tantos à margem dos direitos universais, em boa parte, por isso. *SUPEROMIS* multiplicados. OM de mistura, *mise en scene*, mistificação das Revoluções *High Tech*. Da Era dos Computadores ao Apocalipse Now das Moedas Sustentáveis de Carbono, o máximo obtido até aqui foi a experiência insular dos direitos. Ilhas salvas, enquanto arquipélagos de saberes humanos, afundam nos mares da idealização.

A imaginação (a doida da casa), em todas as formas humanas de expressão, incluindo a legislativa, permanece como a única guardiã



da esperança. Mais 73 anos podem representar segundos ou séculos aos direitos da humanidade. Do Cardeal Arns Da Vinci à Clementina de Jesus Mãe da Terra, o *SUPEROMIS* precisa reinventar um ser humano possível. Precisa aprender a vadiar... *vou vadiar, vou vadiar, Eu Vou (ouça aqui)*.

NATAL LETIVO

2021 encerra-se no desfile de enfeites natalinos. Até aí, nada de novo, mesmo diante do antecessor, bem mais tristemente pandêmico, embora as perdas humanas deste ano tenham mostrado cifras inigualáveis. Além das cifras, observamos as conquistas e nossa capacidade de driblar infinitos “apesar dos pesares” que nos rodeiam.

Antes de saudar de corpo e alma duas dessas conquistas (na alma e na veia) relembramos o Natal. Aquela data letiva e eclesial criada com 2 finalidades séculos depois do nascimento místico do Deus Menino: renovar a esperança da vida humana, mesmo na fragilidade de um estábulo admirado como presépio; e esquecer o horror da perseguição a crianças contemporâneas de Jesus. Herodes não era Ministro da Saúde, mas como capacho do Imperador (seja em Roma ou em Brasília), conseguiu transformar aquele Natal 01 em infanticídio, brutal e descarado. Como a demência pelo poder é recorrente, 2 milênios depois os novos Herodes dizem: [*ainda vamos avaliar, ano que vem, a necessidade de vacinar contra COVID-19 os menores de 12 anos.*](#)

Boa parte do que aprendemos no Natal é ilusório. O emprego farto do comércio para as demissões, em massa, de janeiro, as manobras dos legislativos para reajustar suas vantagens infinitas. Ou mesmo o desaparecimento dos voos da Itapemirim sem deixar mancha alguma nos doentios discursos de defesa do Liberalismo. Tudo vira caso isolado. Ah, tá!

Então, se é para viver dos presentes “isolados” que Papai Noel legou a nós, falemos de duas conquistas emocionantes deste fim de ano: a primeira, na sala de aula do ensino superior. Dia 17/12/21, meses depois da última aula antes da quarentena, retornamos com uma turma de Licenciatura, na disciplina Oficina Geográfica II. Uma emoção daquelas, em meio à motivação de jovens na luta pela superação de



tantos problemas. E entre eles deliciar-se com pequenas coisas da vida. É aqui que uma simples agulhada vira a 2ª conquista na 3D-Reforço.

Aula e vacina, presentões! Que o Natal de vocês possa multiplicar lições de vida assim também.

NUKUALOFA

Hunga-Tonga-Hunga Ha'apai, um dos incontáveis vulcões submarinos no extremo leste (ou no meio oeste?) do Oceano Pacífico explodiu neste último dia 15/01 e deixou um rastro de destruição, local e global. Tremores, tsunamis, tempestades e tentativas de comparação com outros fenômenos naturais de grande magnitude. Estávamos ainda contabilizando por aqui os efeitos das chuvas intensas nos estados da Bahia, Minas Gerais, Tocantins, Pará e observando a estiagem no sul do Brasil, quando esses palavrões oceânicos emergiram na imprensa internacional.

Até então, “Tonga” apenas se associava à genialidade musical de Vinicius e Toquinho, combinada com o Mironga e o Cabuletê, para cantarmos em nagô (ouça em <https://m.letras.mus.br/toquinho/46541/>). As explosões revolucionam, portanto, nossa tão limitada visão de mundo. [Tal qual revoluções invocam catástrofes e espalham mais miséria onde as coisas já não estavam lá essas coisas.](#)

À parte dos tragicômicos nomes da capital de Tonga, Nuku... Alofa, e do vulcão de duplo Hunga (que não fazemos ideia do significado), o fato é que o Ano Novo de 2022 terminou em duas semanas, justamente em um dos arquipélagos aonde ele chegou primeiro. Ao contrário da Santa Mentira, as ilhas de Tonga revelam agora uma macro-santa verdade sobre esse “por um triz” que traduz o piscar de nossa existência na Terra.

Fazemos mil planos e combinamos um milhão de desabafos, críticas e reclamações para dizer: putz, essa porcaria não foi planejada, não, por isso todo este estrago? Não, Senhor Sabe Tudo... há coisas (na verdade, a maioria) que não estão sob o controle de ninguém. Não é à toa que Deus existe, vai bem obrigado e agradece as infinitas fantasias que reservamos para ele. Senhor das águas, das estiagens e



dos vulcões... Só para citarmos 3 chavões cabíveis neste Éden chamado de Nukualofa. Afinal, o que se deve fazer depois que o mundo explode em enigmática erupção? Observar o estrago da folia natural, juntar as sobras e reconstruir... tudo de novo. Adeus, 2022!

OS FILHOS DA MÃE

Aprendemos, desde o berço, a “não mexer com a mãe dos outros”! Porém, criamos o discurso testosterona maior no xingamento capaz de atacar, pela via materna, aquele maldito FDP. Fôssemos traduzir no masculino - seu Filho do Puto - ninguém entenderia a mensagem. Mas no feminino latino, o desrespeito à aprendizagem infantil acaba sendo visceral. Por que será que essa desigualdade de gênero ainda não foi sequer despertada nos debates midiáticos? Alguém acredita ser possível a equidade da condição humana feminina enquanto houver conotação negativa na palavra e na existência do ser puta?

Difícil realmente é alterar a representação de dois grupos de órfãos, filhos de mãe, da avó, da bisavó, falecidas neste final de semana, em condições diametralmente opostas: uma no silêncio e outra na festa funeral.

Os filhos de Olinda Bonturi Bolsonaro esconderam tudo da gente. Montaram uma cerimônia simples, sem maiores divulgações nem coerência com o cargo ocupado por um de seus 6 putinhos diletos. A ideia era criar distanciamento simbólico para não aglomerar mais denúncias do que as barbaridades já projetadas pela Olinda descendência. Alguns dirão, mas “o que a mãe tem a ver com as pestes que ela pariu”? A partir dos 18 anos de vida, quase nada, eu responderia só para fazer pensar.

Já os filhos (oito, vivos ou mortos) de Elza Gomes da Conceição, Deusa “Soares” da Mocidade Independente, velaram no templo do [Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um verdadeiro mito da arte popular, tantas vezes ultrajado, ali no cortejo, centro da festa.](#)

Nos 2 exemplos desses filhos órfãos, uma única evidência: as mães de um mundo desigual, sempre emputecido, são maiores e melhores



que seus herdeiros. Quando aprendemos com elas, fazemos milagres acontecerem; mas quando não aprendemos, a merda do Filho Da Puta vai do intestino ao país inteiro. Olinda e Elza protegem-nos de nós mesmos. Ora iê lê Ô Oxum!

O MOMO ESQUARTEJADO

Pedro Américo, em 1893, legou o super-herói mor da República, um Tiradentes enforcado e esquartejado no século anterior. E graças ao Cristo-Momo mineiro, conseguimos instaurar o único feriado personalizado da Federação Nacional, no 21 de abril, sempre pertinho da Semana Santa. Para encantada e rabugenta gente da Ilha de Santa Mentira, pouco interessa quem foi Joaquim J. S. Xavier. O importante é que, dentro e fora dos muros brasilienses (62 aninhos), o mito civil do cordeiro oligárquico que tira o pecado da nobreza imperial serve de feriado oficial. O que nos basta para tomar mais um porre de ilusão após a ressurreição de Cristo.

Até aí vem a pergunta. O que é que o esquartejamento do boticário da Inconfidência Mineira tem a ver com o Momo e suas folias? A resposta veio do ano jubileu do bicentenário da Independência, celebrado até aqui pela variante Ômicron e já encerrado pela insolvência orçamentária para tudo... que dirá os delírios de políticas culturais. O cartel do Jardim Botânico comandado pela Família Marinho - sempre parceira dos Cartolas do samba — definiu a suspensão do Carnaval de rua e o adiamento dos desfiles metropolitanos (do Rio e Sampa) para a micareta de 21/04. Bingo! Em uma única tacada... esquartejamos os protocolos de eventos culturais (tipo Natal-Réveillon), a Quaresma (que virou tempo de ensaio), os desfiles samba-show e o civismo de Tiradentes. Sem falar no tempo de preparação do Carnaval de 2023 que ficou com 2 meses a menos! Para alguns, besteira! “Precisa de um ano para montar a balbúrdia”? Nesse desprezo aos bens culturais, ‘seguro que no’).

E para completar a doida da solucionática (até aqui, pois tudo pode mudar amanhã), os Bambas de São Paulo já espalharam o feriado de 16 a 30 de abril, e os do Rio estão reclamando do desemprego



precoce nas equipes alegóricas. Sem falar na dispensa (em Sampa) do quesito harmonia: com máscara, os foliões não precisam cantar! Voltaremos ao assunto nas próximas crônicas. Afinal, se até Tiradentes esquartejado virar modelo para punir o Carnaval pelas mazelas, vale juntar seus pedacinhos putrefatos e espalhar mediocridade além da Páscoa!

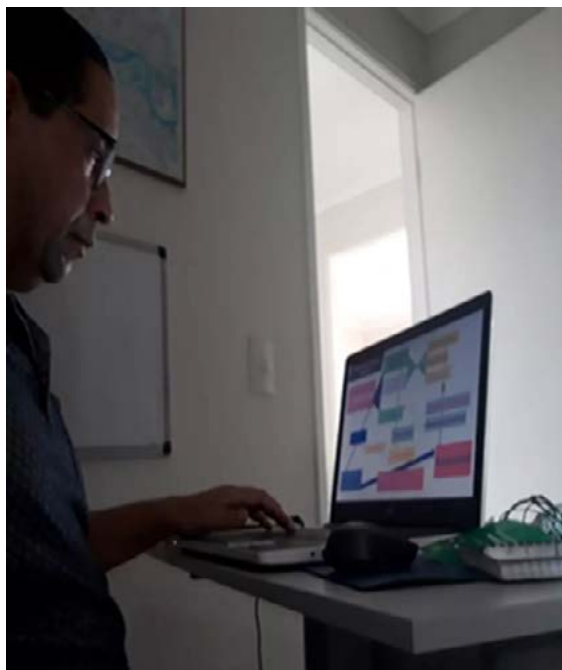
NIVER PESSOAL

Nasci em um sábado, 30 de janeiro de 1965, na fronteira carioca entre São Sebastião do Rio de Janeiro e São João de Meriti. Acari & Coelho Neto, meus bairros, eram duas homenagens ao Nordeste, região onde resido faz 17 anos e, na qual encontrei fôlego para renovar essa translação 5.7.

Ótimo reconhecer! Porém, falar em «fôlego» diante de outra onda exponencial da pandemia, logo na semana seguinte em que testei positivo para a COVID-19, não indica tantos bons ares assim. Sustos à parte, na véspera do niver — ciente da força das vésperas nas folias de Natal, Carnaval e Páscoa — justamente hoje fui negativado no exame! Então, de volta aos cuidados normais, prossigo com mais trabalho remoto do que presencial.

Interessante é lembrar de “trabalho” quando o seu aniversário vem para o centro da crônica. Lembro exatamente a motivação. Ocorreu na última quinta-feira, quando eu abria a 3ª aula do Curso de Capacitação Docente em Ideomapas (mapas cognitivos), junto aos meus orientandos e professores da Rede Básica de Ensino. Estávamos em um bate-papo de boas-vindas. [Momento em que o Prof. Henrique Gomes de Lima - autor de um blog instigante para quem ama de paixão Geografia e Educação Básica](#) - formulou a questão do milhão (existencialmente falando). Disse Henrique: “*Professor, me diga o que o senhor considera o topo, o ponto máximo da carreira de um docente*”? Sorri e prometi responder depois. No fundo, havia respondido mentalmente, como uma impressão instantânea. Mas terminamos a aula e não respondi. Deixei para hoje (e sempre).

O topo da docência é o êxtase do estudo coletivo. Se 2 ou mais alunos estiverem tentando aprender contigo, um professor vai às alturas. Eis o topo, como um aniversário imanente e permanente. Não



são as datas em si, nem os títulos, nem as premiações que nos elevam. Mas sim o estudo, para ti, para nós, apoteótico. Eis a chama da vela docente que não se apaga, como dizia Gaston Bachelard. Um 30 de janeiro aceso na noite de 29, na tela, no templo, na sala, nos guias, no campo, nos livros... ali/acolá onde existe o prazer de estudar, para aprender, para ensinar! *Gracias a la vida!*

A JUSTIÇA JUSTICEIRA

Themis, a segunda esposa de Zeus, não se popularizou como modelo feminino de justiça. Na expectativa popular, sua cegueira representa descompromisso, e sua balança, um sinal de que algum escambo comercial há que ser feito. Afinal, é no desequilíbrio que sabemos o quanto a tal balança funciona. O resultado da cultura um “Themis” distante, para o trocadilho da língua portuguesa, costuma ser uma temeridade! Sua espada indica o único caminho de autêntica vontade popular diante das injustiças. Todo o ato bárbaro, relativamente impune pelo excesso de burocracia, reforça o apelo pela divindade justiceira. O Deus do Velho Testamento sabe o quanto dependia dessa justiça justiceira para impor-se! E para dar mais um passo na racionalidade de minha heresia cristã, também o Deus-Pai do Novo Testamento apenas diminuiu o paradoxo de sua infinita bondade fechando o Ato dos Apóstolos com o Apocalipse. Sem uma volta de Cristo, no vingativo Juízo Final, tudo que Jesus fez não serviria nem como piada em aramaico.

Já que pequei por pensamentos e palavras (cuido disso nas próximas orações), voltemos ao centro cotidiano deste clamor irado por justiça, à imagem e semelhança de nossos desesperos! E esse centro associa de forma doentia, cruz&espada, morte&assassinato. Se alguém morreu, algo/alguém matou. Um trabalhador congolês morreu em um quiosque na Barra da Tijuca. Três trabalhadores lincharam-no. Infinitas manifestações da justiça justiceira sentenciaram o crime: racismo estrutural com xenofobia Tupiniquim. E o poder executivo dessa JJ popular já criou um novo santuário civil - Memorial Moïse Kabagambe - para afirmar a incompetência absoluta da justiça de Themis. Afinal, na Ilha da Santa Mentira, a criminalidade visceral dos 3 Poderes alimenta-se de viciante lentidão. Em um mundo em que quase tudo se acelera, qualquer investigação morosa é apoio ao crime



sem castigo. Daí o berreiro por um basta que nunca basta! Fica esta apocalíptica pergunta: se Jesus, na lógica seletiva da espada, voltasse, alcançaríamos a tal paz jamais legada pela justiça terrena?

SEMANA SECULAR

“Modernismo, movimento cultural/ No país da tropicália/ Tudo acaba em Carnaval”. Assim, ecoava o refrão do samba-enredo da Escola do GRES Estácio de Sá, no desfile principal da Av. Marquês de Sapucaí, em homenagem aos 70 anos (1992) da [Semana de Arte Moderna](#). A metalinguagem da ópera popular relia a crítica do movimento vanguardista para conquistar o campeonato daquele ano (o único inclusive); justamente pelo reconhecimento de sua herança monumental. Aí vem a pergunta chave, emergente da lembrança, nestes 100 anos de abertura do evento. Tal herança da irreverência modernista poderia preencher um vazio cultural que o berro inaudível do 7 de Setembro de 1822 nunca preencheu?

Os escritores Ruy Castro e José Miguel Wisnik, frente às reflexões que publicaram recentemente no Jornal Folha de São Paulo, responderam: Claro que não x claro que sim, respectivamente. Para Castro, a Semana foi um arroteio das oligarquias paulistas, divinizadas no auge da Ditadura. Enquanto para Wisnik, muitos movimentos e outras semanas imitaram a Estácio e construíram a infinitude das contestações artísticas brasileiras, cientes do que o desvario de 1922 representou.

Minha tendência é concordar com o segundo, agradecendo sempre a provocação do primeiro. “Falem mal, mas falem de mim” corresponde ao epicentro das reivindicações de todos os grupos inferiorizados e discriminados nas litúrgicas hegemônicas. O Modernismo forjou-se no período mais ilusionista da doença patriótica brasileira. Criou, como um “Butantã-Fiocruz” da diversidade cultural, os mais eficientes antídotos para tal praga verde-amarela. Mas, nos terremotos da Santa Mentira, a demência anauê recusa o melhor/pior da Semana. Vai comemorar o tropicalismo em solo russo e húngaro! O Trenzin-



ho do Caipira nunca esteve tão pirado. Tudo bem: falta pouco para descarrilhar de vez. Em 2023, aproxima-se a data para comemorar os 100 anos de “O Carnaval Carioca” de Mário de Andrade, por exemplo. Outros centenários não faltarão! A não ser a quem despreza cultura como um pau-brasil derrubado pelo agronegócio das mesmices. Eterna Semana a todos nós pós-modernos de 22!

A CIDADE IMPERIAL

O Dep. Federal Luiz Philippe de Orleans e Bragança (PSL-SP) diz, lá pelas tantas, em seu *“Livro Vermelho”* da libertinagem monárquica: *“O motivo do Brasil ser um país atrasado obedece diretamente à estrutura de poder oligárquico que controla a coisa pública brasileira desde o início da Primeira República e as constituições a partir de 1934”*. Claro... O deputado real jamais poderia admitir atraso brasileiro nos “tempos do Imperador”. Afinal, a velha Petrópolis do séc. XIX não passava de uma cidadela para a realeza curtir o friozinho tropical e reviver seu delírio eurocêntrico de origem. Por isso, cinco anos atrás - a edição do “redbook”, em 2017, preparou a eleição do LibertinoBest[A] no ano seguinte - suas palavras não dedicaram uma só linha à tradição da cobraça de uma espécie de pedágio chamado “laudêmio”, que envolve terrenos da Marinha, da Igreja Católica e... pasmem: da família imperial.

Nesse sentido, tanto a nota de solidariedade vazia do Príncipe Herdeiro - quanto as 500 páginas do NobreDepu tangenciam suas responsabilidades oligárquicas na perpetuação de espaços imperiais, cercados de misérias por todas as encostas e várzeas.

O melô deste neo-libertinarismo é culpar o socialismo estrutural de toda e qualquer Política Pública. A sacanagem do argumento é incapaz de ler “Estado” como uma instituição tão capitalista como o Mercado e a ONG. E, se a fragilidade moral violenta o debate político-econômico, o que dizer sobre a ignorância das escalas territoriais? Para a linhagem de Pedro II (e seus anacronismos) não existe poder Municipal ou Estadual; a não ser quando seus dirigentes atrapalham seus sonhos de poder. No final da ladainha, resta a folia trágica das calamidades das águas de verão. Ninguém impede catástrofes de ur-



banismo escravagistas. Mas um Congresso, menos nobre, devolveria a realeza ao seu cantinho de museu.

O IN(F)VERNO (U)CRANIANO

Apreendi, nesta semana, com o escritor Richard Holloway (autor de “Uma breve história da Religião”) que o 2º Mandamento do Êxodo ensina-nos tudo sobre os truques das imagens. Incluindo as imagens da guerra, a principal besta machista que nos acompanha por toda a eternidade. Pois bem, voltando aos truques, podemos curtir um domingo bestial de Carnaval, “suspense” por leis, no retiro meditativo sobre as imagens (u)cranianas da Guerra Fria (GF); agora, definitivamente descongelada de uma ilusão: a GF nunca dependeu da existência da URSS, mas sim de potências (2 ou mais) disputando a deusa Europa, após o Acordo de Potsdam (1945). A ilusão ali era de que uma New Order advinha da unidade alemã. Mais uma bobagem entre tantas que alimentam nossa incapacidade de ler imagens em seus múltiplos sentidos: criador/criatura + conservação/destruição.

Sem samba-enredo nem Zé Pereira para a nossa maior celebração anual, de 96 horas, fui atrás de um artista contemporâneo capaz de desfilarm sua genialidade ilusionista, como entendimento sobre o inferno ucraniano da GF. Hoje, aquecida no Bloco, não *adianta ficar Putin*. [Oleg Shuplyak, arquiteto e pintor ucraniano](#) convida-nos a assistir o entrudo de horrores na bacia do rio Danápris, com apoteose em Kiev. Crânios vão do inverno ao inferno em acelerado apagão da COVID-19, com jeitinho sapiens sapiens de ser!

A não ser na diplomática forma de rever as imagens impressionistas, e até revelar um cósmico Criador diante daquela foto, filme, cena, tela. É preciso ver/sentir/viver em profundidade para não cair nas idolatrias mesquinhas das esquerdas anti USA/UE ou direitas anti Rússia/China. Devemos compreender o Tao, o ying-yang das artes de viver presença no distanciamento. E aí sim, rezar pela paz no mundo (u)craniano nosso de cada dia. Pois achar culpados pela



ressurreição da GF é só uma forma de desprezar as lições dos outros cavaleiros do Apocalipse. Como dizia Gilberto Gil, nosso Oleg de 80 anos... A novidade era a guerra, entre o feliz poeta e o esfomeado... um Carnaval de cinzas.

NEGRE QUE VIROU OURO

O texto de hoje é sobre a ternura. Aquele ato meigo, de afeto e acolhida que transmuta as mãos do soco em mãos de afago. Ser terno é desviar-se da lógica direta do “olho por olho”, rumo à potência indireta da transmutação. Não sei se isso é natural, divino ou humano. Desconfio, porém, que de fato aproxima-se de nossa eterna admiração pela cultura do café. Sim, aquela planta “commodity”, tão ligada à escravidão e à Primeira República; portanto, amarga em seu fruto e história. Porque então falar de ternura quando a base de sua produção é uma tortura?

Volto novamente a 1992 para deixar que minha escola de samba, Acadêmicos do Salgueiro (aniversariante hoje), em seus 69 aninhos, responda:

Soca no Pilão

Preto velho Mandingueiro

o negro que virou ouro

lá nas terras do Salgueiro

(ouça [aqui](#)).

Essa é a ternura do café, que como toda e qualquer pedra filosofal dos alquimistas mandingueiros, cria ouro do chumbo. A mesma ternura resultante do trabalho profissional, voluntário, doméstico e/ou coletivo que nos move o senso de dever acima do desejo de poder, saber ou obter. Quando agendamos um café, firmamos um pacto de abertura ao sabor de estar com o outro. Meditação em parceria! Um namastê para acolher sua divindade em minha casa existencial; agora sim, em poder de adocicar o sabor do cafezinho. Ampliado de vez em reinvenções. Pode virar leite, chá, suco, caldo, chocolate, entre tantas



bebidas e comidas. Pouco importa se pela manhã, à tarde ou à noite... trata-se, como diz Salgueiro, de um “Beijo de Amor”: terno e eterno. Ou mesmo viciante, no exercício da virtude.

Enfim, essa era a ideia motriz. Sem café (ou equivalente negro em outro) nenhuma expressão de ternura resiste. Assim como nenhuma mensagem transformadora pode emergir. Cafés não são revolucionários nem reacionários. São borbulhantes no início, cheirosos durante e saudosos no final. Isso é magia nada pura; alquimia da ternura. Uma vontade saborosa de assistir a uma guerra na Quaresma (ou mais além); e dizer: a Páscoa já está entre nós! Aceitas um café, para eu te mostrar?

FORTALEZAS DA FÉ

Neste 13 de março, separei boa parte do domingo para juntar lazer e dever, com a observação de uma das mais expressivas devoções de Fortaleza. Visitei, de forma presencial e virtual, metade das celebrações do Santuário de Fátima, no bairro de mesmo nome. E a intenção, mais acadêmica que espiritual, era atualizar como o catolicismo mariano local chegou neste 2º aniversário da pandemia. Como já estamos em dias de liberação acelerada das medidas sanitárias restritivas, é possível perceber sensações de alívio dos fiéis; seja nos depoimentos dos chats, seja na confiança cega de que a aglomeração, por fé, nos proteja mais do que os blocos de folia. Passado um Carnaval proibido, Fortaleza — como muitas cidades brasileiras — evoca a Quaresma vale-tudo. Que a Senhora do Rosário de Fátima, Nossa Maria do Bairro dos 13 de cada mês, entenda tamanha contradição para explicar ao Menino Deus, seu filho amado.

Como divina maestra, a Santa não está só acostumada com a bagunça de nossas fraquezas. Possivelmente, balance a cabeça, invente uma história mirabolante para justificar aquela zoadada quaresmal, e com um sorriso maroto ainda olhe para seu esposo carpinteiro, dizendo: “Não vamos criticá-los não, José. Além de perder seu feriado para o sábado, é tanta falta de amigos, parentes, empregos, opções de voto, perspectivas de paz, que uma *aglomeraçãozinha* a mais em Nossa Casa não irá derrubá-los!... Pelo menos é esta Fortaleza de fé que imploro, de novo, ao Bendito Fruto!”

Cada olhar de súplica pela ‘vida plena’ indica alcance para si e muitos outros. Ninguém ali é solidão. As fiéis devotas (mulheres são 3/4 dos visitantes) são como Fátima: um humilde instrumento de mediação. A comunhão na visita tende a ser um canal de comunicação. Envolve compromisso, lazer, comércio e sociabilidade. Absorve tudo



que uma cidade costuma ignorar em domingos como esses. E não se trata de saber se as práticas votivas trazem resultados. A existência, por pior que se manifeste, pressupõe uma dádiva. No 13 de abril, aniversário da cidade, e Semana Santa, novos pedidos virão. Da minha parte, espero voltar para agradecer mais um texto concluído! Amém!

EDUCAÇÃO ARBÓREA

Voltamos às aulas presenciais na Universidade Pública, na última quarta-feira, 16/03/22. No meu caso específico, já vinha ensaiando este “desfile de retorno”, desde dezembro, com atividades letivas no Campus do Pici. A pandemia já nos chamava ao convívio da maturidade e adaptação que se dá com todas as coisas. Não seria diferente com mais um vírus letal; pois nunca foi outra coisa na vida da massa de cidadãos, submetidos 24hoo aos riscos da violência urbana, nas cidades do continente Pau-Brasil.

E por falar em árvores da tropicália, vale destacar que desenhamos a disciplina OFICINA GEOGRÁFICA 2 (material audiovisual) neste 2022.1, justamente para tratar das Paisagens arbóreas - presentes ou carentes — das escolas de Fortaleza. Como nem todas as Escolas Públicas ficam em um campus, pulsando as esperanças da Praça Milton Santos; nem carregam a ancestralidade vegetal de terreiros no morro do Salgueiro e Mangueira, o jeito é fomentar arborização como projeto educativo. Embora saibamos o quanto tais iniciativas reúnam apoios, aplausos, sorrisos e concordâncias morais. Mas na hora do vamos ver... a planilha de orçamentos anuais para a Educação, é dor secular: zero x zero de recursos para a jardinagem ou hortas comunitárias, dentro ou fora das escolas. Tudo fica nas mãos da boa vontade dos jardineiros, os únicos capazes de liderar uma alternativa para aquele vazio pedagógico).

Então, que as práticas instrumentais que iniciamos dia 18/03 (1ª Aula de OG2) ajudem a cultivar novos “docentes jardineiros”, provedores do valor arbóreo em novas gerações. Desde o desenho existencial de suas vidas - raiz, tronco, copa e ambiente pró/contra, até capítulos efetivos de compromissos na recriação do futuro. Que ao reclamar das filas no RU ou da desordem no planejamento de retorno letivo,



tenhamos árvores do conhecimento como guias de iluminação e exemplo de vida. E que Geografias edênicas de Praças Milton Santos floresçam mais em jardins pedagógicos de Lívias, Lilians, Nídias e Marias Geraldas de Almeida (a quem dedicamos estas linhas).

FOO MEC-PALOOZA

Um mês depois de proibidos os Carnavais, que ameaçavam tanto as novas ondas de COVID-19 na Ilha da Santa Mentira, uma verdade drômica (de hipódromos, autódromos e pentecostrodornos) impõe-se: O Ministério da Educação tornou-se espaço de pastores fighters. Seres divinais guiados pelo Deus Vingança, PUTO ATÉ O TALO com estes idólatras do conhecimento e da política laica. “Chega de saudade!!!”, diria o profeta da bossa, João Gilberto, renovando o significado de um goleiro maior das 4 linhas, como Gylmar Santos. 60 anos depois convertido em guia de ovelhas do tabernáculo de Brasília, pelas mãos libertinas do levita Ribeiro. Ou, para quem gosta de profecias do pop rock, é bom lembrar-se: “Love dies young”, como diria Taylor Hawkins, baterista do Foo Fighters! Afinal, terras calientes, onde Pablo Vittar e Anita modelam o empoderamento sexual educativo, não necessitam de mais uma banda para comunicar-se com o OVNI (FOO) celestial. As bestas imortais do Lolapalula X Lolapabozo garantem diversão e miséria eleitoral suficiente até o Carnaval de 2023.

Vale a pena, contudo, nesta micareta original do ano da (des) graça de 2022 — inflacionado de guerra, pandemia, bicentenário e um escrachado E DAÍ! — lembrar que nenhum escândalo governamental poderá impedir o show business do Capitão maior dos anauês. Com Lola ou sem Lola, todas as instituições da Santa Mentira aprovaram, até aqui, a sua “participação legítima” no digitódromo eleitoral de outubro. E 25% desta bendita ilha crê, visceralmente, no Foo Fighters de sua virada divinal, apesar de tudo!

Por isso, é bom pensar (só para entender nossas neuras) como um matuto de bom Lugar, do interior do Maranhão: “Olhe, seu moço... entre ouvir bateristas ou bossanovistas, a gente prefere seguir pastores + besta. Como em um: vai chegar nada nesta vida, promessas

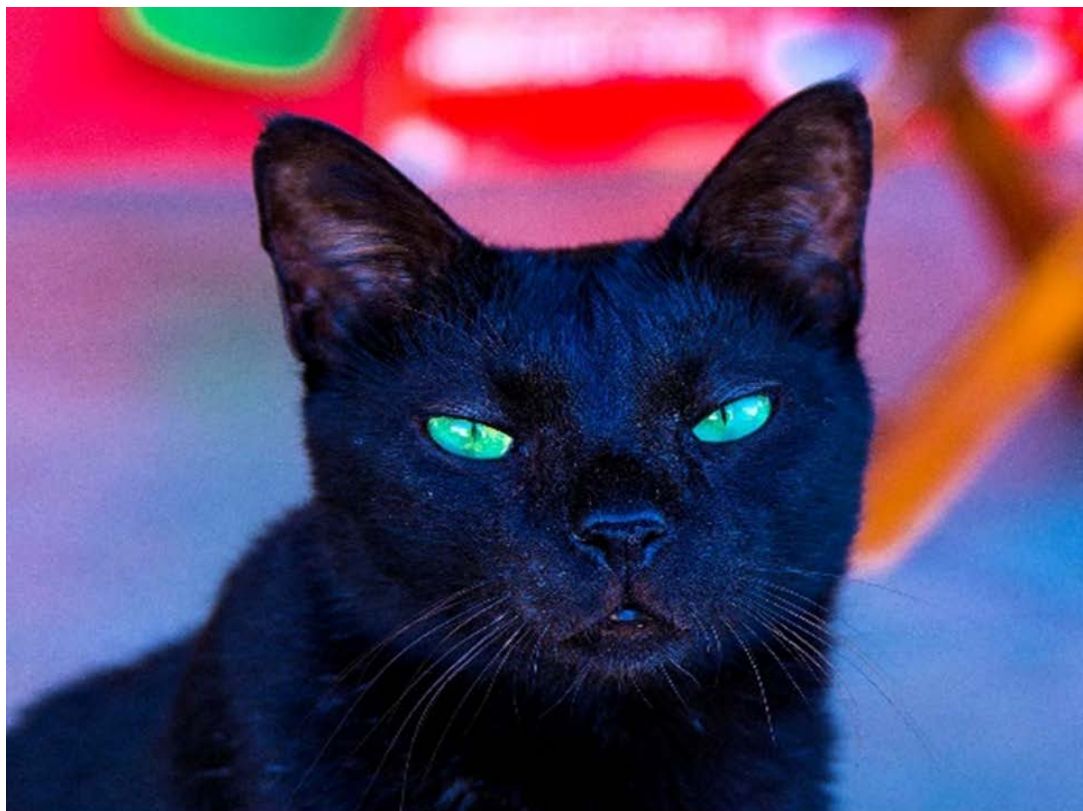


para outra depois da morte, pelo menos traz mídia prá cá e diverte mais que cantadô de praça!” Por tanta sabedoria popular assim, o MEC ADVERTE: “Ensino Básico, sem ouro nem bíblia, pode causar danos à saúde do gado do Capitão!” Sejam drômicos: multiplicai os escândalos, que a Lolapalooza de Deus protege-nos.

EXCELENTÍSSIMO LIBERTINO

Aproximam-se as eleições na demonarquia da Santa Mentira. E faltando 6 meses para o pleito, uma massa de vítimas chamada de “povo” assiste mais uma vez à alcateia fantasiada de cordeiro. Fechou a janela partidária no dia da mentira (dia Santo neste fim de mundo). E o resultado não podia ser outro senão a inusitada capacidade de inventarmos extremismos fisiológicos, radicalizando a estupidez em partidos do centrão. Aliás, [partidos mais do que inspirados em blocos de sujo dos arrastões pós-carnavalescos.](#)

A saber, vamos aos números: 10 - Republicanos (partido cheio de monarquistas e nepotistas; 11 - Progressistas (herdeiro do ARENA ditatorial e especialista em andar para trás); 22 - Liberal (transformado em reduto do Mito e agora campeão na arte de arrebanhar a libertinagem dos puxa-sacos); 44 - União Brasil (que juntou duas tralhas fisiológicas só para continuar desunido como sempre); e para finalizar essa maioria de números repetidos, temos o 55 - PSD (do Kassab e de quem não sabe nada além do vale-tudo para fazer do Congresso um clube vitalício de Oligarcas. Somando essas 5 maneiras de fazer política, como quem limpa o bumbum na toalha de rosto, temos uma corja de 258 congressistas, doida por tempo na mídia para não dizer outra coisa senão: “Minha família acima de tudo e eu, Vossa Excelência, acima de todos”! Famílias reais que se danem, após apertar o gatilho da loteria da ilusão de outubro. Por isso, fica a dica do milhão da megasena. Proibida nas urnas pela numerologia da sensatez, é mais que permitida semanalmente até lá. Os números da sorte vingada são: 10, 11, 22, 33, 44 e 55. Acrescentei o 33 (PMN) para louvar as facções municipalistas e seus clãs. O importante agora é lembrar que todos os outros números não conseguem ser tão bestiais quanto esses 6. Sim, a melhor maneira de recordar esse terror eleitoral é fazer jogatina com eles! Assim, para ser um pouquinho otimista, não vamos precisar de



mais 4 anos de dor por mandar libertinos ao Congresso, e não para o exílio da cadeia.

ESPETÁCULO DA PAIXÃO

Ensaaios e mais ensaios são necessários para cultivar a paixão pela vida eterna. Porém, como nada nunca garante a eficiência do espetáculo final, fazemos de cada ensaio uma apoteose parcial. Antes de chegar ao tempo da Quaresma é assim; e depois de atravessá-lo mais ainda. Neste ano, entretanto, alguns Carnavais viraram festa pascal, enquanto as eleições de outubro antecipam-se nas polarizações de abril. Para completar, a Copa do Mundo virou árvore de Natal; e Kiev, o tablado da dança entre conservadores e extremistas. Diante de tantas inconveniências do tempo, qual o problema em transformar o heroísmo de Tiradentes em uma mistura de Judas e Zé Pereira fora de época?

Problema algum; a não ser pelo caminho preguiçoso dos improvisos de alto risco. Quais? Os de construir uma memória tão futurista e idealizadora, que a dimensão ancestral dos valores milenares do Carnaval é esmagada.

Na crônica **o momo esquartejado** ficamos de retornar ao assunto. Mas um retorno 2 meses depois com espetáculos da Paixão de Cristo totalmente liberados - por governos, investidores e mídia - é uma volta, no mínimo, sarcástica. Até as vozes da ciência hard acreditam que a média de 150 mortes por dia e 25 mil contágios estão abençoadas pela Semana Santa. [Portanto, seja na Nova Jerusalém de Brejo da Madre de Deus](#), seja nas ruas devocionais da encantadora Sevilha (Espanha), os palcos do teatro popular da festa cristã ressuscitam com força total.

Bem-vindas sejam as legítimas intenções de fazer da Paixão entretenimento, turismo-lazer e espaço de maturidade da fé. A questão aqui jamais será julgar finalidades, mas interpretar desperdícios. Toda festa é um laboratório humanista em protocolos de convivência. São ensaios para festividades mais seguras em todos os fins. Se shows e desfiles, de escolas e blocos, “ensaiarem” estratégias sanitárias para



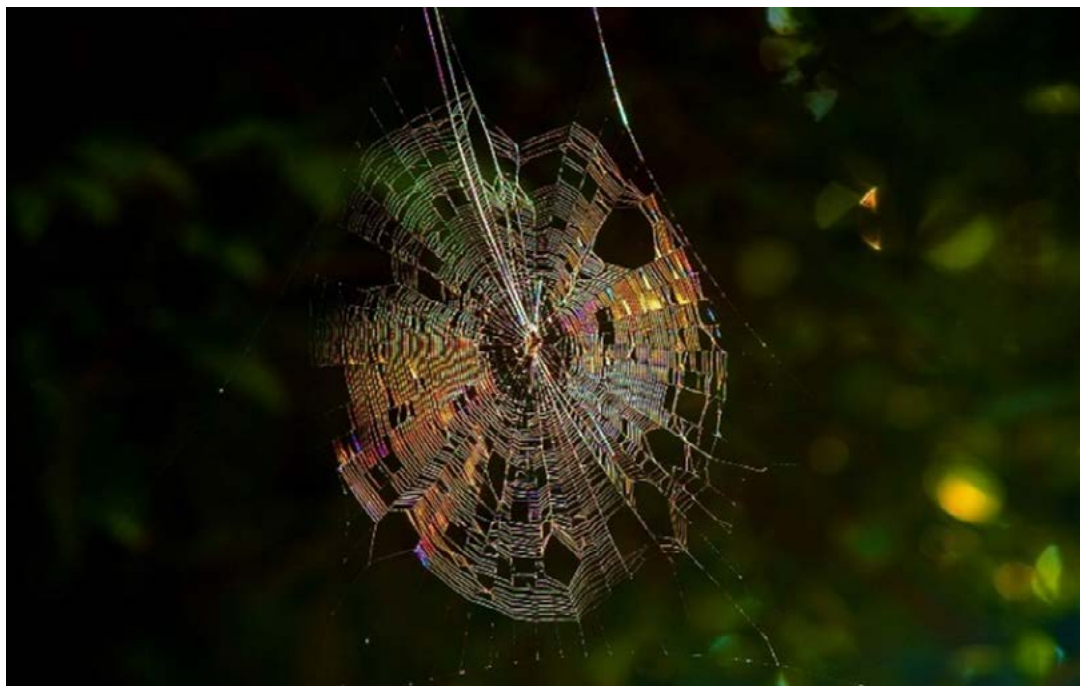
os ciclos eleitoral e carnavalesco de 22/23, articulando inclusive os eventos da Semana Santa, poderíamos reconhecer: aprendemos algo com a pandemia! Ramos diante da Cruz. A mensagem da ciência *soft* é um vago berrante tocando o gado errante. Eeeê, boiada, segue o *gran finale!!*

ANUNCIAÇÃO

A vida não está fácil nem para os super-heróis. Fazer circular uma esperança fantasiada de “hoje vai dar certo”, com muita # e pouca \$, indica apenas um ato animal de luta pela sobrevivência. A anunciação e a ressurreição do Senhor invocam o mesmo ciclo de dor da Senhora Mãe; seja na imensidão da Terra, seja na solidão de Mary Jane. O rumo do ciclo continuará sendo esse eterno retorno à conversão dos grandes épicos da humanidade em um instante de sarcasmo visceral. De fato, nenhuma vida poderia ser fácil ou simples quando as descobertas mais significativas indicam-nos um caminho pleno de complexidades.

O biólogo Fernando Reinach (coluna de 16/04/22 do Estadão) lembra-nos sobre o poder da microbiota bacteriana intestinal na regulação de nossa saúde físico-mental. Esse caminho, de verdades e vidas digestivas, multiplica o infinito ovo pascal de fecundidades planetárias. Mas o velho-novo e recorrente *modus operandi* das facilidades desiguais continuam concentrando, de um lado o consumismo da fome de chocolate; e de outro, o alto rendimento com o vício e a diarreia alheia. Não se trata de uma fatalidade, pois sempre há múltiplas saídas; trata-se sim da subserviência heroica à ilusão da facilidade. Uma teimosia papal de pedir paz a nações guerreiras. Algo que aproxima ingenuamente a amorosidade e a intolerância. Mas que sem mediações estratégicas - como as de nossas mães e bactérias - só a intolerância triunfa.

Por isso, é preciso anunciar formas alternativas de criar e digerir a vida, sem facilidades medíocres. As diversidades não podem reduzir-se a padrões de 3, 4 ou 5 modelos apenas. E os padrões devem ser buscados por intermédio de estruturas dinâmicas. Menos limitadas a narrativas tão repetitivas.



Quando o Homem-Aranha procura a solidariedade de um anjo Gabriel para que o Espírito Santo do ganha-pão o visite, a poética da vida, nada/nunca fácil, nos alcança. Só deveríamos quebrar a casca uterina deste ovo mediante a conquista de um ponto de autonomia vital. Romper antes, é desperdiçar energia em morte prematura; romper depois é perder o encanto pela velhice. Hoje, só estamos grávidos. Para ressuscitar, sejamos mais fecundos.

LABORATÓRIO CELESTIAL

Se Dante Alighieri estivesse em um dos sambódromos da Santa Mentira, nesta semana iniciaria a saga de sua divina comédia pelas utopias celestiais da ópera afro-ameríndia do samba. Afinal, o escritor florentino tinha a seu favor o poder da crítica às elites dos séculos XIII e XIV. Mas não contava - posso ser doidinho da silva - com as artimanhas tecnológicas dos herdeiros elitistas, 800 anos depois. Conseguiram transformar as cidades-estados latinas em projacs da Globeleza. Um dos maiores impérios de mídia do Ocidente orienta e delimita o cercadinho em que mil e uma formas de “resistências pretas” catalisam a cota do sonho coletivo por uma ilha melhor, só no palco.

Mas como vínhamos lembrando, ao longo desta saga-cega-surda das ilhotas deste mar sem fim, as Quartas-Feiras de Cinzas multiplicam-se na fuça dos pretos pobres até o próximo desfile. O céu de Dante tem duração de 4 noites de lua cheia em busca do sol de outono. Já o inferno, longo, vai muito bem, obrigado!

Enquanto a Paraíso do Tuiuti gritava seu refrão: “Tem sangue nobre de Mandela e de Zumbi / Nas veias do povo preto do meu Tuiuti”, a nobreza messiânica concedia ao Barrabás Silveira, graça e perdão! E na Páscoa mais foliã de todos os tempos, aos gritos das redes de demência, as turbas diziam o que fazer com a crioulada extramuros após a maldita festa: CRUCIFICA-OS! Libertar Daniel da cova dos leoninos juízes do STF é a batalha do feriado rumo ao inferno eleitoral. Erêêêê... essa mata será nossa? Perguntaria a Unidos da Tijuca.

Qualquer escritor genial, como Dante, descontextualizado de seu tempo-espaço, entra em delirante estado febril. Contudo, finda a quinzena santa neste laboratório celestial de desejos irrealizáveis, voltamos às bestialidades de trabalhar duro e conter as cagadas dos nobres. Daqui para frente é proteger os Dantes-mirins dos bombarde-



ios de mentiras putinistas de Brasília. No céu de lodo bolsonarista, o crime compensa. Já no inferno laboral de nosso dia a dia, há que se PENSAR-COM; ou não haverá país capaz de resistir aos testes-bomba de horrores políticos. Que o axé de Djalma Sabiá, honra e glória da Acadêmicos do Salgueiro, ensine-nos a fazer diferente.

EXÚ MUSK AFRO-TRANCA-RUA

Um jogo de permanente crítica e sedução é o embate de perspectivas entre Ocidente / Oriente. Em seus estudos sobre “As Máscaras de Deus”, Joseph Campbell explorou o tema nas instigantes trajetórias do divinal-humano das cosmologias, hoje e sempre. É sobre 2 deuses mascarados, fundidos na encruzilhada da mídia desta semana, que eu gostaria de trocar algumas observações; como sempre, com um risco prazeroso!

Os caminhos do orixá EXU, tema enredo do primeiro campeonato conquistado pela Acadêmicos do Grande Rio (GRES), apenas em 2 pontos deste cosmos entrecruzaram os caminhos do ultra bilionário Elon Musk, orixá da Tesla-SpaceX e agora do aplicativo Twitter. Que pontos? O mítico continente africano - berço desses orixás- e desta minha cabeça, geminiana-aquariana, sempre em busca de conexões aparentemente sem sentido. Admitido os campos comuns, vamos aos argumentos que indicam a inconsistência dupla das conquistas de Exú-Musk. E que as águas de Oxalá, agora esmeraldas pela vitória também da mancha verde, enxágue os exageros desta análise.

De um lado, o magnata sul-africano argumentou que seu investimento de U\$44 bilhões no Twitter tinha direta relação com a defesa da liberdade de expressão. Algo que nos leva a uma pergunta simples: Senhor Exu-Musk, por que razão as escolas sul-africanas não tiveram a mesma sorte dos Twitteiros? Talvez pelo velho preconceito de entender que a educação básica seja a absoluta falta de expressão no futuro!

De outra banda, a energia pan-africana de fala majeté indicava enfrentamento da intolerância religiosa. [Será?](#) Porém, como construir tolerância sem apontar a equivalência de Exu com os guias, anjos e entidades dos outros credos? Ao contrário, o que vimos na Grande



Rio, mesmo diante do monumental desfile, foi a onipotência de Exu. Como diria Musk, tolerar os outros pobres deuses para quê?

Enfim, esses 2 caminhos do afro-tranca-rua nada acrescentaram na minha micareta Pascal. Sigo em busca de outros deuses mascarados... quem sabe, eles venham fazer uma visita menos presunçosa nos festejos do Bumbá junino.

METAVÔMITO TOTAL

Viajamos na hiperrealidade 3.o...

Cena 1. O Brasil é pentacampeão na Copa de 2002. E o Presidente FHC grita de raiva dizendo: “Malditos Canarinhos! Vocês vão encarecer o custo Brasil com tantos títulos”. Cena 2: O Brasil descobre o pré-sal em 2007. E o Presidente LILS explode de ódio: “Maldito mar territorial! Como fazer a transição para energia limpa, agora”? Vamos pular as cenas 3 e 4, da Era Dilma-Temer, cheias de mandiocas e vampiros... E chegar à cena 5. A Petrobras obteve mais de R \$40 bi em 3 meses. E o Presidente-Rei Flecha explode de vez: “Empresa estupradora criminoso! Devolva pro Povo o que vocês roubaram”!

Respondam agora: Qual a única dessas cenas pode ser efetivamente associada ao metaverso? [É bom ler primeiro a reportagem](#) (vide). Porém, se o senso diferencial de mentirinhas das pós-verdades estiver ligado...pronto. É possível entender por que o pioneirismo verde-amarelo do metaverso assumiu a plena forma de METAVÔMITO.

Explico, sem me aventurar nas profundezas dos bens não fungíveis de NFTs e mundos avatares. Lembra da Juma Marruá apontando arminha para toda a modernidade humana que ameaçasse seu caminho... pois bem! Ela está reeditada três décadas depois no pantanal de sombras nosso de cada dia, em óculos 3D de surrealidade virtual.

E esse C. Dennys Marruá, que vos escreve, filho de mãe encantada pela geografia das formas imaginárias, observa o blá blá blá dos 5G e Webs 3.o só para engatilhar seu tiro certo: tudo isso vai dar merda! 30% ou mais de brasileiros escolarizados não de responder que a cena 5 é a única verdadeira por representar a plenitude de nossos desejos!

Justamente por isso... temos de prestar nossas homenagens ao “Juventino” Messias Bozo, primeiro líder a fazer do METAVÔMITO



total um METAVERSO de realidades ficcionais ilimitadas. Se por décadas o futebol, o mar territorial e o petróleo foram nossos, agora aprendemos com o Capitão “Jovem Pan” a odiar nossas conquistas, escrevendo a história pós-verdade na imaginação e similaridade do que há de mais verde-amarelo nas entranhas da nação! Que o sangue venoso do velho do Rio nos proteja!

IMPERADOR TAGARELA

Dizia a famosa marchinha: “Dá chupeta pro bebê não chorar” (falar, tagarelar, perturbar, alfinetar, amaldiçoar etc.). Na filosofia satírica da folia, a chupeta ou o mamá do filhinho da MAMÃE EU QUERO sempre indicou o poder do silêncio. O voto para a renovação democrática foi modernizado como um instrumento silencioso, proporcional a sua representação constitucional. Mas seu lado oposto continuou sendo representado pela alegoria da Coroa imperial da tagarelice, que brada nas redes (anti)sociais como a maior *fake news* de todos os tempos, a rainha da bateria desafinada chamada LELÉ: Liberdade de Expressão ao Quadrado.

De repente... todo mundo vira guardião-mor da democracia, acima de tudo e de todos! A tagarelice vem aos berros das casas dos 3 porquinhos, temerosos de que podem ser abatidos para a ceia antes do Natal. Na Santa Mentira, é difícil saber quem chora mais pela infantilidade do leite derramado: se o Legislativo que tudo fez para se perpetuar em infinitos mandatos; se o Judiciário que descobriu que canta mais que Anita e joga melhor que Neymar (então por que calar-se e perder likes?); ou se o Executivo que a partir de 2019 trocou a governança pela boca louca do palanque. Resumo do curral: tudo indica que as famílias cidadãos, de pais e mães responsáveis pelos infantes filhinhos bocudos, não conseguirão controlar tanta Síndrome do Imperador em nível pandêmico. Muito pelo contrário. O apoiador do seu reizinho favorito agora se comporta como aquele pai tóxico que, prezando pelo poder do filhão na vizinhança, grita ao seu candidato favorito dizendo: “Vai lá meu garotão... berra mais e não traga desaforo para casa, não! “TIRA A CHUPETA E ENFIA A COROA DA DEMOCRACIA NA GOELA DO INIMIGO!”



É nessa hora que fazemos uma força descomunal para desaprender tudo o que a sabedoria ancestral ensinou permanentemente. Só o silêncio educa a voz e a música. Sem silêncio, não se medita nem se fortalece na consciência. Yoga, por exemplo, é o controle das flutuações da mente, porque fecha nossa doentia tagarelice. Candidatos mudos hão de garantir algum futuro à democracia, [apesar do mamamá de reizinhos bocudos](#).

PLANTAR GEOPOÉTICA

Poderia ser mais uma trilha ecológica nas margens de uma grande cidade. Porém, não foi. Está sendo ao menos, a partir destas linhas, um meio de reconhecer que todo pedaço reflorestado deve acolher um todo; de franca inculturação holística ancestral. Neste mês da Geografia - comemorado por profissionais da área entre 29/05 e 26/06 - tive a oportunidade de ser presenteado por uma trilha de pura geopoética. Não vou escrever para contar o passo a passo da visita técnica que a organização do [XVI ENTBL](#) ofereceu na manhã de 20/05, a fim de apresentar o Projeto “Gamboa do Jaguaribe”, na zona norte de Natal. Vocês podem acessar o desenho da iniciativa dessa ONG ([visite o site](#)). Quero falar da perspectiva do replantio; da necessidade de que tiveram Iran-Jaguar, Railda, Tangahara e toda a equipe do Gamboa de proporcionar-nos um recomeço na terra brasilis.

Em um pequeno sítio de 5 hectares, uma iniciativa privada vem caminhando abertamente na radical direção do interesse público de formação socioambiental e etnopatrimonial. Bastou uma década para a recuperação de manguezais e da mata ciliar, aliada ao habitar de ribeirinhos e caboclos no exercício de um museu vivo: o espaço-aldeia de povos indígenas potiguar, cultivando no mesmo lugar sustentabilidade ambiental e patrimonial. E o que essa experiência tem de geopoética para servir de lastro comemorativo? A resposta é tão simples quanto desconcertante: uma duplicidade que gera a multiplicidade do mundo e cujo único dever é construir. Pense comigo: de que valem museus altamente tecnificados a representar ambientes devastados? O valor de um memorial do holocausto? Por outro lado, o que fazer com toda a recuperação (in)orgânica, se novas comunidades silvícolas não puderem usufruir de seu ideal sustentável? Partiremos (os sobreviventes) para Marte, deixando a maioria fecundando o solo



como húmus contaminado? Um lado ou outro é andorinha, só que não faz verão algum!

Podemos pintar-nos para a “caça”, beber água na cuia e comer milho verde e goma de beiju. Mas devemos sim REPLANTAR o ser indígena e refazer nossos passos geopoéticos! Já!

TERCEIRA VÍ(SCER)A

Difícil imaginar uma situação em que o sujeito, após árduo trabalho e literalmente faminto para encarar uma prata generosa de comida, fique ruminando para seu aparelho digestivo: “intestino, intestino meu... me alimente só do lado esquerdo que esse bucho me deu”; ou, sendo um faminto conservador, aperte a barriga pedindo justamente o oposto. O motivo dessa impossibilidade racional é uma só: a boca e o fiofó, podem até transformar centrinho em Centrão, conforme a massa alimentar e fecal que os une; mas também não se livram das ideologias simplistas que os separam.

A filosofia de boteco para elogiar o que há de mais essencial nas vísceras de nossa existência vem para o texto como uma digestiva lembrança: a terceira via é, visceralmente, o único caminho administrativo de qualquer gestão para evitar a indigestão! “Epa... epa... pera lá”! Então por que a idiotice midiática de chamar de terceira via a candidatura que ultrapasse os 70% das intenções de votos aos 2 Reis Momos polarizados por comunistas e anauês? A tal TV tem outro significado?

O Prof. Alessandro Medeiros, da UFAM, foi chamado para aliviar essa fome de conhecimento com sede de compreensão do quanto [as reflexões do sociólogo Anthony Giddens foram desvirtuadas para deixar nosso estômago tão estufado](#). Seria gordura saturada ou guloseima plástica? Assim como no bucho ou na cuca, a indigestão advém do vício de simplificar o que naturalmente é complexo.

A TV, que por 30 anos vem refletindo uma perspectiva modernizadora do trabalhismo e da social-democracia europeia, exercitando aproximações pragmáticas com perspectivas liberais, vira na idiotice da imprensa e dos extremistas um mascaramento. Na Santa Mentira, Moro, Ciro, Doria, Tebet, assim como Marina Silva, há 4 anos fantoches



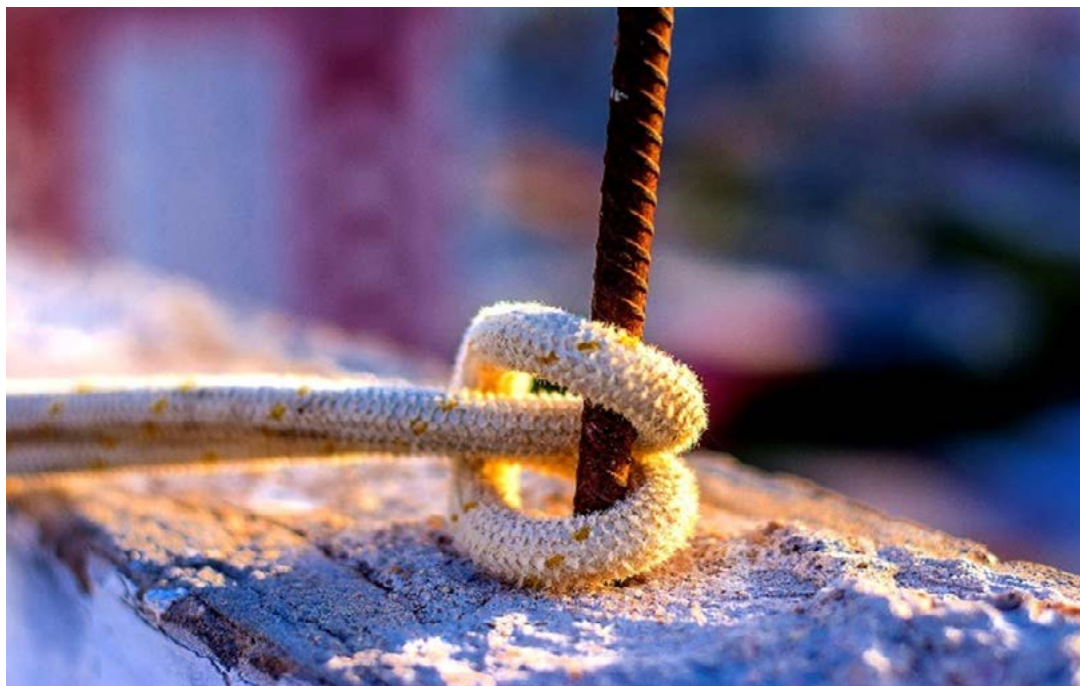
de um discurso da TV para tv (e CIA). Claro que podemos ter, em um 1º turno, 8, 10, 15 candidatos. Porém, é no 2º turno e na transição que as segundas vias das negociações desenharam a governança avançada pela real terceira via. Bloqueamos isso em 2018. E agora, seremos viscerais ou indigestos de novo?

MUSCULATURA AMOROSA

Em sua coluna de domingo último no UOL, Julian Fuks apresentava-nos com uma carta de amor intitulada “Breve discurso amoroso, em resistência à bestialidade do país” ([vide reportagem](#)). Ele conta como o seu envolvimento com Fernanda transformou seu desprezo pelo músculo cardíaco, em representação das mais nobres verdades amorosas. Um coração ama outro na medida que o admira; isto é, mira (sente, ouve, pulsa), além! Algo tão mágico quanto lógico, que precisamos retomar na ciência, na poética e no cotidiano dos nossos relacionamentos, o tempo todo.

Para que o músculo vital não se rompa pelo triste fim daqueles que cospem farofa diante da morte de Milton Gonçalves ou da despedida de Milton Nascimento. Os farofeiros da mitomania miliciania ainda querem ouvir “San Vicente” como um hino gospel de elogio ao poder Wall Street. E justamente por isso, 50 anos depois de Brant e Bituca dizerem: “[Coração Americano/Acordei de um sonho estranho...](#)” ainda seja possível lembrar que nossas vidas tornam-se plenas no relacionamento amoroso que construímos. Existe, porém, a cidade, o contexto, o país, convertidos em acampamentos de improviso e guerra. Existe também sequestro, expurgo e perdas de direitos civis e ambientais. E na sabedoria de tantos obstáculos... como diria Milton Santos, a força dos lugares abre brechas no espaço capitalizado; sempre em busca de corações mais estratégicos que a hegemonia de cérebros prepotentes.

No mapa de Fortaleza, por exemplo, precisamos viver com marcapassos cardíacos para ultrapassar o terror das facções e o otimismo bestial de estados e mercados. E sobrevivemos muito bem quando algo de Julian e Fernanda conduzem melhor que a fantasia de Romeu e Julieta. Exercitemos a musculatura amorosa da acolhida dessa outra



pessoa gêmea tão especial, com quem casamos todas as noites. Ainda que em alguns momentos, dias de bestialidade, o “sabor de vidro e corte” imponha-se. Passarão!

EL JAVARI TÃO TÃO AQUI

Não tenho a menor condição de falar do contexto amazônico que envolve o “desaparecimento” de Bruno Pereira e Dom Phillips. Muito menos imaginar a dor coletiva dos indígenas, de suas namoradas, Beatriz e Alessandra, neste 12 de junho com ares de 02 de novembro. A tortura organizada, que há 3 anos e meio tomou posse da Ilha da Santa Mentira, consegue, em momento como esse, escancarar sua maldita verdade: sem visibilidade externa - na semana cúpula das Américas - o governo boca de lodo continuaria afirmando estar pouco se lixando para “aventureiros subversivos” no meio da selva. Se o Vale do Javari tivesse virado uma boa pastagem agroideológica, “os 2 comunistas já teriam sido achados pelos Stones dos anauês”. Profissionais de elevada qualificação técnica são tratados como vagabundos por quem é *expert* em vadiagem! Como tolerar o intolerante? ([Veja o que pensa a Academia de Ciências](#)).

Sabe-se que o Haiti de fato NÃO É AQUI. Entretanto, o Javari, sim: É AQUI E SEMPRE! Ainda que mais de 90% dos mentígenos brazucas só tenham se dado conta agora da existência desse lugar. A ignorância geográfica comum só costuma ser abalada diante dos incidentes, crimes e catástrofes. E disso posso falar por escrito, mesmo no risco de registrar besteira.

O drama maior do isolamento dos povos e etnias, na imensidão de injustiças desta ilha continental, é que o crime organizado esteja em permanente condição de vanguarda, garantindo “desaparecimentos” nas fuças do Poder Público. E esse, cada vez mais estúpido, faz dos nossas cidades, bairros e vilas uma multiplicação de Atalaias do Norte ([visite essa reportagem sobre a tensão em Atalaia do Norte](#)). Onde fica isso, professor? Domingo passado eu diria: “faço a menor ideia, meu chapa”! Mas depois dessa avalanche de absurdos na região, Atalaia

A RAINHA QUE SÓ PONTUA PARA A MÍDIA

A Santa Mentira já definiu, no 1º turno, os machos-alfa para as suas micaretas de 2023 a 2026. São os mesmos da pelaja 2018, com 2 diferenças: a Lava Jato vazou e foi para o brejo. E o Deputado escolhido pelo centrão cramulhão converteu 20% dos chafurdados no brejo: ali está o húmus santo de Deus. Até aí... bem-vindos todos nós ao mundo das idiotices que Nelson Rodrigues e Umberto Eco previram desde o século XX.

Mas a Santa Mentira é do requebrado, na cadência bonita do samba. E nesta hora o corpo feminino — e suas variações prismáticas do movimento LGBTQIAPN+× ☹, pois o masculino não consegue tal versatilidade — cotiza uma condição feminina para Rainha de bateria. Isso ocorre hoje para atualizar os olhos ávidos das mídias e redes sociais, associando, à tal Rainha, a síntese de uma cultura popular afro-brasileira. Acontece que na passarela, como já se dava com as passistas, matriarcas e baianas, uma Rainha só tira ponto. Não pontua em si. Essa função feminina na escola de samba demanda a parceria de equidade entre porta-bandeira e mestre-sala. Um sonho dourado longe de ser aprovado pelo único poder da República que teria a liderança nesta simples regulamentação. Estabelecer que nas eleições proporcionais todas as bancadas tenham a obrigação de empossar 50% de mulheres e 50% dos infinitos indicados acima. Afinal, em qualquer sociedade minimamente saudável, mulheres são o gênero da maioria da população.

A utopia da lógica morre na praia, contudo, também na distopia das propagandas exibindo um apoio partidário incondicional à mulher; e uma prática machista, ano após ano, à base de: tentamos, mas “elas não se interessam por política!”. Qualquer covarde sabe que



a melhor maneira de escapar da responsabilidade é fazer-se de vítima na circunstância que ele desenhou por omissão.

Até o final da micareta eleitoral, vamos ter de assistir aos desfiles de musas tentando convencer-nos do óbvio: o lugar do gênero humano é onde el@ quiser. Porém, o Congresso quer mesmo é perpetuar-se na manipulação do Executivo e na destruição do Judiciário! Acho que nem a Rainha da Inglaterra aceitaria gingar dessa maneira, não acham?

PRESENTIMENTO GUIA

Meu Excelentíssimo guru, Jamilcair Melquilazias Bostamagofaro, pai JMB que nos protege e guia. Permita-me tomar sua bênção, para nesta noite de ofuscante sabedoria, eu e minha parentela recebermos a cusparada ritual de suas mensagens proféticas!

Nesta semana, de mais um ataque carnicheiro dos esquerdopatas globalistas, o pastor professor Miltinho Riachão foi vítima de terríveis injustiças. Mas nossa corrente de orações com os profetas Santão e Mourão tocou o coração do Juiz Ney Belo e as maravilhas do Senhor manifestaram-se... ALELUIA!!! Já estamos prontos para seguir as Marchas para Jesus, ô Glória!!! Resultado: tivemos do pastor uma revelação máxima de seu poder pai JMB. Ele contou como é forte seu presentimento! *Oh, my Lord!* Chegou a hora de saber se outros “presentimentos” podem iluminar o futuro destes corações tão devotados de ti e de sua santa família! Vejamos:

Para começar, contam que Brasília é uma reencarnação urbana da terra do Faraó. E que só um filho abençoado de Abraão poderia devolvê-la aos planos do senhor dos exércitos. Entretanto... a praga da Babilônia voltou! Que fazer, meu guru?

Ficamos sabendo, Mito do Rio das Pedras, que outras fantásticas medidas de seu profético governo estão chegando: a) 1000 reais de bolsa para caminhoneiros; b) congelamento de ICMS nos Estados; c) projeto de extermínio da Petrobrás; d) denúncia permanente do sistema eleitoral e do Judiciário; e) um agito todo especial no 07 de setembro do Jubileu dos 200 anos. Cinco vezes glória ao pai JMB. Quanta beleza de presentimento! Então porque, Mito-mor, sua sabedoria não indica a continuação de seu poder em 2023? Por que nos deixar à deriva, presentindo seu fim humilhante, sua rota de fuga, seu distanciamento fatal da vida pública? Não basta o que viveu



o cordeiro de Deus... e tu, Oh! divino jumento do pai, precisa trilhar uma sina tão perversa? Contamos os dias para isso não ser verdade! Porém, pressentir é saber: seja feita não a nossa, mas a vontade dos céus. Até Lúcifer sabe perfeitamente a hora da despedida! AMÉM!

REI ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Repetisse a primeira edição das crônicas (2015), esta seria nossa última prosa poética do 2º ciclo. Mas o ano está efervescente, a inspiração acumulada, e a “piração” do mundo exigindo mais e mais folia das palavras e imagens. Bastou um passeio de férias na Praia Financeira da Paulicéia para compor esse texto e garantir: há combustível para algumas dezenas de reflexões.

E essa aqui vai da exposição da FIESP, [na Feira Internacional de Linguagem Eletrônica](#), às homenagens ao [genial artista Arthur Bispo do Rosário \(1911-1989\)](#). Fomos, eu e minha esposa, em busca da “super criativa” maneira de ler/ver/ouvir para sentir os jogos virtuais como forma de arte, em um futurismo mais que presente. Especialmente no encantamento das crianças, que ali curtiam cada obra; incluindo o ser “crianças” aqui dentro. Sem dúvida, quem puder visitar ao vivo ou no site... vá! Pois a crônica também faz campanha.

Para além do programado, entretanto, emerge o inusitado das cercanias. Quarteirões adiante, no Itaú Cultural, pudemos vivenciar o universo mais transumano e sabiamente infantil do Rei Arthur. O marinheiro sergipano, desempregado e desamparado nas ruas do Rio de Janeiro, que no dia 22/12/1938, apresenta-se no Mosteiro de São Bento como Jesus Cristo. Encarcerado na Colônia Juliano Moreira (em períodos distintos), cria e recria o mundo de injustiça e potencialidades na cartografia visceral de seus mantos, obras e mensagens missionárias. Todas as coisas necessitam de sentido para humanizarem-se. E Arthur tecia em seu rosário sacrificial aquilo que nosso desentendimento ainda chama de loucura! Nenhuma criança deveria visitar o FILE sem pedir a bênção ao Rei Arthur. Porque sua linguagem eletrônica é plenamente cósmica. Aproximar a obra desse gênio dos curumins, que amamos, é urgente. Um sinal efetivo de que o diferente será o depositário maior



de nosso amor; não de nossas piores formas de desprezo e violência.
Que a arte do Bispo do Rosário finalmente nos guie!!

CETÁCEO SECRETO

Se fôssemos os antigos gregos, saberíamos que o monstro navegador, Cetus, filho de Pontos e Gaia, não é “flor que se cheire”. Ou seja, guardaremos a devida distância. Ou examinaremos se Tróia não estava vingando-se daquele truque do cavalo! Como somos mentígenos, ilhados, delirantes e ingênuos, cremos que uma linda e inofensiva baleia beluga tenha virado um mágico *airbus*, só para divertir-nos durante a última semana de férias escolares. O contraste de mentalidades e mitificações só aumenta (somos bem mais iludidos, de fato) quando outras baleias entram em cena.

[Um audiovisual da AERO](#), somado às reportagens da imprensa, dão o tom do fetiche tecnológico de nossos tempos. É bom lembrar, porém, de 3 “baleias” derrotadas na mesma semana. Dia 24/07, mesmo dia do pouso do Beluga 2 em Fortaleza, o time da capital conseguiu “perder” de o a o para os cetáceos do clube santista de futebol! Só mais um jogo medíocre! Dois dias depois, um filhote de baleia é achado morto na praia de Iracema. ([Vide reportagem](#)). Só mais um desprezo ambiental. E para manter a Santíssima Trindade da ilha, a fauna do MDB arremessou a sereia Tebet nos mares bravios das eleições, seguindo o canto da boto-beluga Rossi. Só mais uma politicagem de sempre.

Resultado de mais essa baleia-game: a Beluga-ST nº 2 pousou, foi até Campinas, soltou seu rico e secreto bagulho-OVNI, deu meia-volta e partiu para o velho mundo. Mas aquela perguntinha difícil pode ter ficado na cabeça das crianças mais espertas da ilha: «Que diacho essa beluga trouxe no bucho»? E que raio de *trem bão* será que ela levou sem ninguém saber”? Aqui se chega ao ponto central do mito moderno do cetáceo secreto: continuamos a saga ilusória dos nossos ancestrais ameríndios, trocando pau-brasil por espelinhos; ou projetos sociosustentáveis pela magia turística de uma beluga-metálica!



Dá para curtir os *high techs* sem tanta mediocridade servil. Mas RESPONSABILIDADE é a cor ausente dos ideais franceses, de 1789 até hoje!

JÔ SOIS REI

Existe uma série de vídeos no YouTube tratando dos múltiplos significados que as cortes europeias do Renascimento deram ao estratégico personagem identificado por bobo da Corte. Entre tais vídeos, assisti ao do [canal Fatos Desconhecidos](#) que associa às mudanças na dinastia Tudor da coroa britânica o auge e queda dessa figura, pitoresca demais para ser ignorada séculos depois. Nosso mestre do ecletismo, Jô Soares, conhecedor da eternidade demonárquica que ronda os vícios do poder, criou um reizinho de joelhos entre seus 300 personagens. Como o mais tolo entre os espertalhões da realeza, ele vivia cobrando dos “súditos”, nada subservientes, a sua pequenez: SOIS REI? SOIS REI? A resposta óbvia era: Ninguém precisa ser rei para aproveitar-se das infinitas mamatas da Corte.

Muito menos a aventureira e escandalosa figura do bobo-coringa, encenada por outro gênio dos palcos e telas que perdemos em 2020 - Flávio Migliaccio. Ele entrava em cena gritando as maiores insanidades. Por exemplo: “A corrupção vai acabar”; “Todos vão ficar ricos”, delírios assim! Como diversão maior da Corte, o bobo cumpria o seu papel. Mas a saga de ressentimentos, tal qual aquela vivida pelo Coringa de Joaquim Phoenix, no filme lançado em 2019 — qualquer semelhança com o sujeito que nega vacina e viaja no metaverso não é mera coincidência — traz a questão: se um rei de joelhos diverte mais que um bobo falando besteira, por que este mesmo bobo não pode assumir, por suas melhores habilidades, a administração do reino?

A República, modelada no séc. XIX e democratizada no XX, tornou-se o teatro perfeito desta vingança legítima dos coringas injustiçados. E as campanhas eleitorais são uma festa de arromba ou “chega pra lá” nos reizinhos da política padrão. Os coringas pós-modernos, promovidos a *outsiders* pragmáticos reinventam o espaço de



genialidade. A Santa Mentira, hoje, tem 20% de seus cidadãos escolarizados, completamente devotos do comando Joker. Os outros 80% vivem amedrontados pelas sombras do passado. Menos sendo mais, o bobo reina como nunca! São Jô e São Flávio, protejam-nos! ALELUIA.

OSSO SACRO COM PROTEÇÃO CARNAL

Reza a sabedoria dos sonhados lugares de lazer que o melhor do humano encontra-se nas periferias, bordas, beiras de tudo. Os glúteos de nossa espécie, quando sentamos, andamos ou geramos desejos... comprovam essa força do periférico na centralidade das mediações: anatomia & sexualidade, sacro & carnal, ou 13 & B (quem perderia as bundadas políticas do funk presidencial?). Todos os órgãos são multifuncionais. E na ciência da bunda — sim, existe e denomina-se como RUMPOLOGIA — formas e conteúdos podem indicar leituras mais inusitadas sobre processos e personalidades. [Veja a matéria para rir, ok?](#) Caso contrário, ao levar muito a sério seu traseiro, andar para a frente (uma humanização básica) começa a complicar. Não precisamos mais dessa encrenca!

Voltemos à ideia que nos motivou a pensar no osso “sagrado”, base da coluna e intermédio do quadril, como um centro interior tão carente dessa periferia glútea. Justamente o passo a passo de nossas caminhadas. Enquanto as nádegas não amparam musculosamente nossas passadas, corridas e sentadas ergométricas, permanecemos em uma condição animal inferior, sem o batismo bípede. E, enquanto engatinhamos, não livramos braços e mãos para a nobreza cultural. Incluindo o abraço acolhedor aos cadeirantes, cujas nádegas transformaram-se em pés. Pés do osso sacro são as bandas glúteas nossas de cada dia! Não é preciso a ignorante redução da bunda ao desprezo moral. Tanto os repressores de sua vasta função anatômica, quanto os exibidores de sua monossexualidade, acertam um só “pé na bunda” e jogam toda a aprendizagem de corpos humanos no lixo da hipocrisia.

Quando mães, pais e fraternos assistirem aos seus protegidos caminharem rumo ao futuro, reparem em seus bumbuns de forma coerente e valorativa. Ao proteger o sacro, esse coração traseiro



conserva toda a alma caminhante da espécie. Mais do que atrair por estética erótica, as bundas impulsionam uma ética comportamental. Antes de desprezar ou desejar bumbuns, imite-os no dom desta autoproteção sagrada!

COMBATE "IVANGÉLICO"

A Santa Mentira deseja completar seus 200 anos de sonho imperial refundando uma Guerra Santa! Por sinal, tão ridícula e midiática quanto às neuroses bipolares da fake luta do bem contra o mal. Nunca se deu, por isso mesmo, tanta importância a uma versão papagaiada de cristianismo vingador, pronto para a pancadaria, contra tudo e todos que não aderirem a sua idolatria. No rigor histórico (com todas as controvérsias teológicas) atribuem essá neurose ao dito “movimento evangélico”. Claro, uma visão de “EVANGELHO” como boa notícia ou mensagem, seguindo o carisma do mensageiro, não pode falar ao mundo sem deixar de ser mundana. Porém, tem sempre um pastor tentando provar pela sua leitura mais que embrutecida do Livro, à sua imagem e “*espelhança*”, que a chave do Reino de Deus lhe foi confiada. Será que esse truque mágico teria algum antecedente moderno e acessível para o devido batismo do movimento?

Que tal a fundação do Império russo, unificado pelo “terrível” Ivã IV (1530-1584) como o primeiro Czar da história? Alguém diria... “que tem isso a ver com as narrativas religiosas daqui”? Simples: um jogo sonoro revelador, pois esse movimento é IVANGÉLICO, por herança e desejo de unificação totalitária. O combate “ivangélico” forja uma visão ortodoxa do mundo, tal qual o catolicismo russo passou a operar no Oriente Europeu. No mesmo séc. XVI, em que os domínios lusitanos e castelhanos tornavam-nos afro-indígenas cristianizados, o modelo terrivelmente ivangélico de poder nacional e teocrático moldava a grande mãe Rússia. Por que não aproveitar a revanche putinista cristã para sair por aí exorcizando todos os demônios vermelhos da ilha, proclamando em 07/09, o grande Flecha Tchutchu Czarista como o novo Imperador ivangélico? Perder essa oportunidade de fundar, na Ilha da Santa Mentira, a verdade master da reencarnação do gran-



Duque Ivã Vasilyevich, é desprezar mais um aviso do Deus da guerra (o único que fala ao coração do rebanho vingativo). As candidaturas armadas em 2022 cresceram 27% na batalha eleitoral. Entre a cruz e a espada, os ivangélicos possuem sempre destino apocalíptico. E amor cristão? “Piada de trouxa”!

JOGO DE 4 PÊS

Uma história do marketing, como ciência maior do mercado total, pressupõe um desejo imperativo: tornar todas as explicações do mundo uma SOPA DE LETRINHAS mágicas e facilitadoras. Para quê buscaremos trabalho, se já fomos perdoados do pecado original pelo Pai e já criamos toda a robótica *philial* para substituir-nos? Então, é hora de reduzir qualquer esforço ao ponto “zero” e baixar fórmulas simples, como no jogo dos 4 PÊS: Produto, Preço, Promoção e Praça: visite a [proposta de curso](#) para tomar decisões complexas, porém carregadas de paixões. Vamos logo colocar essa marquetagem PPPP para funcionar; sem entrar no CCC do texto, se não complica tudo!

Na Ilha da Santa Mentira, de 4 em 4 anos tem um desfile de beldades (PEDANTES) que emputece a estudantada, mas obriga todos os jovens de 18 a 70 anos a provar que venceram a primeira infância. Neste 2022, esse concurso de MISS-ideias perdidas forjou os mesmos 4 PÊS estereotipados: 3 devem ser eliminados do Grêmio Estudantil que controla a ilha. E somente 1, pelo critério de menor rejeição relativa, permanece triunfante como um brinquedo para durar até a próxima copa-concurso.

2 PÊS já garantiram a preferência de 3/4 da galera infante. O POPULISTA, do passado recente, lidera o desfile. Mantendo a esperança de que os dias de creche voltarão. Mas a segunda posição, com fogo nas “ventas”, aproxima o PARANÓICO do passado remoto. Esse tem uma puta tara pelas glórias militares do bom combate aos fantasmas do saber: o medo é o melhor negócio! E para 1/10 dos menos influenciáveis, surge o PLANEJADOR (com sua racionalidade numérica, tipo matemático do sertão) e a PROFESSORA (com sua afetividade protetora, tipo mãezona da fronteira pantaneira). Mas aqueles PÊS,



tadinhos, lidam com o futuro. E todo jovem da ilha sabe: o futuro de uma miss é uma merda.

O jogo dos PÊS, portanto, não traz novidade alguma. Fixa apenas um mercado de fábulas e entretenimento. Populismo, Paranóia, Planejamento ou Professorado...qual o seu pedaço de cidadão desta pirambeira da Terra?

DATAPODRE

Como diz o poeta Nascimento:

Luto para viver, vivo para morrer

Enquanto minha morte não vem

Eu vivo de brigar contra o rei.

E a mata-extensa (e intensa) de jogos mortais que inspirou Caxangá revela-se uma metáfora das tentações do poder surreal dos reinados. A Ilha da Santa Mentira não está, nem jamais estará, imune aos delírios eleitorais do carnaval fora de época. E sobre esse DATAPOVO - imbecilidade forjada pelo mais momo dos piratas da República golpista (“Deus salve Deodoro da Fonseca”) — vale a pena homenagear os canais de ataque ao fake-reinado do Florão da América. O Messias conseguiu, em uma semana, segundo a imprensa “comuna” da Folha de São Paulo, vomitar o melhor da sua merda intestinal tanto na Corte dos Windsor quanto no abre-alas anual das Nações Unidas. A maldição enxofre vale apenas um peidinho moleque diante do terror do Czar do Leste. Sua gracinha, sempre desgraçada, não nos serve sequer para fazer cosquinha no pesinho do Rei; quanto mais para cumprir os apelos do poeta de Caxangá.

Há, contudo, situações tragicômicas que apontam sua longevidade para além do dia 02 e/ou 30 de outubro, quando o plebiscito do VOLTA LULA foi suficiente para devolver à nossa ilha encantada, as loucuras ancestrais de 1500-2018. E construir um padrão de exceção demonárquica para esse reacionarismo doentio de 2019-2022. Afinal, nunca na história desse projeto micareta de país um De-PUTA-Do terrorista enfiou a mamadeira de piroca do rabo à boca; e, ainda assim, garantiu tantos devotos ao seu modelo de cristianismo romano. Herodes, Nero e Mussolini foram definitivamente superados pelo



Messias da Igreja da Milícia Universal (IMU). O Jornal Vermelho publicou nesta data, 24/10, muitas formas de escárnio sobre o Capô-Momo rumo ao “santo entierro”. Desde cabeça caricata por não ter respondido perguntas de crianças até o pibinho do país que decola como uma galinha velha. Sem esquecer da brilhante crônica de M. Conte sobre paisagens eleitorais primaveris. Mais 1 ou 5 semanas, voltaremos ao Carnaval de fato, Ufaaa!

TESTE INFANTICIDA

Sob a proteção de São Jerônimo, neste 30/09, eu poderia apenas fazer preces pelo discernimento e tranquilidade dos cidadãos na soberana escolha eleitoral do próximo domingo. Deveria até considerar o pleito geral da Santa Mentira, uma espécie de “deus” acima de tudo! Mas como batuqueiro meio desafinado, penso em outro compasso. E passaria um dia de preces ignorando a dor silenciosa dos brasileiros que ainda não votam, porém já condenados por seus “responsáveis” (!?) a crescerem sem imunidade vacinal. Crianças perecerão só por serem herdeiras de pais ignorantes e viciados em ideologia egocêntrica, apesar da maior taxa de escolarização já vista nesta imensa ilha. O que se passa, afinal, com tantas famílias que leem as Campanhas de Vacinação, seja contra a pólio, o sarampo, a COVID-19 etc. como um “direito individual ao lazer ou às compras”? Tipo... “cada pai/mãe SABE o que é melhor para a sua cria”. Esse fundo do poço da libertinagem de escolha, lamentavelmente, não tem fundo. [O resultado parcial desse abismo está na incapacidade de alcançar 50% da meta da meta de imunização infantil.](#)

Reportagens sob tais recordes de desamparo acompanham a lógica destrutiva de desmatamentos, desigualdades e desperdícios do saber coletivo. Enfim, testam uma amoral infanticida, pois de nada adianta colocar um voto na urna e negar a ciência da vacinação. Avanço tecnológico nenhum vale o bestial temor de lançar as novas gerações nos microorganismos da natureza. Se entendermos que uma ética da cidadania sustentável demanda pragmatismo solidário (sempre), passamos a escolher um mínimo depois de cumprir o máximo de obrigações.

Portanto, vacinar é obrigação. Votar até poderia não ser. Mas se na Santa Mentira também o é, pela condição de vacinado obrigo-me



a pedir que os pais eleitores salvem seus filhos dos vírus e vermes políticos. Aí, a todos nós, ficará mais fácil esperar de santos sábios como Jerônimo, o contágio da imunidade longaeva. Saúde!

ETÍLICO DESEQUILIBRISTA

Louco!

O bêbado com chapéu-coco

Fazia irreverências mil

Pra noite do Brasil²

A maior parte das músicas, alimentadas pela densidade poética, são proféticas. Mas só algumas acertam o alvo na exatidão absoluta dos significados cósmicos. Os profetas Blanc e Bosco fizeram isso em “o Bêbado e a Equilibrista”, e a pastora Regina converteu meu sono em sinfonia na noite de festa amarga do domingo eleitoral. A Santa Mentira é o metaverso de um passado perfeito e um futuro impossível. Uma ilha de pós-verdade, exigindo que a ciência cognitiva das fake news assuma a forma de máquina de guerra nas patas do candidato paranoico, e de escudo protetor na boca do candidato populista. Claro que neste embate de bem contra o bem e do mal contra o mal (pouco importa quem é quem). Euzinho já escolhi um lado e resolvi trocar apenas de métodos de defesa e ataque. Blanc e Bosco, mais do que BB investimentos, permitem-me encher a cara de etílico desequilíbrio para defender a guerra de mentiras convenientes. A política sempre demanda ética em tempos comuns e estética fulminante em tempos sagrados. Outubro/2022, ficou definitivamente sacralizado pela mediocridade da “estadunização” de nossas eleições. O PL de Trump, com 100 cadeiras, abocanhrou cerca de 1/5 da Câmara e o PT de Biden ficou com 80. Projetando alianças diretas, o 1º tem 300 apoiadores (poder de Impeachment) e o 2º tem 125 agitadores (poder de berro). Restam os outros, a turma do balcão de ofertas, o PSDB/MDB vestidos de esperança equilibrista.

2 [Ouça aqui](#)



Por isso, começando a palpitar sobre a guerra (pois meu pacifismo só volta como quem nada quer no dia das bruxas), entendo que apenas 2 ilhas desse arquipélago delirante no Atlântico Sul são capazes de garantir a vitória do populista contra o paranoico, dia 30/10. São elas: Rio Grande do Sul, onde Leite precisa de votos de Preto; e São Paulo, onde Haddad depende de Garcia. Faz exatos 20 anos que a maior parceria entre PT/PSDB garantiu a governabilidade do populista herdando o Plano Real do professor, na base da mentira: a esperança venceu o medo. Agora é a vez do medo, para o show continuar!

D'ONE PUNCH MAN

O mês de debates pelo cargo mais cobiçado da Ilha da Santa Mentira realiza-se a partir do “bom” (leia-se, pior) combate! E nós, os habitantes circenses deste triste torrão, só estamos interessados mesmo na diversão que tal combate proporciona. O jornalismo eleitoral é o maior entretenimento de outubro, favorecido pelo 2º round de uma luta jamais vista na história demo(crática/nárquica) deste país! Algo que deixa os ringues MMA, UFC, Boxe e desenhos infantis, um tanto desatualizados. Muito embora, o heroísmo disruptivo do Mangá Saitama ([vide artigo de Janaina Freitas de Araújo](#)) recoloca em nossas torcidas políticas o sedutor problema do metaverso!

Calma, brothers e sisters! Explico mais devagar. Existe um apaixonante seriado japonês chamado ONE PUNCH MAN (ou Homem de um soco) protagonizado pelo carequinha Saitama que vai desenvolvendo um heroísmo escrachado, frente ao angustiante poder “manual”. Com apenas um soco, ele destrói qualquer adversário monstruoso. Daí, ele passa todos os episódios deixando a confusão rolar solta enquanto procura sentido e significado naquela repetição de rotinas cotidianas.

O mundo dele está sempre à beira do caos. Porém, Saitama chateado por tanto poder em seu punho, tem de conviver com este cruel destino: seu único soco será fatal. Vale a pena buscar o pós-herói na Netflix; especialmente neste mês de combates dogmáticos, sem qualquer risco de racionalidade política e propostas programáticas. Nossa ilha e o povo mentígeno foram contemplados com 2 modelos de One Punch Man; 2 formas de soco mortal. Todos sabem que dia 30/10 temos uma batalha de dinossauros, impossível de terminar num único soco. Todavia, nenhum comunista, anauê ou nem-nem deixará de sonhar com um novembro encantado - até na rotina da Copa de 1001 noites do Catar - pelo fim dessa febre eleitoral. Saitama também



sonha em estar mais incluído e menos injustiçado socialmente. Embora não deseje que todo mundo sonhe seu mesmo sonho, ele sofre e diverte-se neste jeitão esquisitão. Genos, seu discípulo, sempre vota nele feito nós. E o circo... segue desperdiçando pão.

UM PLANETA SEMPRE ESTRANHO

Prometido para estrear na semana da abertura da Copa do Catar, o filme “Mundo Estranho” desenvolve a saga viajante da família Clade, que busca resgatar sua unidade entre distintas gerações ([vide divulgação do trailer](#)). A ideia aqui não é tratar do filme, seja por admiração ou crítica. Porém, é lembrar o quanto navegamos pelo mundo estranho deste planeta pelas telas jornalísticas, que imitam nossas mais exóticas e monstruosas versões. Justamente para garantir, na diversidade das formas, aquele mágico conteúdo de deslumbramento e encontro com uma essência mais significativa e potente do que somos; muito embora o estranhamento surja aos olhos e sentidos de forma tão negativa.

Apenas em um primeiro ato! O filósofo Michel Onfray, em sua “Teoria da Viagem” (2009, p.79), lembra-nos que: “Por trás do arsenal toponímico dos mapas geográficos se ocultam inacreditáveis variações sobre o tema da subjetividade”. Não demorei então para voltar ao planeta tão estranho dos telejornais e me ver como um russo mordendo, esfomeado, o sudeste da Ucrânia. Ou mesmo um chinês olhando Taiwan como ameaça. Seria normal estranhar tanto a União Europeia a ponto de criar um patriotismo doentio no coração do mundo latino que criou esse continente? A resposta é tão complicada quanto imaginar uma revolução ocidental no Irã, vinda da sempre interiorizada casta feminina. Ou aceitar que o 2º país mais antigo da América continue fazendo revolução de facções por 230 anos consecutivos, enquanto nossos *hermanos* vivem a hiperinflação, pressionando o governo por mais figurinhas da Copa 2022!

Contudo, é lindo saber que se pode punir o rei da fake, Alex Jones, embora não se possa tornar Ângelo Venosa, falecido escultor e rei do mundo estranho, mais conhecido que os brothers do BBB! Nem tudo é possível no jogo dos estranhamentos. Por isso, quem sabe, a



família Clade que nos habita, também nos arraste para fora dessas demências repetitivas, e divirta-nos devolvendo um pedacinho de luz-razão nos próximos dias! Sustentavelmente, a Terra já agradece.

RED AXI'SMO

Eu axo, tu axas, ele(S) axa(m) e vós haveis de axar; logo, na graça de DEUXXX, TODX têm CERTEZA! A Santa Mentira continuará colônia agroservil do Império do Centro (do Meio), conforme resolução ilegível do 20º Congresso do PCC, encerrado nesta semana. Melhor assim! Seria muito angustiante ver os jogos mortais de 30/10, sem informações exatas sobre o grande irmão escolhido para guiar o Oriente. Agora, resta-nos seguir a vontade dinástica do eleito divino contra “o ser infernal”, que um dia reinou divinamente. Xiiiiiiiiiii, coitado! Quem será o nosso Hu Jintao de domingo que vem? Cabe justamente aos mais de 32 mil de abstinentes urnais — perdoem meu abuso poético — decidir apertar ou não o botão verde para vestir a camisa vermelha da seleção canarinho! Por isso, após a chegada do 3º mandato de Jinping, já comprei a minha. Esse é o paradoxo mais brutal das democracias do extremo Ocidente: estejamos ou não mais ilhados pelo A-xiismo ou ultraconectados pela deturpação bíblica, não nos livraremos da estabilidade ditatorial que o mundo chinês, que o mercado, nos impõe.

Você pode até seguir os santos-catalães argumentos, de um Sir Neymar no banco dos réus: “Morte ao Judiciário, luz à pátria-família do meu salvador, Xi Jinping! Seu axiismo, no entanto, não está longe do meu! Somos periferia das mesmas ilusões perdidas. A grande distinção entre a sua aposta devocional e o meu ceticismo meditativo dá-se pela doença latente. Quem vê XI=22 e HU=13, busca doença em grau de hemorragia; e o contrário, ainda com dores lacerantes, entra na lógica da sabedoria do convívio, base do estado de direito.

Por isso, enquanto nos AXI'AMOS no cabo de força desta semana-apocalipse, evitamos HUUU-GIR fora do teatro comunista, como o velho Jintao canarinho de pistola arriada! Continuemos em guerra:



postagens, preces e paranoias, para expiar mitos e medos. Mas, tal qual uma bandeira gaúcha, tingida de verde-amarelo + encarnado, só por tremular nossas ironias, seguimos respirando bem... por aparelhos! Câmbio... desligo! (Para quem interessar, busque a matéria de Xúlio Rios intitulada: “Xi y el Xiísmo en la Enésima potencia”, no Jornal espanhol El País de 22/10/2022).

UFAH, FOI POR POUCO

Não poderia começar a centésima crônica sem relembrar o alívio da semana que passamos! UFAH, Virgem Santa, foi por pouco que não perdemos a sanidade existencial na Ilha da Santa Mentira. Eleito por uma diferença de apenas 2 milhões de votos, o lado vermelho da força resistiu ao tsunami do vômito auriverde, incapaz de reconhecer os louros da vitória alheia.

Por isso, a festa da vitória não pode durar mais do que 24hoo. Já no Dia de Todos os Santos, o governo eleito para 2023 começava a dar as cartas de seu poder, tão limitado e tortuoso, como rock de garagem. E o governo atual, tipo vampiro sem dente, silenciava por doping ou algo similar. 1º ato: patético.

Porém (e há sempre um *porenzinho* no porão da canalhice), os anauês vestiram a fantasia do canarinho pistola e vieram para as rodovias e “bocas de fumo” militares exigir: Intervenção “Federal”, já. Lembrando que o berro foi apenas uma atualização para o tão sonhado “golpe miliciano”. Algo que os macunaímicos Bob Jeff e Caquinha Zamb ensinaram, com suas arminhas de barulho, a essa corja de expropriadores de datas religiosas e cívicas.

Ao longo dos próximos 4 anos, a velha guarda da democracia terá de aturar essa comédia bufa auriverde atazanando todos os cantos da Santa Mentira em busca da revanche de 2026! Eles querem isso bem antes e já devem ter um calendário de até 96 meses de aporrinhção. Só que a revanche da sensatez costuma emergir dos nichos mais inesperados.

A mais inusitada ação deste momento de alívio não veio da polícia (cooptada), do STF (só educado), ou de outro poder instituído. Com mais de 300 paralisações de estradas, aparentando nocaute de



caminhoneiros, alguns anauês mafiosos foram surpreendidos com o ameaçador choque de torcidas organizadas pela democracia! Quem diria... das bases do futebol canarinho surgiria a retranca democrática. Aos Galoucos, Gaviões e demais, NOSSA GRATIDÃO! Voltem sempre que a casa é da gente!

SÃO BITUCA DA FÉ EM FESTA

Neste 13 de novembro, em sua última sessão de música, Bituca partiu do palco para permanecer, eterno, em nosso templo maior, de corpo e coração cósmicos! Entre infinitas sínteses, indico a didática da música MISTÉRIOS ([ouça aqui](#)), na qual ele diz: “preciso aprender os mistérios do mundo pra te ensinar”. E São Bituca, de fé em festa, conseguiu aprender, ensinar e multiplicar seu poder profético, na vibração musical da pergunta de Rubem Alves, repetida no programa “Linhas Cruzadas” da última semana: [O QUE É RELIGIÃO?](#). O debate de um tema tão polêmico parece inoportuno quando a plenitude da ópera musical de Milton Nascimento dá a partida de nossa conversa. Entretanto, uma aparência sempre permite uma aproximação envolvente - mesmo por caminhos tortos.

Milton prestou homenagem a Gal Costa, que sempre reconheceu a sabedoria da fé e das festas ancestrais que nos habita. Paramentado de Bispo do Rosário, ele cantou a natureza, a realeza e a beleza das vacas profanas que nos alimentam noite e dia. Isso é religião, refletida por Oyama e Pondé no programa da TV Cultura. Um campo de referência e reconhecimento dos múltiplos sagrados que nos encantam, projetando os outros que nos habitam. Outros, frequentemente apropriados por um poder (igreja, seita, guia), são capazes de nos desencantar.

É nesse jogo que o citado programa abriu seu último bloco dizendo: a Igreja Católica fez opção pelos pobres, que optam pela Igreja Evangélica, que mergulha na miséria das redes sociais! Por isso, analisar religião não se confunde com a fé em festa que a sustenta. Para vivê-la, tem de cantar com São Bituca: em um coração de estudante, uma estranha mania de ter fé na vida! Qualquer outra definição de «religião» vai garantir aplausos pelo esforço; jamais o êxtase do que



assistimos na noite de 13 de novembro, quando um Deus telúrico baixou no meio de nós, encantado, em sua última sessão! Evoé, Baco.

O GOLAOÇO NO GOLIAS

Tentamos juntar os pedacinhos da boa e velha Ilha da Santa Mentira, em dias e noites, sol com chuva e calorosas frentes frias cortantes. Felizmente, quando conseguimos assistir ao capixaba Richarlyson inspirando o cearense Demeilson, e pirando nossos desalentos na micareta da Copa do Mundo, um alívio percorreu a alma da galera. Acolhemos um projeto de Rei Davi no campo de batalha, prometendo aquela unidade nacional tão utópica ([vide matéria do G1 sobre a pintura](#)).

A geometria do golaço do Pombo do Espírito Santo não consegue, entretanto, esconder os dois lados cegos do campo lamacento das ilhas em um mar de lama. Mas se o “mar é de lama, professor Christian, não se trata mais de ilhas, correto?”

O Davi-Richarlison de minha memória afetiva de 7º ano do Ensino Fundamental, desafiando todas as minhas incompletas preparações de aula, faria brilhantemente essa pergunta! Eu não responderia, é claro! Devolveria, socraticamente, duas perguntas com a realidade lamacenta atual. E diria, o que você acha? Pense e decida... são ou não são ilhas? Pergunta ONE: Se 32% de candidatos ao ENEM (1,1 milhão em 3,4 milhões de inscritos) no Dia da Consciência Negra e estreia da Copa do Mundo formam o maior contingente absoluto de ausências na prova, há algo muito errado no campo da educação? Pergunta TWO: Se o PL, campeão de votos nas eleições de outubro/22, autoriza seu capo VCN-Golias a tomar uma pedra de funda na testa por solicitar anulação das urnas que o elegeu, haveria algo muito errado no campo da política? Poderíamos fazer a 3ª, 10ª, enésima questão! Porém, tonto ficaria Davi, e não Golias! Que bíblia é essa?

A única certeza estética, que o golaço do Pombo nos relembra é que num mar de fragmentações dantescas, a beleza de um gol assim



- “richarlisoniano” - funciona como a poesia da rima de amor e dor! Em Aracruz e Colatina-ES, 2 escolas choram hoje mortos e feridos por novos Golias. Mares lamacentos não formam ilhas; mas fazem a dor ser maior que o amor de um gol. Um pombal da paz poderia quebrar essa sina?

PÊNALTIS EM CARA OU COROA

Minutos antes da Ilha da Santa Mentira parar e assistir ao 5º bailado de seus canarinhos pistolas, na Catari “Cidade da Educação” (quem diria!), o novo técnico eleito para o jogo do Planalto Central escalava os primeiros nomes de seus convocados: Nandinho, Dino, Zé Múcio, Rui e Mauro. Uma retranca defensiva para suportar os contra-ataques que se anunciam para os próximos 4 anos. Coisas que fecham e abrem aqueles estranhos tempos de longa duração - tipo um “ano bissexto” com um 29 de fevereiro. Aquele dia que ritualizamos para depois do resultado perguntarmos... para que este dia existiu mesmo? A resposta advém da saga fatalista que o futebol convencionou por resolver um problema tendencial chamado “empate”, com uma espécie de cara ou coroa disfarçada em gol- penalidade. Quem fizer mais, sem jogar, leva a classificação. E quem errar mais, levanta o acampamento e *cai fora*.

A memória da derrota no Mundial de 1986, na época contra a França, manteve-se hoje mais forte do que a glória da Copa de 1994. E o motivo desta saga de risco e predomínio do azar, bem diferente da Croácia, pelo que vimos, diz respeito ao descrédito quanto à máxima desse esporte, em especial. O gol é apenas um objetivo, sempre parcial. O grande alvo do futebol está na capacidade de reunir uma pontuação que classifique como melhor quem menos errou. E se empatar, depois de dois turnos de jogo (tempo normal e prorrogação), um tira-teima das penalidades dirá quem errou mais.

Em outro texto, eu já tinha defendido a retirada de goleiro e zagueiros diante de um zero a zero aos 30 minutos do 2º tempo, para que, em 15 minutos, o mata-mata, o ponto-gol fosse menos congestionado. Mas tal solução radical continuará longe das regras. Afinal, penalizar a partir da bola parada é mais sentencial. Assim como arranjar



logo futuros culpados para responsabilizar diante das expectativas de falhas de um novo governo. Tem sempre um Tite para cair, na Copa ou em Brasília, enquanto Caras e Coroas permanecerão protegendo o poder que não controlamos. Que nosso frágil jogo de botão ensine-nos mais do xadrez croata protegendo-nos da penta-presunção!

PIERRÔ SILENCIADO

Pentecostal transição vivemos nestes dias de Glória a Deux, depois do 30/10 quando a colombina mentígena foi reconquistada pelo satírico arlequim. Em 50 dias, deu-se o melhor momento do Governo Pierrô, que finalmente parou de imitar os chuks do pavor, abandonando inclusive seus anauês de boca de quartel aleluia, axé, shalom! Que demonstração de vida além da morte, my President.

Sinto-me uma Marilyn Monroe do vento Aracati cearense fazendo pose na calçada da falta de fama. E louca para dar um beijaço por esses 50 tons de cinzas em paranoia de um pierrô mitonto: [“que acabou chorando, acabou chorando”](#). Teremos, por teu nobre silêncio, Bozo-pierrô, não só 40 dias quaresmais invertidos, mas 4 supertensos anos de pós-hecatombe; de tentativas, frustrações e recomeços, apesar de você, para construir pontes entre tantos pedaços de terras tribais tão ilhadas. Porém, com toda sinceridade de quem ousa converter ironia em agradecimento, permita-me clarear o real motivo de tais linhas. Em vésperas de Natal, os poderes da demonarquia conseguem provar a impossibilidade de qualquer Governo sem orçamentos de amigos secretos. Um parlamentarismo estrutural foi implantado (definitivamente?) na moldura constitucional de 2016.

Em 6 anos e meio, esse jeito estúpido de “parla-judicializar” tufo chegou ao seu momento de teste máximo. Após o Lullapalooza do 1º de janeiro e os 100 dias de carnavalização do petismo maquiavélico, saberemos o que ficou do novo centrão pós- Pierrô. Muitos, de tantos lados da polarização, esperam as punições que lhe cabem, Presidente! Mas num país de Pedros e Sérgio Cabrais, o “Silêncio dos Inocentes” só dará espaço para a livre batucada do Bloco de Hannibal. A construção de vítimas carismáticas continuará na pauta do desenho dos futuros líderes. Um Pierrô como você, Presidente, pode permanecer



choroso pelo resto da vida. Mas uma *biomerda* como a sua, merece a ressurreição em máscaras de arlequim. Só não demore muito, Pierrô: tem uma fila de Chucky na sua cola em 2026! CUIDA, MACHO!!

ÚLTIMO DIA!!!

¡Adiós año viejo! Que viva el Carnaval de San Juan de Pasto, ¡Carajo! Hoje, mordemos o rabo feito ouroborus para recomençar o ciclo, [conforme o Papa Gregório 1º ordenou em 590 DC](#). Sua santidade foliona aprisionou a Grande Festa Gorda nas semanas iniciais do ano. Y hoy, tal qual um sabadão de “terça-gorda”, somos contagiados pelas infinitas paisagens à beira-mar da cidade sul-colombiana de Pasto, patrimônio cultural da humanidade. Sim, é verdade: Pasto não tem mar, porém tem céus, límpidos ou nublados, para os quais os olhos de uma desiludida esperança voltam-se em busca de sinais. Quais? Os de sempre: ritos de um sacrifício aqui, um musical com bebidas, fogos e fantasias ali, e um “pressentimento” megapositivo acolá... o tempo-mundo será melhor!

Quando perdemos tantos reis e rainhas referenciais (Pelé, Bento 16, Elizabeth 2ª, Erasmo, o “Carlos” mais querido) perdemos também o medo de perder o rei fajuto recém-despachado como uma droga vencida para Miami, via FAB. Isso nos faz relemburar a ironia deslumbrante de Eduardo Dussek convocando a ressurreição de Carlota para lhe servir um café, pois “o mundo acabou”. E o final de um mundo, concreto pela memória e fluido nas possibilidades infinitas de insumos a serem reinventados, é a ambiguidade motora de tudo. De um lado, a incerteza, temerosa e ameaçadora, de que não vamos nos livrar tão cedo dos vícios repugnantes de anos que “saem” sem nunca “irem”. Anos que não calam, pois fragmentam a tal ancestralidade, em versões de 99,99% de inconsciência que somos! De outro, a alegria, satírica e aliviada, de que o resto de nossas vidas continua, Deus sabe como!

E é aqui que o último dia gordo do ano civil sugere aos hermanos de Pasto a sabedoria daquela terça, gorda e carnal no ano espiritual que festejaremos logo ali, 41 dias (e bem mais) antes das cinzas da magra



Quaresma! Nós, as crianças carnavalescas de Oxalá e Iemanjá, nos Mares dos céus de todos os lugares, herdamos de Pasto a mensagem del pastorcito divino: as folias de Réveillon ou Carnaval parabenizam coletivamente nossa jornada na Terra! *Entonces, ¡Feliz Navidad, Carajo!*

PESSOAS QUE MONSTRUAM

O inconsciente é sempre um reino imaturo em busca de tudo. A pintura de Kandinsky, entre tantos poetas e psiquiatras, esticou a longa adolescência em obras monumentais. Não foi a única nem a última. As tempestades do séc. XXI revelam que muitas cabeças dedicam dias e noites à degola de inimigos imaginários. Volta e meia, nominados pela juvenil sentença do cancelamento. Djamila Ribeiro que o diga, quando se pronunciou afirmando que mulheres não são apenas [“pessoas que menstruam”](#). Ela e outros debatedores garantem-se nos argumentos. Necessitam, porém, lembrar que a segunda década de vida dilata-se em monstruosa adolescência até o túmulo.

E tem até quem nem disfarce a explosão de acnes e dentes do siso em cada confusão que apronta, “quase sem querer, querendo”. Portanto, sim: somos pessoas que monstruam! Seja porque: 1) nascemos do ventre do mundo, pagãos de pecado original; 2) crescemos no canto do mundo, de olho num lugarzinho melhor; 3) morremos para fora do mundo, (in)conformados do reino ou do cosmos. Eis que vivemos a vida de adolescências coletivas. E na ressaca da semana pós-Réveillon, vem um amargor de que o Ano Novo já envelheceu o suficiente. Mas para não ficar mal com a galera e os parentes, melhor monstruar calado!

[Voltemos a Kandinsk para encerrar](#). Porque esse russo-germano-francês, em abstrações migrantes, forneceu uma trajetória a nos servir um modelo de *pessoa que monstrea*. Bem que sabemos que a raiz da palavra adolescência está em “crescimento”. Toda pulsão por mudança (reprimida na vida moral ou adulta) pode *monstruar* nesta existência Kandinsk, da eterna e pós-moderna busca da juventude. Aí o imperativo da *monstruação* larga o amaldiçoado preconceito da ironia e abre-se para a pergunta chave neste 2023 de adolescência



radiante (fazendo “L”, nas redes), ou delirante (berrando “B”, nos quartéis)! DI(N)SK o CÃO que *monstrua* em você e siga Kandinsk, na arte de fazer o melhor de ti.

ROBÔ ENCANTADO

Nando Cunha, vestido de Joel, personagem de Glória Perez, faz sua dolorosa e pitoresca “Travessia” (novela das 21h00 na TV Globo) enfrentando um dilema: tolerar ou eliminar o robô Haroldo no bar Encantos da Vila? That is the question?

Difícil não concordar com as neuroses apocalípticas de Joel quando reconhecemos as vantagens cibernéticas da robótica nos liberando do peso das tarefas; e, por tabela, desempregando as rotinas do passado. Aí nosso Joel vira um Shakespeare e pergunta às demais personagens (e telespectadores): “Só eu estou vendo o perigo desse boneco de lata, enquanto vocês só querem bater palmas pra maluco?” A resposta tende a ser dupla ou múltipla, pois, em geral, [compreendemos que não há paraíso moderno sem tecnologia de super máquinas!](#) E o resultado é, ao menos na novela, um encantamento pelo Haroldo e um pedido para que Joel divirta-se mais, mesmo que seus dias como garçom/trabalhador braçal estejam contados.

Por extensão, teve muitos de nós (eus, eles e os outros) que, robotizados por um vício “patriopático” (doença coletiva nunca terminal), bozificou Haroldo vestindo Joeis de verde-amarelo. Dia 08/01, quando nessa versão demente transformamos a Praça dos Três Poderes em “invasão do Capitólio”, provamos o quanto aceitamos nivelar merda sob merda. E ainda houve tantos, de todos os lados, lembrando:.” mas se ninguém morreu... não foi tão terrível assim, não é?” NÃO, DEMENTE! A morte simbólica e cultural indica que a vida de uma coletividade nada valeu! Tem coisa pior?

Os Encantados, em nossa ancestralidade indígena, equivalem a espíritos divinais, deidades protetoras do Eu-cósmico, no cantinho do mundo em que nossas vidas florescem. Quando robôs encantam mais que ancestrais, os protótipos de Anderson Torres ganham o



lugar de Xangô, e a Justiça reduz-se à confissão criminosa. Os robôs teleguiados pela vingança da derrota eleitoral gravaram todo seu terror! A democracia de Joel foi avisada! Sairá do encantamento para prevenir-se com segurança?

AMERICANIX BUDEGUIX

Os “poetas” de São Dimas (O Santo bom ladrão) copiaram o poeta com nome de “Reis” para transformar um pequenino roubo de bilhões (e mais uns trocadinhos) em inconsistência contábil da empresa. Vejamos a cópia:

A letra A do seu nome

Abre essa porta e entra

Na mesma casa onde eu moro

Na mesa que me alimenta

telha esquentada e cobre

Quando de noite ela deita

A gente pensa que escolhe

Se a gente não sabe inventa.

Ainda motivados pelo sumiço dos Reis Magos, Lemann-Telles-Sicupira emitiram Nota Pública aos ilhéus de Santa Fake - agora sob nova direção - para dizer simplesmente: nunca soubemos de nada e não vamos ficar no prejuízo tanto quanto vocês! Por essas e outras é que a criação de pets ultrapassou a criação de putos, seja em Portugal ou na ilha. O que esperar do Ano Novo Chinês para 8 bi. de vidas humanas desejando ser tão *americanix* como o trio de boteco das Lojas Americanas? Um super coelho pascal saindo da cartolagem do mercado? Pode ser... afinal, no leito de morte, devemos imaginar todos os sonhos frustrados em delírio convincente, tipo: o/a primata morreu falando merda, mas feliz com a Graça de Deus!



Ao contrário dos poetas ilhéus, os 200 do Fórum de Davos 23, liderados pela Dona Abigail da Disneylândia, disseram em nível superior de *americanixagem*: [“Governos Mediócras, NOS SOBRETAXEM, JÁ!”](#). “Ou... vamos transformar esse 1º Mundo em BR-Haiti”. Aí, as mídias repercutem, os intelectuais dizem “eu já falei isso” e os extremistas garantem que o Comunismo tomou conta do puteiro global. No balanço geral, todo americanix budeguiux quer ser crucificado ao lado de Cristo para ter fórum privilegiado, seja em Davos ou no devido processo legal. Estivessem realmente interessados em corrigir os desequilíbrios cósmicos, os poetas Letra A e os Disneycomics usariam sua genialidade empresarial para reverter a situação em Liberalismo sustentável e justo. Mas nos botecos de gringos e tupis, só querem mesmo é folia, samba das bênçãos e palpite infeliz! Se não der... *Chame, Chame o Ladrão, Chame o (Mal) Ladrão!*

COM MAIS BLOCO E MENOS ESCOLA (1)

Entramos na reta final dessas novas-velhas crônicas, escrevendo a primeira parte de uma ideia-revanche, carente de mais espaço do que as 330 palavras que o SR. INSTA permite. Não, sem dúvida, não se trata de exagero ou dificuldade de explicação. Mas de clímax para encerrar este livro de 111 crônicas com um assunto bem representativo das polaridades que agitam a política e a cultura nacional. Boa parte do que chamamos de Santa Mentira, reduzindo um país continental a ilhéus de ideologias, toma conta também do Carnaval; aquela festa pagã-cristã que teve tanto investimento ancestral para superar o velho Entrudo português. Pois não é que nos grandes palcos metropolitanos das lutas em black-white blocks, os super blocos passaram a comandar a festa?

Por isso, não tem mídia o eixo RJ/SP e similares que não destaquem que suas ruas, no santo sábado do Rosário de Lourdes, 11/02, estão dominadas pela alegria bloqueadora dos mil problemas locais. Dezenas, centenas de blocos no fim de semana de pré-Carnaval. E para tudo, já: a folia tomou conta da cidade, com seu modelo único de show esparramado pela diversidade de sons, figurinos e formas de louvar a verdade neoliberal. “Não põe corda no meu bloco”, já dizia o poeta contra a ordem, o progresso e os compromissos do amor. Os blocos são antipositivistas! Eles negam as alterações rituais. Eles literalmente decolam, deliram e dissolvem as estruturas das velhas agremiações. Difícil não identificar neles o caos-entrudo elementar da vida inconsequente.

Claro, para autorizar sua partida e evitar que as violências não culminem em morte generalizada, as formas de ordenamento emergem dos poderes públicos e privados. Mas o fazem com discrição, como se não existissem.



O paradoxo é ver essa totalidade blogueira quase apagar os desfiles das escolas de samba; ou reduzi-los à nostalgia de velho. Em São Paulo, por exemplo, 12 escolas do acesso 2 apresentam-se hoje no Anhembi, mas o que importa hoje é saber o trajeto do Bicho Maluco Beleza e das Putas Vampiras. Nada contra. Só finjo não entender o porquê de uma coisa ter de anular a outra? Invertendo, tudo clareia!

COM MAIS BLOCO E MENOS ESCOLA (2)

Se finjo não entender algo - até por educação formal e ponderada — é porque já entendi tudo. Só quero confirmação na voz do outro. Como disse no texto anterior, os blocos são mais importantes do que as escolas, por alimentarem a nostalgia da insubordinação. Afinal, pelo conteúdo, quem defende a natureza disruptiva de qualquer festa será mais ouvido do que quem afirmar seu espelhamento social. Em outras palavras: o velho que parecer novo terá uma vantagem permanente sobre todo novo com cara de velho. “E, pela forma, professor?” Simples assim: quando você tem duas opções, para identificar-se com uma só, escolhe/acolhe a menos pesada para compreender.

Escolas de samba são, há cem anos, metáforas de um saber religioso e teatral extremamente sofisticado, e demandante do princípio da casa-terreiro; um bem não carnavalesco que se visibiliza no Carnaval, mas só tem sentido existencial efetivo fora dele. Ao contrário, um bloco (de enredo, de empolgação, de sujo, ou NDA) existe para ocupar a barraca/Rua. Claro que pode prosperar e ganhar tradição - Do Bola Preta ao Galo da Madrugada.

Mas, só existe por e para o Carnaval. Como blocos de cimento, geométricos, de construção, econômicos ou de poder, os blocos preexistem às escolas (e outras agremiações) visando, no bloqueio do tempo, a catarse da folia. Espelham a base convulsiva do Carnaval e merecem a condição de dominância por um direito à folia, conforme a tese do Prof. Guilherme Varella (UFBA), [ao documentar cientificamente a retomada da força dos blocos](#). Mas a lógica do reconhecimento de que uma agremiação foliona precisa acessar as ruas e manter sua natureza de bloco, não isenta o dever (a ética além do Direito) de recriar o Carnaval, tal qual as escolas de samba. E nessa recriação, tudo que é duplo idealiza nas polaridades o número 1 vencedor. Enquanto tudo



que é triplo sabe que o ideal é sempre múltiplo e infinito. Um dever contém muitos direitos. Não basta *fazer por merecer* passivamente... tem de inventar caminhos, como o samba que só se aprende nas escolas. Nesta equação, menos é bem mais!

COM MAIS BLOCO E MENOS ESCOLA (3)

Chegamos às cinzas da magra Quaresma para um outro ciclo de inspirações (e pirações) recomençar. Por isso, menos é mais, conforme as verdades idealizadas dos enredos de escolas — com ou sem samba — nos títulos das minorias vencedoras e no desaparecimento das maiorias. As invisibilidades das alegorias desfilantes não passarão de desejos investidos nos lugares da lua cheia. Dragões que não morrem, Santos Jorges que não matam e delírios que jamais triunfam. E no jogo repetitivo da Ilha da Santa Mentira, mais e mais promessas permanecerão aquém e além dos Carnavais... Menos, bem menos! Basta olhar o noticiário dos 35 anos de democracia constitucional. Economia com menos sustentabilidade, vida urbana com menos segurança, maior escolaridade com menos empregabilidade, rede informacional com menos saúde mental. Sim, ao contrário, a governabilidade virou a chave para mais, depois da última eleição; mas a responsabilidade social, iludida pelo justicialismo digital e libertino, arrasta a política para um ridículo fracasso. Seja na crise geopolítica da Rússia neoczarista, seja nos extremismos dos que desejam fazer revolução com armas e invasões, os enredos repetem-se como negação e farsa de qualquer mundo melhor. Nesse sentido, os blocos de arrasto, nas ruas das nossas cidades, profetizam as águas turbulentas de São Sebastião-SP no Carnaval 2023: é descer os morros levando tudo pela frente. Até reconstruir da lama ao caos (e do caos à lama) toda crua realidade que traça a mesma pergunta dos últimos 100 anos: cadê o planejamento?

Entre os deuses do futuro e as máquinas que nos prendem ao passado - da máxima preguiça com menor criatividade - estamos rodopiando irregularmente. Fazendo uma espécie de giro e contragiro inseguro e incompleto. Perdemos o passo do samba, como Paulinho da Viola sintetizou em seu [*“Bêbado Samba”* \(1996\)](#)... *NINGUÉM É DE*



PEDRA. Não somos blocos, somos fluência, confluência, escolas de tudo que supera 111 versões.

Da 112 crônica em diante, o canto, a boca do mundo, são todos seus, minha querida pessoa leitora! Cuide de escrevê-la!

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo n. 54, de
1995)

© Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei
9.610, de 19.02.1998.

Mapeamentos Cognitivos. No laboratório que coordena, na UFC, ampliado para lidar com temas da comunicação — Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES) — as festividades (religiosas, civis, momescas, entre outras) ganharam espaço em um grupo de estudos denominado COLIGAR: Colóquios Interculturais de Geoeducação, Artes-Patrimônio e Religiosidade Turística. As *Crônicas 2. Terra Carnavalesca*, dessa vez, levantam a poeira disso tudo, sem descanso. Ousam carnavalizar a forma-conteúdo-vontade de manter o Sol iluminando o porvir de sua/nossa vida!





Os textos presentes neste volume 2 de crônicas foram escritos ao longo de quase três anos, por meio de postagens pessoais e periódicas feitas pelo autor nas plataformas instagram e facebook. É importante frisar que esses textos mediaram a interação com seu grupo de amigos e amigas, alguns(mas) deles(as) saudosos(as) da versão inicial das “crônicas” produzidas em 2015.

Num semelhante movimento de experimentação literária, o livro *Crônicas 2: terra carnavalesca* segue a mesma dinâmica das postagens: coletar fatos predominantemente midiáticos, capazes de impactar nossos olhares, pensamentos e valores.

As fotografias presentes neste livro são de autoria de Raimundo Freitas Aragão, professor e doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará-UFC, que as cedeu gentilmente para dialogar com cada texto, em substituição às imagens utilizadas no rascunho original das redes sociais.

A ideia de associar imagens aos textos é permitir uma reflexão para além do que está escrito e, assim, articular um conjunto diverso de interpretações multimodais. As datas das postagens originais foram excluídas justamente para conferir novas possibilidades de leitura neste formato.

— *Christian Dennys Monteiro de Oliveira*